

EFÉSIOS

ÍNDICE

EPHESIANS

WILLIAM BARCLAY
Título original em inglês:
The Letter to the Ephesians

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

... Introduce e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

**PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO**

ÍNDICE**Prefácio****Introdução Geral****Introdução Geral às Cartas Paulinas****Introdução à Carta aos Efésios****Capítulo 1****Capítulo 3****Capítulo 5****Capítulo 2****Capítulo 4****Capítulo 6****PREFÁCIO A GÁLATAS E EFÉSIOS**

Os comentários a estas duas cartas de Paulo apareceram originalmente por separado com um intervalo de dois anos, para logo ser publicados juntos num só tomo.

O autor menciona em seu Prefácio a Gálatas, o fato de haver-se publicado numerosas obras sobre esta epístola, dada a influência que ela teve na Igreja. Lembra que uma das obras mais importantes do Lutero foi seu comentário sobre o Gálatas, e menciona como um "monumento de erudição e um tesouro de materiais" o de E. D. Burton no *International Critical Commentary*. Dos comentários existentes sobre o texto inglês menciona o de A. W. F. Blunt na *Clarendon Bible*; mas, diz, "o melhor comentário em inglês continua sendo o de G. S. Duncan no *Moffatt Commentary*".

Termina com a afirmação de que Gálatas "leva-nos mais perto do coração do evangelho de Paulo" que qualquer outra de suas cartas.

Com referência a Efésios, assinala que é uma das cartas de Paulo mais frequentemente estudadas, como que põe diante de nós o ideal da Igreja. Menciona como três grandes comentários sobre o texto grego os de J. Armitage Robinson, B. F. Westcott e T. K. Abbott. Entre os comentários sobre o texto inglês, menciona os de E. F. Scott no *Moffatt*

Commentary, J. Armitage Robinson, e H. G. Moule, e recomenda como excelente a exposição de Efésios pelo Dr. John A. Mackay.

Os Editores

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que

Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO GERAL ÀS CARTAS DE PAULO

As cartas de Paulo

No Novo Testamento não há outra série de documentos mais interessante que as cartas de Paulo. Isto se deve a que de todas as formas literárias, a carta é a mais pessoal. Demétrio, um dos críticos literários gregos mais antigos, escreveu uma vez: "Todos revelamos nossa alma nas cartas. É possível discernir o caráter do escritor em qualquer outro tipo de escrito, mas em nenhum tão claramente como nas epístolas" (Demétrio, *On Style*, 227).

Justamente pelo fato de Paulo nos deixar tantas cartas, sentimos que o conhecemos tão bem. Nelas abriu sua mente e seu coração àqueles que tanto amava; e nelas, até o dia de hoje, podemos ver essa grande inteligência abordando os problemas da Igreja primitiva, e podemos sentir esse grande coração pulsando com o amor pelos homens, mesmo que estivessem desorientados e equivocados.

A dificuldade das cartas

E entretanto, é certo que não há nada tão difícil como compreender uma carta. Demétrio (em *On Style*, 223) cita um dito do Artimón, que compilou as cartas do Aristóteles. Dizia Artimón que uma carta deveria ser escrita na mesma forma que um diálogo, devido a que considerava que uma carta era um dos lados de um diálogo. Dizendo o de maneira mais moderna, ler uma carta é como escutar a uma só das pessoas que tomam parte em uma conversação telefônica. De modo que quando

lemos as cartas de Paulo frequentemente nos encontramos com uma dificuldade: não possuímos a carta que ele estava respondendo; não conhecemos totalmente as circunstâncias que estava enfrentando; só da carta podemos deduzir a situação que lhe deu origem. Sempre, ao ler estas cartas, nos apresenta um problema dobro: devemos compreender a carta, e está o problema anterior de que não a entenderemos se não captarmos a situação que a motivou. Devemos tratar continuamente de reconstruir a situação que nos esclareça carta.

As cartas antigas

É uma grande lástima que se chamasse *epístolas* às cartas de Paulo. São *cartas* no sentido mais literal da palavra. Uma das maiores chaves na interpretação do Novo Testamento foi o descobrimento e a publicação dos *papiros*. No mundo antigo o *papiro* era utilizado para escrever a maioria dos documentos. Estava composto de tiras da medula de um junco que crescia nas ribeiras do Nilo. Estas tiras ficavam uma sobre a outra para formar uma substância muito parecida com nosso papel de envolver. As areias do deserto do Egito eram ideais para a preservação do papiro, porque apesar de ser muito frágil, podia durar eternamente se não fosse atingido pela umidade. De modo que das montanhas de escombros egípcios os arqueólogos resgataram literalmente centenas de documentos, contratos de casamento, acordos legais, inquéritos governamentais, e, o que é mais interessante, centenas de cartas particulares. Quando as lemos vemos que todas elas respondiam a um modelo determinado; e vemos que as cartas de Paulo reproduzem exata e precisamente tal modelo. Aqui apresentamos uma dessas cartas antigas. Pertence a um soldado, chamado Apion, que a dirige a seu pai Epímaco. Escrevia de Miseno para dizer a seu pai que chegou a salvo depois de uma viagem tormentosa.

"Apion envia suas saudações mais quentes a seu pai e senhor Epímaco. Rogo acima de tudo que esteja bem e são; e que. tudo parta bem para ti, minha irmã e sua filha, e meu irmão. Agradeço a meu Senhor Serapi [seu Deus] que me tenha salvado a vida quando estava em perigo no mar. logo que cheguei ao Miseno obtive meu pagamento pela viagem —três moedas de ouro. Vai muito bem. portanto te rogo, querido pai, que me escreva, em primeiro lugar para me fazer saber que tal está, me dar notícias de meus irmãos e em terceiro lugar, me permita te beijar a mão, porque me criaste muito bem, e porque, espero, se Deus quiser, me promova logo. Envio minhas quentes saudações a Capito, a meus irmãos, a Serenila e a meus amigos. Envio a você um quadro de minha pessoa pintado pelo Euctemo. Meu nome militar é Antônio Máximo. Rogo por sua saúde. Sereno, o filho do Agato Daimón, e Turvo, o filho do Galiano, enviam saudações. (G. Milligan, *Seleções de um papiro grego*, 36).

Apion jamais pensou que estaríamos lendo sua carta a seu pai mil e oitocentos anos depois de havê-la escrito. Ela mostra o pouco que muda a natureza humana. O jovem espera que ser logo ascendido. Certamente Serenila era a noiva que tinha deixado em sua cidade. Envia á sua família o que na antiguidade equivalia a uma fotografia. Esta carta se divide em várias seções.

- (1) Há uma saudação.
- (2) Roga-se pela saúde dos destinatários.
- (3) Agradece-se aos deuses.
- (4) Há o conteúdo especial.
- (5) Finalmente, as saudações especiais e os pessoais.

Virtualmente cada uma das cartas de Paulo se divide exatamente nas mesmas seções. as consideremos com respeito às cartas do apóstolo.

(1) *A saudação*: Romanos 1:1; 1 Coríntios 1:1; 2 Coríntios 1:1; Gálatas 1:1; Efésios 1:1; Filipenses 1:1; Comesse guloseimas 1:1-2; 1 Tessalonicenses 1:1; 2 Tessalonicenses 1:1.

(2) *A oração*: em todos os casos Paulo ora pedindo a graça de Deus para com a gente a que escreve: Romanos 1:7; 1 Coríntios 1:3; 2

Coríntios 1:2; Gálatas 1:3; Efésios 1:2; Filipenses 1:3; Colossenses 1:2; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:3.

(3) *O agradecimento*: Romanos 1:8; 1 Coríntios 1:4; 2 Coríntios 1:3; Efésios 1:3; Filipenses 1:3; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:2.

(4) *O conteúdo especial*: o corpo principal da carta constitui o conteúdo especial.

(5) *Saudações especiais e pessoais*: Romanos 16; 1 Coríntios 16:19; 2 Coríntios 13:13; Filipenses 4:21-22; Colossenses 4:12-15; 1 Tessalonicenses 5:26.

É evidente que quando Paulo escrevia suas cartas o fazia segundo a forma em que todos faziam. Deissmann, o grande erudito, disse a respeito destas cartas: "Diferem das mensagens achadas nos papiros do Egito não como cartas, mas somente em que foram escritas por Paulo." Quando as lemos encontramos que não estamos diante de exercícios acadêmicos e tratados teológicos, mas diante de documentos humanos escritos por um amigo a seus amigos.

A situação imediata

Com bem poucas exceções Paulo escreveu suas cartas para enfrentar uma situação imediata. Não são tratados em que Paulo se sentou a escrever na paz e no silêncio de seu estudo. Havia uma situação ameaçadora em Corinto, Galácia, Filipos ou Tessalônica. E escreveu para enfrentá-la. Ao escrever, não pensava em nós absolutamente; só tinha posta sua mente nas pessoas a quem se dirigia. Deissmann escreve: "Paulo não pensava em acrescentar nada às já extensas epístolas dos judeus; e menos em enriquecer a literatura sagrada de sua nação... Não pressentia o importante lugar que suas palavras ocupariam na história universal; nem sequer que existiriam na geração seguinte, e muito menos que algum dia as pessoas as considerariam como Sagradas Escrituras."

Sempre devemos lembrar que não porque algo se refira a uma situação imediata tem que ser de valor transitivo. Todos os grandes

cantos de amor foram escritos para uma só pessoa, mas todo mundo adora. Justamente pelo fato de as cartas de Paulo serem escritas para enfrentar uma situação ameaçadora ou uma necessidade clamorosa ainda têm vida. E porque a necessidade e a situação humanas não mudam, Deus nos fala hoje através delas.

A palavra falada

Devemos notar mais uma coisa nestas cartas. Paulo fez o que a maioria das pessoas faziam em seus dias. Normalmente ele não escrevia suas cartas; ditava-as e logo colocava sua assinatura autenticando-as. Hoje sabemos o nome das pessoas que escreveram as cartas. Em Romanos 16:22, Tércio, o secretário, inclui suas saudações antes de finalizar a carta. Em 1 Coríntios 16:21 Paulo diz: “A saudação, escrevo-a eu, Paulo, de próprio punho.” Ou seja: *Esta é minha própria assinatura, meu autógrafo, para que possam estar seguros de que a carta provém de mim.* (Ver Colossenses 4:18; 2 Tessalonicenses 3:17.)

Isto explica muitas coisas. Às vezes é muito difícil entender a Paulo, porque suas orações começam e não terminam nunca; sua gramática falha e suas frases se confundem. Não devemos pensar que Paulo se sentou tranqüilo diante de um escritório, e burilou cada uma das frases que escreveu. Devemos imaginá-lo caminhando de um lado para outro numa pequena habitação, pronunciando uma corrente de palavras, enquanto seu secretário se apressava a escrevê-las. Quando Paulo compunha suas cartas, tinha em mente a imagem das pessoas às quais escrevia, e entornava seu coração em palavras que fluíam uma após outra em seu desejo de ajudar. As cartas de Paulo não são produtos acadêmicos e cuidadosos, escritos no isolamento do estudo de um erudito; são correntes de palavras vitais, que vivem e fluem diretamente de seu coração ao dos amigos aos quais escrevia.

INTRODUÇÃO À CARTA AOS EFÉSIOS

A carta suprema

Por consenso geral a Carta aos Efésios se localiza no plano mais elevado dentro da literatura devocional e teológica da Igreja primitiva. foi chamada "A rainha das epístolas", e com razão. Muitos sustentariam que nela alcança sua mais alta expressão do pensamento neotestamentário. Quando morria John Knox, já próximo a seu desenlace o livro que com mais frequência lhe liam era os *Sermões sobre a Carta aos Efésios* de João Calvino. O grande poeta e filósofo Coleridge disse de Efésios que era "a mais divina composição humana". E adicionava: "Abrange em primeiro termo aquelas doutrinas peculiares ao cristianismo e, logo, os preceitos comuns à religião natural". *Efésios* é sem dúvida uma carta que tem um lugar próprio na correspondência paulina.

Mas apesar disto há problemas muito reais vinculados a *Efésios* que não podem considerar-se produtos especulativos de investigadores supercríticos; são problemas que todos podem ver facilmente. Também é verdade que quando esses problemas são resolvidos, *Efésios* se engrandece como nunca e até brilha com luz mais radiante, revestindo-se de uma importância ainda maior.

Circunstâncias em que se escreveu Efésios

Antes de tratar qualquer tema discutível, assinalemos primeiro o que é certo. Em primeiro termo *Efésios* evidentemente foi escrita estando Paulo preso. Ele se chama a si mesmo "prisioneiro de Cristo Jesus" (3:1); "detento no Senhor" que lhes roga (4:1); em sua famosa frase é um "embaixador em cadeias" (6:20). Paulo estava preso e muito perto de seu fim quando escreveu *Efésios*. Em segundo lugar, *Efésios* tem claramente uma relação muito estreita e íntima com *Colossenses*. Pareceria que

Tíquico foi o portador de ambas as cartas, pois em Colossenses Paulo diz que aquele lhes informará sobre sua situação (Colossenses 4:7); em Efésios diz que Tíquico lhes dará notícias sobre seus assuntos e sobre como ele está (Efésios 6:2). Tíquico está relacionado intimamente com estas duas cartas. Mas além disso há semelhança no conteúdo das mesmas. É tanta a similitude que se contam mais de 55 versículos idênticos. Ou, como sustenta Coleridge, Colossenses é o que poderia chamar-se "a superabundância" de Efésios ou Efésios constitui uma versão mais extensa de Colossenses. No final veremos que esta semelhança é a que nos dá a chave do lugar único de Efésios entre as cartas de Paulo.

O problema

Assim, pois, é certo que Efésios foi escrito quando Paulo estava no cárcere por razão de sua fé e que de algum modo tem a mais estreita relação possível com Colossenses. Onde está pois o problema? O problema surge quando se começa a indagar na pergunta *a quem foi escrita a carta*. Na antigüidade as cartas eram escritas em rolos de papiro. Ao serem concluídas eram ligadas com uma corda; em caso de ser particularmente privadas ou importantes o nó da corda era selado. Mas raramente ocorria que se chegasse a escrever o endereço do destinatário pela simples razão de que no mundo antigo o homem comum não dispunha de um sistema postal. O governo possuía seu correio, mas só destinado à correspondência oficial e imperial, não ao uso privado nem de cartas deste tipo. Naquela época as cartas eram entregues em mãos; alguém se encarregava de levá-las pessoalmente; pelo qual a direção não era necessária. Por isso os títulos das cartas do Novo Testamento não são absolutamente parte das cartas originais. Os títulos se inseriram depois que as cartas foram colecionadas e publicadas com o fim de que fossem lidas em toda a Igreja.

Agora, quando estudamos mais de perto e com inteligência a Carta aos Efésios advertimos que, efetivamente é muito improvável se dirigiu à Igreja de Éfeso. Há razões *internas* que levam a esta conclusão.

(a) Salta à vista que a Carta foi dirigida a gentios. Os destinatários da Carta eram “gentios na carne, chamados incircuncisão por aqueles que se intitulam circuncisos, na carne... sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa” (2:11, 12). Paulo lhes suplica: “não mais andeis como também andam os gentios” (4:17). O fato de que se tratasse de gentios não significa, certamente, que a Carta não fosse enviada a Éfeso; mas dá, antes, a certeza de quais eram os destinatários.

(b) É inegável que *Efésios* é a carta mais impessoal que Paulo escreveu. Do começo até o fim não há nenhuma nota pessoal. Carece inteiramente das saudações pessoais e mensagens íntimas de que estão cheias as outras cartas. Isto é duplamente surpreendente se lembrarmos que Paulo permaneceu em Éfeso mais tempo que em qualquer outra cidade; esteve ali não menos de três anos (Atos 18:9-10). Além disso, em Atos 20:17-35 podemos ler a despedida de Paulo dos anciãos de Éfeso em sua última viagem, antes de abandonar Mileto. Em todo o Novo Testamento não há uma passagem de maior intimidade e afeto, e frente a tudo isto é muito difícil crer que Paulo enviasse a Éfeso uma carta completamente impessoal e desprovida de toda nota íntima.

(c) Ainda mais. A Carta indica que Paulo e os destinatários não se conheciam pessoalmente; só se conheciam por rumores e referências à margem de todo contato real. Em 1:15 Paulo escreve: “Tendo ouvido da fé que há entre vós”. Conhecia a fidelidade das pessoas às quais se dirigia por informação e não por experiência. Em 3:2 lhes escreve: “Se é que tendes ouvido a respeito da dispensação da graça de Deus a mim confiada para vós outros”; isto equivale a dizer: “Se tiverem ouvido que Deus me encomendou a tarefa especial e a acusação de ser o apóstolo dos gentios como vós”. O conhecimento que a Igreja tinha de Paulo — neste caso como apóstolo dos gentios — provinha de informações, não

do contato pessoal. Assim, pois, a Carta em si tem sinais de que não se adapta às íntimas relações pessoais que Paulo tinha com a Igreja de Éfeso.

Estes atos poderiam ser levados em conta ou desprezados, mas há um fator externo que emaranha a questão. Em 1:1 nenhum dos grandes manuscritos primitivos do Novo Testamento grego contém as palavras *em Éfeso*. Todos estes manuscritos dizem: "Paulo... aos santos e fiéis em Cristo Jesus". E sabemos, pelo modo como o comentavam, que essa era efetivamente a forma em que os grandes Pais gregos da antigüidade conheciam o primeiro versículo de Efésios.

Foi Paulo o autor?

Há alguns investigadores que assinalam outra dificuldade em Efésios. Põem em dúvida que Paulo seja efetivamente o autor da Carta. Quais são os fundamentos em que se baseiam estas dúvidas? Dizem que o *vocabulário* é diferente do de Paulo; e é verdade que em Efésios há umas setenta palavras que não se encontram nas outras cartas. Mas isto não precisa nos preocupar já que em Efésios Paulo diz coisas que jamais havia dito antes; seu pensamento percorre um caminho que não tinha percorrido com antecedência; e é muito natural que necessitasse novas palavras para expressar novos pensamentos. Seria ridículo pedir que um homem com uma mente como a de Paulo não enriquecesse jamais seu vocabulário e se expressasse sempre da mesma maneira. Diz-se que o *estilo* não é o de Paulo. Isto é verdade; até nas traduções, não digamos no grego, pode-se apreciar que o estilo de Efésios é diferente do das outras cartas. Todas as outras cartas foram escritas com referência a uma situação determinada, a uma emergência definida ou a problemas concretos. Mas, como diz A. H. M'-Neile, Efésios é "um tratado teológico ou, antes, uma meditação religiosa". Até o uso da linguagem é diferente. Moffatt o expressa desta maneira: geralmente a linguagem de Paulo irrompe como uma cascata ou uma corrente com uma perfeita

catarata de palavras apaixonadas; mas em Efésios temos "uma corrente suave e limpa que flui constantemente e transborda suas elevadas margens". Em Efésios a longitude das frases é chamativa. No texto grego de Efésios 1:3-14,15-23; 2:1-9; 3:1-7 achamos sentenças longas e tortuosas. M'-Neile chama efésios, acertadamente e com justiça "um poema em prosa". Tudo isto é muito diferente do estilo normal de Paulo.

Então, o que dizer a isto? Em primeiro termo é um fato geral que nenhum escritor de importância escreve sempre no mesmo estilo. Um Shakespeare pode adotar os muito diferentes estilos de *Hamlet*, *O sonho de uma noite do verão*, *A ferinha domada* e os Sonetos. Todo grande estilista — e Paulo o era — escreve num estilo que se adapta a seu propósito e às circunstâncias do momento em que escreve. É crítica de má lei dizer que Paulo não escreveu Efésios simplesmente porque esta Carta contém um novo vocabulário e um novo estilo. Mas há mais ainda. Lembremos como escreveu Paulo a maior parte de suas cartas: em meio de um trabalho apostólico muito ativo em que geralmente estava de viagem. Escreveu para responder os problemas urgentes que deviam ser tratados nesse mesmo momento. Isto significa que a maior parte de suas cartas foram escritas em circunstâncias muito difíceis e quase sempre, correndo contra o tempo.

Lembremos agora como escreveu Efésios. Dedicou-se a esta tarefa *enquanto estava preso*. Portanto dispunha de todo o tempo possível: não tinha por que apressar-se porque tinha pela frente meses da prisão, sem outra coisa a fazer senão pensar e escrever. É de estranhar que o estilo de Efésios não seja o estilo das cartas mais antigas? Ainda mais, a diferença de estilo — o caráter poético e meditativo — é mais visível nos três primeiros capítulos que são *uma longa prece* que culmina na grande doxologia do final do capítulo três. Por certo que não há nada semelhante a isto nas cartas de Paulo. É a linguagem da prece poesia lírica, não o do argumento, da controvérsia ou da recriminação.

É evidente que Efésios foi escrita com um vocabulário e num estilo que diferem do das outras cartas paulinas; mas foi escrita para expressar

novas idéias em circunstâncias inteiramente diferentes e — como o veremos — com um propósito muito diferente do de qualquer das outras. Diferencia-as estão longe de provar que Efésios não pertença a Paulo.

O pensamento da Epístola

Alguns investigadores afirmam que o pensamento de Efésios excede ao de qualquer outra carta paulina. Vejamos qual é esse pensamento. Vimos que Efésios se vincula estreitamente com Colossenses. O grande pensamento central de Colossenses é a *suficiência total de Jesus Cristo*. Em Jesus Cristo reside todo conhecimento e toda sabedoria (Colossenses 2:3); aprouve ao Pai que nEle habitasse toda plenitude (Colossenses 1:19); numa grande frase, Cristo é "corporalmente toda a plenitude da Divindade" (Colossenses 2:9); só ele é necessário e suficiente para a salvação do homem (Colossenses 1:14). Todo o conteúdo de Colossenses se baseia na suficiência plena de Jesus Cristo. O pensamento de Efésios desenvolve esta concepção; uma síntese completa do mesmo encontra-se em dois versículos do primeiro capítulo onde Paulo apresenta a Deus: "E nos revelou o mistério da sua vontade, de acordo com o seu bom propósito que ele estabeleceu em Cristo, isto é, de *fazer convergir em Cristo todas as coisas*, celestiais ou terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos" (Efésios 1:9-10, NVI).

A idéia chave de Efésios é a reunião de todas as coisas em Jesus Cristo. Cristo é o centro em quem se unem todas as coisas e o laço que todo o liga. Na natureza sem Cristo não há mas sim desunião e desarmonia. A natureza é um campo de batalha "vermelho, com dentes e garras". O domínio do homem rompeu a união social que devia existir entre homens e animais. O homem está dividido do homem, a classe da classe, a nação da nação, a ideologia da ideologia, o gentio do judeu. O mundo sem Cristo é um mundo dividido, desunido, fragmentado. O que é verdade do mundo natural exterior também o é da própria natureza

humana. Em cada homem há uma tensão; cada homem é uma guerra civil em marcha; livra-se uma batalha constante entre a parte superior e a inferior do homem; o homem está sempre esmigalhado entre o desejo do bem e do mal; aborrece seus pecados e ao mesmo tempo os ama.

Para o pensamento grego como para o judeu da época de Paulo essa batalha, essa desarmonia e essa desunião se estendem até as mesmas alturas celestiais. Está-se desenvolvendo uma luta cósmica entre os poderes do mal e os poderes do bem; entre os bons e os maus espíritos e os poderes angélicos; entre Deus e os demônios. Mas o pior de tudo é a desarmonia, a desunião e a separação entre Deus e o homem. O homem que tinha sido destinado a estar em comunhão com Deus se sentiu estranho a Ele. De modo que aonde quer que olhemos no mundo sem Cristo não há outra coisa senão desunião. Esta desunião não está no desígnio de Deus; Deus propôs a harmonia do universo e não a desarmonia. E o único caminho para que esta desunião se torne em união e esta desarmonia se torne em harmonia é que todas as coisas, todos os homens, todos os poderes nos céus e na Terra se unam em Cristo.

Como disse E. F. Scott: "Os inumeráveis fios quebrados deviam reunir-se de novo em Cristo, ligados de novo em um como foi no princípio". O pensamento central de Efésios é a compreensão da desunião na natureza, no homem, no tempo, na eternidade, desunião entre Deus e o homem, e a convicção de que toda esta desunião pode converter-se em unidade quando todos os homens e todos os poderes se unam em Cristo.

A origem do pensamento de Paulo

Como chegou Paulo a esta grande concepção da união de todas as coisas em Jesus Cristo? Muito provavelmente por dois caminhos. Foi sem dúvida o resultado inevitável de sua convicção, tão vividamente exposta em Colossenses, de que Cristo é plenamente suficiente. Se em Cristo há uma suficiência plena, então todos os homens, todas as coisas e

todos os poderes só podem chegar à unidade quando aceitam a Cristo e vivem nEle. Mas também pode ser que houvesse outra coisa que moveu o pensamento de Paulo nesta direção. Paulo era cidadão romano e estava orgulhoso disso. Em suas viagens tinha estado em constante contato com o império romano e agora encontrava-se em Roma a cidade imperial. Agora, com o império romano se estabeleceu uma nova unidade no mundo. A *pax romana* era um fato muito real. Reinos, cidades e nações, que tinham lutado, combatido, competido e guerreado entre si, congregavam-se agora numa nova unidade dentro do império romano. As barreiras tinham sido derrubadas, as divisões superadas; as hostilidades tinham concluído, as tensões se relaxaram; tudo chegou a adquirir unidade em Roma. Bem pode ser que desde sua prisão Paulo tenha visto sob uma nova luz toda esta unidade centralizada em Roma; pôde ter captado em tudo isto um símbolo ou uma parábola de como todas as coisas devem centralizar-se em Cristo, e reunir-se nEle, se é que de algum modo a natureza, o mundo e a humanidade têm que chegar alguma vez à unidade. Por certo, longe de ser uma concepção que excedesse o pensamento de Paulo, todo seu pensamento e sua experiência o teriam levado precisamente a este resultado.

A função da Igreja

Nos três primeiros capítulos da Carta Paulo oferece sua concepção sobre a unidade em Cristo. Nos seguintes três diz muito sobre o lugar da Igreja no plano de Deus para levar a cabo esta unidade. Para que existe a Igreja? Qual é sua verdadeira função no plano de Deus? Onde intervém a Igreja neste propósito de trazer uma nova unificação a um mundo desunido? É aqui onde Paulo acerta no alvo com uma de suas frases mais importantes. A Igreja é *o corpo de Cristo*. A Igreja tem que ser as mãos para a obra de Cristo, pés para correr atrás dos que se desviam, uma boca que fala por Ele, um instrumento e um corpo pelos quais pode operar. Assim, pois, achamos em Efésios uma dupla tese. Primeiro, Cristo é o

instrumento de Deus para a reconciliação; segundo, a Igreja é o instrumento de Cristo para essa reconciliação. A Igreja deve levar Cristo ao mundo e dentro dela devem cair por terra todos os muros divisórios e as separações. Mediante a Igreja deve realizar-se e levar-se a cabo a unidade de todos os elementos discordantes. A Igreja deve pregar ao Cristo em quem somente é possível a unidade, e dentro da Igreja deve obter-se e realizar-se essa unidade.

Como diz E. F. Scott: "A Igreja tem como finalidade a reconciliação do mundo para a qual veio Cristo: e em todas suas relações entre si, os cristãos devem buscar realizar esta idéia formativa da Igreja".

Quem se não Paulo?

Este é, pois, o pensamento de Efésios. Como vimos, alguns, pensando no vocabulário, no estilo e no pensamento da Carta, não podem crer que Paulo a tenha escrito.

E. J. Goodspeed, o investigador norte-americano, adiantou uma teoria interessante, mas não convincente. Diz que com toda probabilidade foi em Éfeso onde cerca de 90 de nossa era, teriam sido recolhidas, publicadas e enviadas a toda a Igreja as cartas de Paulo. Segundo a teoria de Goodspeed o responsável pela recopilação — algum discípulo entusiasta de Paulo — escreveu Efésios como um prefácio ou uma introdução a toda a coleção. Basta um fato importante para deitar por terra com esta teoria. Toda imitação é inferior ao original. Toda obra secundária se revela ela mesma como tal. Mas Efésios, longe de ser inferior, pode ser considerada a maior das cartas de Paulo, e se o próprio Paulo não a escreveu devemos postular como autor a alguém ao menos da talha do apóstolo, ou superior.

E. F. Scott faz uma pergunta muito oportuna "Podemos pensar que na Igreja do tempo de Paulo tenha existido um mestre desconhecido de tão suprema excelência? O natural é supor que uma carta tão afim ao melhor da obra de Paulo não pôde ter sido escrita por outro que pelo

próprio Paulo". Ninguém teve jamais uma visão tão grande de Cristo como a que o concebe centro único no qual todas as desuniões da vida se transformam em unidade. Ninguém jamais teve uma visão maior da Igreja que a que vê nela o instrumento de Deus para a reconciliação universal. Bem podemos crer que ninguém a não ser de Paulo pôde ter chegado a tal visão.

O destino de Efésios

Voltemos para problema que antes ficou sem resolver. Se Efésios não foi escrita para Éfeso — e vimos que dificilmente pôde ter sido assim — a que Igreja esteve destinada?

A posição mais antiga é que foi escrita a Laodicéia. Em Colossenses 4:16 Paulo escreve: “E, uma vez lida esta epístola perante vós, providenciai por que seja também lida na igreja dos laodicenses; e a dos de Laodicéia, lede-a igualmente perante vós”. Desta frase resulta certo que Paulo escreveu uma carta à Igreja do Laodicéia. Entre as cartas que temos de Paulo não há nenhuma aos laodicenses. Marcion foi um dos primeiros em compilar as cartas paulinas; fez uma lista das mesmas justamente em meados do segundo século. E, efetivamente, chama Efésios de "Carta aos Laodicenses". Assim, pois, de uma época muito antiga se pensou na Igreja que Efésios tinha sido enviada em primeira instância a Laodicéia.

Se aceitarmos esta interessante e atrativa sugestão, resta-nos explicar como a Carta perdeu o endereço específico de Laodicéia e chegou a conectar-se com Éfeso. Podem dar-se duas explicações.

Pode ser que ao morrer Paulo, tendo a Igreja de Éfeso conhecimento que Laodicéia possuía uma carta extraordinária do Apóstolo, os cristãos de Éfeso escrevessem a Laodicéia pedindo uma cópia. Teria sido feita a cópia para remetê-la com a única omissão das palavras "em Laodicéia" do primeiro versículo e deixando um branco, tal como ocorre nos manuscritos mais antigos. Quase trinta anos mais tarde

se recolheram as cartas de Paulo para sua publicação. Agora, Laodicéia estava numa zona conhecida por seus terremotos e bem pode ter acontecido que todos os arquivos laodicenses fossem destruídos, e que portanto quando se levou a cabo a compilação, a única cópia da carta aos laodicenses fosse a que existia em Éfeso. Esta carta pôde ter sido incluída então na coleção paulina e, como tinha sido achada em Éfeso, poderia ter chegado a conhecer-se como carta aos Efésios, pois em Éfeso sobrevivia a única cópia existente. Isto é completamente possível e sem lugar a dúvida muito provável.

A segunda explicação sugerida foi proposta pelo Harnack, o grande investigador alemão, e diz assim. Em seus últimos dias, infelizmente a Igreja de Laodicéia tinha caído da graça. No Apocalipse há uma carta ao Laodicéia que faz um triste relato (Apocalipse 3:14-22). Aqui a Igreja de Laodicéia é condenada triste e categoricamente por Cristo ressuscitado ao ponto de que pronuncia a vívida sentença: "Vomitar-te-ei da minha boca" (Apocalipse 3:16). Agora, no mundo antigo existia um costume denominado *damnatio memorias*, a condenação da lembrança de alguém. No caso de uma pessoa que tinha rendido notáveis serviços ao Estado seu nome poderia aparecer em livros, anais oficiais, inscrições e memoriais. Mas se tal homem terminava sua carreira com uma baixa traição, uma vergonhosa falta de honestidade ou o colapso total de toda venerabilidade, procedia-se a condenar sua memória. Seu nome era apagado dos livros, riscado de todas as inscrições, apagado de todos os monumentos. Suportava assim uma *damnatio memoriae*. Harnack pensa como possível que a Igreja do Laodicéia tenha sucumbido a uma *damnatio memoriae*, de tal maneira que seu nome fosse apagado dos registros cristãos. Se isto foi assim as cópias das cartas a Laodicéia não tinham nenhum endereço. Quando se fez a coleção em Éfeso se introduziu o nome desta última cidade porque a Carta tinha sobrevivido aqui e carecia de outro destinatário.

A carta circular

Ambas as sugestões são possíveis, mas há outra muito mais provável que consideramos correta. Cremos que os manuscritos primitivos de Efésios não tinham o nome de nenhuma Igreja porque *de fato a carta não tinha sido escrita a nenhuma Igreja, mas, antes, era uma circular de Paulo a todas as Igrejas da Ásia*. Nunca foi possessão de uma Igreja, mas sim possessão de todas as Igrejas. Leiamos de novo o que Paulo diz em Colossenses 4:16: “E, uma vez lida esta epístola perante vós, providenciai por que seja também lida na igreja dos laodicenses; e a dos de Laodicéia, lede-a igualmente perante vós”. Agora, Paulo não diz que os colossenses devam ler a epístola a Laodicéia mas sim *a dos de Laodicéia*. É como se houvesse dito: "Há uma carta que está circulando, no presente chegou a Laodicéia. Quando chegar — quando lhes for enviada desde Laodicéia — têm que lê-la". Isto soa como se entre as Igrejas da Ásia circulasse uma carta. Pensamos que esta era justamente Efésios.

A quintessência do pensamento de Paulo

Se tudo isto é assim, e cremos que efetivamente o é, então Efésios é a carta suprema de Paulo. Vimos que Efésios e Colossenses estão ligadas estreitamente entre si. Cremos que o que ocorreu foi que Paulo escreveu Colossenses para tratar uma situação concreta e um broto definido de heresia. Ao escrever nessas circunstâncias dá com sua célebre expressão sobre a suficiência plena de Cristo. Disse de si para si: "Isto é algo que devo levar a conhecimento de todos." Assim tomou o material que tinha usado em Colossenses, tirou-lhe tudo o que tinha sabor local e temporário e todo aspecto controverso e escreveu uma nova carta para falar com todos os homens sobre a suficiência plena de Cristo. Efésios é como vimos, uma carta que Paulo enviou a todas as Igrejas do Oriente para lhes anunciar que a unidade destinada a todos os homens e a todas

as coisas não poderá ser obtida jamais a não ser em Cristo, e que a tarefa suprema da Igreja é ser o instrumento e o corpo de Cristo na obra da reconciliação mundial dos homens e do homem com Deus. Por esta razão Efésios é a rainha das epístolas.

Efésios

Na Carta aos Efésios o argumento de Paulo tem uma trama muito intrincada. Com freqüência procede mediante longas sentenças, complicadas e muito difíceis de decifrar. Se queremos captar seu significado o melhor é proceder a ler algumas seções, primeiro de deslocado, toda a seção, para logo fracioná-las em passagens mais breves para um estudo detalhado.

Efésios 1

Saudações ao povo de Deus - 1:1-2

Os escolhidos de Deus - 1:3-4

O plano de Deus - 1:5-6

Os dons de Deus - 1:7-8

A meta da história - 1:9-10

Judeus e gentios - 1:11-14

As marcas da igreja - 1:15-23

A oração de Paulo pela igreja - 1:15-23 (cont.)

O corpo de Cristo - 1:15-23 (cont.)

SAUDAÇÕES AO POVO DE DEUS

Efésios 1:1-2

Paulo começa sua Carta mencionando os únicos dois títulos de fama que possui.

(1) Era *um apóstolo de Cristo*. Nesta afirmação tinha em mente três coisas.

(a) Significava que *pertencia a Cristo*. Sua vida não era sua própria para dispor dela a seu gosto: era possessão de Jesus Cristo e devia vivê-la de acordo com o que Cristo exigia.

(b) Significava que tinha sido *comissionado e enviado por Jesus Cristo*. A palavra *apostolos* vem do verbo *apostellein* que significa *despachar ou enviar*. Podia usar-se, por exemplo, para um esquadro naval enviado a uma expedição ou para um embaixador enviado por seu país nativo. Descreve ao que é enviado para desempenhar uma tarefa especial. O cristão se considera a si mesmo, durante toda sua vida, como membro de uma força de trabalho de Cristo. Tem uma missão: a de servir a Cristo no mundo.

(c) Finalmente dá a entender que *todo o poder que possuía era um poder delegado*. O sinédrio era a corte suprema dos judeus. Em matéria de religião mantinha sua autoridade sobre cada judeu em todo mundo. Quando o sinédrio tinha chegado a uma decisão entregava-a a um *apostolos* para que por sua vez este a transmitisse às pessoas interessadas e verificasse seu cumprimento. Quando esse *apostolos* partia não o fazia simplesmente por autoridade e poder próprios: estava respaldado e acreditado pela autoridade do sinédrio a quem representava. O cristão é representante de Cristo no mundo. Mas não leva a cabo esta tarefa por virtude e poder próprios; com ele estão a virtude e o poder de Jesus Cristo.

(2) Paulo continua dizendo que era apóstolo *por vontade de Deus*. Ao dizer isto não há nenhum acento de vanglória, mas sim de pura admiração. Paulo vivia no final de seus dias o assombro de que Deus tivesse eleito um homem como ele para esta tarefa.

O cristão nunca deve inflar-se de vanglória pela tarefa que Deus o encomenda; antes, tem que sentir-se maravilhado porque Deus o tenha considerado digno de desempenhá-la.

Assim, pois, Paulo continua dirigindo sua Carta aos que vivem em Éfeso e são fiéis a Jesus Cristo. O cristão vive sempre uma dupla vida. Os amigos de Paulo viviam *em Éfeso e em Cristo*. Todo cristão tem um

domicílio humano e outro divino. Vive em certo lugar do mundo, mas ao mesmo tempo vive em Cristo. E este é precisamente o segredo da vida cristã. Alister MacLean fala de uma dama que viveu nos Países "highlands" de Escócia uma vida dura, mas de contínua tranquilidade. Ao ser interrogado pelo desta vida respondeu: "Meu segredo está em navegar pelos mares e manter sempre o coração no porto." O segredo da serenidade do cristão está em que, onde quer que ele esteja, está também em Cristo.

Paulo começa com a saudação com que sempre começa. Diz: "Graça e paz a vós." Aqui há duas palavras de enorme significado na fé cristã. A palavra *graça* contém sempre duas idéias principais. A graça é sempre algo amável. O termo grego *caris* pode traduzir-se por *encanto*. Na vida cristã deve haver certa bondade e certo encanto. Um cristianismo que não tem atrativos não é verdadeiro cristianismo. *Graça* descreve sempre um dom e um dom que o homem não pode obter por si mesmo, e que nunca ganhou nem mereceu em forma alguma. O tratamento que Deus nos dá, e seus dons, são coisas que recebemos por pura generosidade do coração de Deus. Cada vez que mencionamos a palavra *graça* pensamos no puro encanto da vida cristã e na pura e imerecida generosidade do coração de Deus. Devemos tomar cuidado ao relacionar à vida cristã a palavra *paz*. Em grego o termo é *eirene*, mas traduz o hebreu *shalom*. Na Bíblia a palavra *paz* nunca é puramente negativa: nunca descreve simplesmente a ausência de tribulações, dificuldades e aflições. *Shalom* significa tudo o que se relaciona com o bem supremo do homem; todo aquilo que contribui a fazê-lo homem no mais alto sentido da palavra; tudo o que faz com que a vida seja verdadeiramente digna de ser vivida. A paz cristã é algo absolutamente independente das circunstâncias externas.

A pessoa pode viver no meio do luxo e as comodidades no melhor da Terra; pode possuir a melhor das casas e a maior conta bancária e entretanto carecer de paz; por outro lado, a pessoa pode desfalecer na prisão, morrer no pelourinho ou viver uma vida carente de toda

comodidade e, entretanto, desfrutar de uma paz perfeita. Qual a explicação para isto? A explicação é que há uma só fonte de paz em todo mundo: o cumprimento da vontade de Deus. Sabemos perfeitamente que quando fazemos algo que sabemos que não deveríamos fazer ou quando omitimos algo que sabemos que teríamos que fazer, fica sempre em nossa consciência um fundo de intranqüilidade e inquietação persistentes, e também sabemos muito bem que se estamos fazendo algo muito difícil, ainda que estejamos fazendo algo que não é de nosso agrado se soubermos que é o que corresponde fazer, há em nossos corações certo contentamento. "Em sua vontade está nossa paz." A única paz na Terra está na vontade de Deus.

OS ESCOLHIDOS DE DEUS

Efésios 1:3-4

Em grego a longa passagem que vai do versículo 3 ao 14 é uma só oração. É tão longa e tão complicada porque representa nem tanto o enunciado de um raciocínio como um lírico canto de louvor. A mente de Paulo avança, não porque esteja pensando logicamente, mas sim porque os dons e as maravilhas de Deus desfilam perante seus olhos e penetram em sua mente. Para entender o pensamento de Paulo devemos esmiuçar sua frase em sentenças curtas.

Nesta passagem Paulo pensa nos cristãos como o povo escolhido de Deus, e sua mente se encaminha em três direções.

(1) Pensa no *ato da eleição de Deus*. Jamais creu, ele próprio, ter escolhido o serviço e a obra de Deus; sempre pensou que Deus o tinha escolhido. Jesus havia dito a seus discípulos: "Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós" (João 15:16). Para Paulo todo vem de Deus. Aqui está precisamente o maravilhoso. Não seria nada extraordinário que o homem escolhesse a Deus; o maravilhoso é que Deus tenha escolhido ao homem.

(2) Paulo pensa na *generosidade da eleição divina*. Deus nos escolheu para nos abençoar com bênçãos que só se encontram nos céus. Há certas coisas que o homem pode encontrar ou descobrir por si mesmo; mas há outras que superam suas possibilidades. O homem pode chegar por si mesmo a certa habilidade num ofício ou numa ciência; pode obter certa posição no mundo; pode amassar uma determinada quantidade de bens deste mundo. Mas jamais poderá por si mesmo obter a bondade ou a paz espiritual. Deus nos escolhe para nos dar aquelas coisas que só Ele pode dar.

(3) Paulo pensa no *propósito da eleição de Deus*. Deus nos escolhe para que sejamos *santos e sem mancha*. Estas duas afirmações são de importância. O termo grego por santo é *hagios* que contém sempre a idéia de *diferença e separação*. Algo que é *hagios* é diferente das coisas ordinárias. Um templo é santo porque é diferente dos outros edifícios: um sacerdote é santo porque é diferente do homem comum; uma vítima é santa porque é diferente de outros animais; Deus é santo por excelência porque é diferente do homem; o dia de repouso é santo porque é diferente de outros dias. Assim, pois, Deus escolhe o cristão para que seja *diferente* de outros homens. Isto é o fato e o desafio que a Igreja enfrentou com tanta lentidão. Na Igreja primitiva o cristão jamais duvidava de que devia ser diferente do mundo; de fato, sabia que tinha que ser tão diferente que existia a probabilidade de que o mundo o matasse e com toda segurança o aborreceria. Mas a Igreja moderna tende a diminuir a diferença entre Igreja e mundo. Com muita frequência temos dito às pessoas: "Enquanto vivam uma vida decente e respeitável, está perfeitamente certo que sejam membros da Igreja e sejam chamados cristãos. Não precisam ser tão diferentes de outros." A verdade é que o cristão deveria poder ser identificado no mundo. Deve-se lembrar sempre que a diferença em que Cristo insiste não é a que tira o homem *fora* do mundo, mas sim o homem seja diferente *dentro* do mundo.

Teria que ser possível a identificação do cristão na escola, no trabalho, na fábrica, no emprego, no hospital e em qualquer parte. E a

diferença está em que o cristão vive, obra e se comporta não de acordo com o imperativo de alguma lei humana, mas sim de acordo com o imperativo da lei de Cristo. O professor cristão não deve satisfazer as prescrições da autoridade educativa ou de um diretor, mas sim deve satisfazer as exigências de Cristo, e isto significará quase certamente, uma atitude completamente diferente para seus alunos. Um operário cristão não deve satisfazer as prescrições do sindicato, mas sim as de Jesus Cristo que o farão certamente um operário de um tipo muito diferente, tanto que bem pode terminar sendo expulso do sindicato. O médico cristão jamais olhará o doente como a um caso mais, mas sim sempre como uma pessoa. O empregador cristão se interessará por muito mais que o mero pagamento do salário mínimo ou a simples criação das condições mínimas de trabalho. A simples verdade é que se suficientes cristãos se tornassem *hagios* — diferentes, responsáveis só perante Cristo — revolucionariam a sociedade. E esta é, em realidade, em verdade a missão cristã.

A expressão *sem mancha* corresponde ao grego *amomos*. O termo é de interesse porque pertence ao vocabulário sacrificial. Segundo a Lei judia, antes que um animal pudesse ser devotado em sacrifício devia ser examinado e inspecionado; se fosse encontrado algum defeito devia ser rechaçado como inadequado para a oferenda a Deus. Só o melhor era apto para ser devotado a Deus. Esta palavra *amomos* concebe toda a vida e todo o homem como uma oferenda a Deus. Cada parte de nossa vida, nosso trabalho, nossos prazeres, nossos esportes, nossa vida familiar, nossas relações pessoais deve ser parte de nossa oferenda a Deus. Esta palavra não significa que o cristão deva ser respeitável; significa que deve ser perfeito. O cristão *amomos* é aquele que desterra toda complacência própria e toda satisfação com menos que o melhor; é um desafio para que o homem faça tão perfeita sua vida inteira que possa oferecê-la a Deus. É o fim da atitude que diz: "Sei que incorro em faltas, mas não posso mudar"; é o fim da atitude que sabe que não fazemos nosso trabalho tão bem como se poderia fazer, mas veio a conformar-se

com menos que o melhor. Significa simplesmente que a norma cristã não é menos que a perfeição, e que para o cristão nada valem os juízos de acordo com um critério humano: só pensa em dar satisfação ao escrutínio de Deus.

O PLANO DE DEUS

Efésios 1:5-6

Nesta passagem Paulo nos fala do plano de Deus. Uma das imagens que o apóstolo usa mais de uma vez sobre o que Deus tem feito pelo homem, é a da adoção (cf. Romanos 8:23; Gálatas 4:5). Deus nos adotou em sua família como filhos.

No mundo antigo, onde prevalecia o direito romano, a imagem tinha um significado maior que entre nós. No mundo romano a família se baseava no que se chamava a *pátrio poder*: o poder do pai. Sob a lei romana o pai possuía um poder absoluto sobre seus filhos enquanto vivessem. O pai romano podia vender seu filho como escravo; até podia matá-lo. De acordo com a antiga lei romana, que ainda estava em vigência no tempo de Paulo, o pai tinha direito de vida e de morte sobre seus filhos. Dion Cassius nos fala do que era a lei romana: "A lei romana dá ao pai uma autoridade absoluta sobre seu filho durante toda a vida do mesmo. Dá-lhe autoridade de reduzi-lo a prisão, se assim o desejar, de castigá-lo, de fazê-la trabalhar em sua fazenda como um escravo algemado, e até de matá-lo. Este direito se mantém mesmo quando o filho chegue a uma idade em que desempenhe parte ativa nos assuntos políticos ou chegue a ser considerado digno de ocupar o cargo de magistrado ou seja honrado por todos. É verdade que quando um pai julgava a seu filho supunha-se que consultaria os membros masculinos da família, mas isto não era necessário.

Há exemplos concretos de casos em que o pai condenava seu filho à morte. Salustio (*A conspiração da Catilina*, 39) narra como um filho chamado Aulio Fulvio se uniu à rebelde Catilina. Foi detido na viagem e

levada de volta. E seu pai ordenou que fosse executado. Ele o fez por sua própria autoridade privada, e a razão que deu foi que: "Ele o havia engendrado, não para a Catilina contra seu país, senão para seu país contra Catilina." Sob o direito romano um filho não podia possuir nada; qualquer herança ou qualquer obséquo que lhe dessem passava a ser propriedade do pai. Não importava a idade do filho ou as honras e responsabilidades que tivesse obtido: estava absolutamente sob o poder do pai. É óbvio que em tais circunstâncias a adoção era um passo extremamente importante. Era tremendamente sério tirar o menino do *pátrio poder* para colocá-lo sob outro. Entretanto, não era estranho que com freqüência se adotassem meninos para evitar a extinção de uma família e assegurar que continuasse existindo.

O ritual de adoção deve ter sido muito impressionante. Levava-se a cabo mediante uma venda simbólica na que se usavam moedas e balanças. Por duas vezes consecutivas o pai verdadeiro vendia o filho para, simbolicamente, comprá-lo de novo. Finalmente ao vendê-lo pela terceira vez já não o comprava de novo. Então o adotivo devia ir ao *pretor*, um dos principais magistrados romanos, para legalizar a operação de adoção. Só depois de tudo isto a adoção era completa. Mas quando era completa o era seriamente. A pessoa adotada desfrutava na nova família de todos os direitos de um filho legítimo e perdia todo direito em sua família anterior. Perante a lei era uma nova pessoa. Tão nova era, que até as dívidas e obrigações relacionadas com sua família anterior ficavam canceladas ou abolidas como se jamais tivessem existido.

Paulo diz que isto é o que Deus fez por nós. Estávamos inteiramente sob o poder do pecado e do mundo. Deus por meio de Jesus nos tirou deste poder para nos transladar ao dEle. Esta adoção apaga e elimina o passado em tal medida que somos feitos novos. Passamos da família do mundo e do mal à família de Deus.

OS DONS DE DEUS**Efésios 1:7-8**

Nesta breve seção deparamo-nos com três grandes concepções da fé cristã.

(1) Existe a idéia de *redenção*. A palavra usada é *apolutrosis*. O termo vem do verbo *lytroun* que significa *resgatar* e se usa para o resgate do homem feito prisioneiro de guerra ou escravo. Aplica-se também à libertação do homem da pena de morte merecida por algum crime. É a palavra que se usa para referir-se à libertação divina dos filhos de Israel da escravidão do Egito, assim como ao resgate contínuo do povo eleito em tempo de tribulação. Em cada caso pensa-se em que o homem é redimido e liberado de uma situação da que era incapaz de libertar-se por si mesmo ou de uma dívida que jamais teria podido pagar por seus próprios meios. Paulo diz, pois, em primeiro termo, que Deus redimiou os homens de uma situação da qual jamais teriam podido redimir-se por si mesmos. Na verdade isto era precisamente o que o cristianismo fez pelos homens. Quando veio o cristianismo ao mundo os homens jaziam oprimidos pelo sentimento da própria impotência. Reconheciam o próprio pecado e a própria incapacidade; tinham consciência do fracasso de suas vidas como também de sua impotência para remediar essa situação.

Sêneca abunda nessa classe de sentimentos de pura frustração. Sobre os homens — diz — pesa entristecedora a consciência de sua ineficiência no necessário. Diz de si mesmo que é um *homo non tolerabilis*: um homem intolerável. Os homens — diz num tom de desespero — amam seus vícios e ao mesmo tempo os odeiam. O que precisam — exclama — é que uma mão desça e os levante.

Os maiores pensadores e as mentes mais sensíveis do mundo pagão tinham consciência de estar sob o domínio de algo que não podiam remover por seus próprios meios. Necessitavam a libertação, o dinamismo de algum poder. E isto era justamente o que havia trazido a

libertação de Jesus Cristo. E segue sendo certo que Cristo pode por seu poder libertar o homem da escravidão da impotência perante as coisas que atraem e desgostam ao mesmo tempo. Para dizê-lo da maneira mais simples, Jesus pode ainda tornar bom o homem mau.

(2) Existe o *perdão*. O mundo antigo era presa do sentido do pecado. Pode-se dizer que todo o Antigo Testamento não é mais que uma ilustração da afirmação: "A alma que pecar essa morrerá" (Ezequiel 18:4). Os homens tinham consciência de sua própria culpabilidade e estavam aterrorizados, perante seu deus ou seus deuses. Diz-se às vezes que os gregos não possuíam o sentido do pecado. Nada mais longe da verdade. "Os homens", diz Hesíodo, "sentem prazer acariciando o que é para sua própria perdição." Todo o teatro de Esquilo se fundamenta num texto: "Aquele que faz o mal, o paga." Uma vez que alguém fazia algo mau Némesis saía em sua perseguição: mais cedo ou mais tarde Némesis o alcançaria; o castigo seguia-se ao pecado com tanta segurança como a noite ao dia.

Se houver algo que o homem conhecia, era o sentido do pecado e do medo a Deus. Jesus mudou toda esta situação. Abriu o caminho a Deus; ensinou aos homens, não o ódio, mas sim o amor divino. E porque Jesus veio ao mundo os homens, até em seus pecados, descobriram o amor de Deus.

(3) Existe a *sabedoria* e a *inteligência*. As duas palavras gregas são *sofia* e *fronesis* e Cristo nos trouxe ambas as coisas. Agora, isto é muito interessante. Os gregos escreviam e pensavam muito a respeito destes termos; se o homem possuía ambas as coisas, estava perfeitamente equipado para a vida. Aristóteles define *sofia*, sabedoria, como o conhecimento das coisas mais preciosas; Cícero, como o conhecimento das coisas humanas e divinas. A *sofia* era o objeto do intelecto que busca, da mente que questiona, dos alcances do pensamento humano. É a resposta aos problemas eternos da vida e da morte, de Deus e do homem, do tempo e da eternidade. Aristóteles definiu a *fronesis* como o conhecimento dos negócios humanos e das coisas que exigem um

planejamento. Plutarco, como o conhecimento prático das coisas que nos concernem. Cícero, como o conhecimento das coisas que têm que ser buscadas e das que têm que evitar-se. Platão, como a disposição da mente para julgar sobre o que se tem que fazer e sobre o que não se tem que fazer.

Em outras palavras, a *fronesis* é a coisa mais prática do mundo. É o sentido sã do homem que o capacita a resolver os problemas práticos da vida diária. Paulo afirma que Jesus nos trouxe *sofia*: o conhecimento das coisas eternas, o conhecimento intelectual que satisfaz a mente; e que nos trouxe *fronesis*: o conhecimento prático que nos capacita a tratar e resolver diariamente os problemas de nossa vida diária. Desta maneira o caráter cristão torna-se de certo modo completo. Há certas pessoas que se sentem cômodas no estudo: movem-se familiarmente em meio dos problemas teológicos e filosóficos e, entretanto, são incapazes e ineptas para os assuntos ordinários da vida diária. Há outras pessoas que afirmam pertencer ao tipo do homem prático, tão comprometidas com os negócios da vida que não dispõem de tempo para interessar-se pelas coisas últimas. À luz dos dons divinos concedidos por Cristo, ambas as classes são imperfeitas e parciais. Cristo nos traz a solução dos problemas tanto da eternidade como do tempo. Cristo dá aos homens a capacidade de contemplar as grandes verdades últimas da eternidade e de resolver os problemas de cada momento.

A META DA HISTÓRIA

Efésios 1:9-10

Agora Paulo se introduz totalmente no tema. Diz que agora Deus nos manifestou "o mistério de sua vontade". O Novo Testamento usa a palavra *mistério* num sentido muito particular. Aqui *mistério* nada tem que ver com algo misterioso no sentido de difícil de entender, mas com algo que por muito tempo permaneceu em segredo e agora se revela; é algo que ainda permanece incompreensível para a pessoa não iniciada

em seu significado. Tomemos um exemplo. Suponhamos que alguém que não sabe absolutamente nada do cristianismo fosse levado a um serviço de comunhão. Para ele seria um mistério total; não entenderia nada do que estava passando. Mas para aquele que conhece a história de Cristo, que conhece o relato e o significado da Última Ceia, que sabe que Jesus deixou este memorial a seus discípulos, todo o serviço e cada ação do mesmo têm um significado muito claro. Assim, pois, no sentido neotestamentário, mistério é algo oculto aos pagãos mas claro para os cristãos; é um segredo cujo significado foi revelado.

E qual era para Paulo o significado do mistério da vontade divina? Este mistério consistia em que o evangelho estava aberto também aos gentios. Aqui radicava o grande segredo de Deus. Até Jesus chegar tinha parecido que os judeus eram o povo escolhido de Deus. Agora Deus tinha revelado que seu amor e seu cuidado, sua graça, sua misericórdia, as boas novas de Deus, estavam destinados não só aos judeus, mas também a todo mundo.

E agora Paulo verte seu grande pensamento numa só sentença. Até agora os homens tinham vivido num mundo dividido. Por onde se olhar existe esta divisão. Havia divisão entre os animais e os homens. O domínio do homem tinha quebrado a união social da natureza. Havia divisão entre o judeu e o gentio, entre o grego e o bárbaro. Sobre toda a redondeza do mundo não existia outra coisa senão luta, tensão, guerra, ódio e separação. O que se podia afirmar do mundo, também se aplicava a cada homem em particular. Cada pessoa é uma guerra civil em marcha. Dentro do homem há tensão, divisão e luta entre o bem e o mal, entre o justo e o injusto, sobre a paixão e a razão, entre o instinto e a vontade. Por onde quer que fosse neste mundo havia divisão; e Jesus veio ao mundo para eliminar as divisões, para resolver as tensões, para fechar as brechas e separações e para reunir em um todos os homens. Para Paulo nisto consistia o segredo de Deus. O desígnio de Deus era que todos os fios diferentes, todos os cabos soltos das coisas, todos os elementos belicosos, competitivos e agressivos do mundo chegassem a

reunir-se em unidade e união em Cristo Jesus. Cristo veio para que nEle o mundo fosse um.

Surge agora outro pensamento de tremenda importância em Paulo. Diz que toda a história foi um desenvolvimento desse processo. Através de todas as épocas houve um plano, uma preparação e uma administração das coisas para que chegasse o dia da unidade. A palavra que Paulo usa para esta preparação e planejamento é de supremo interesse. É a palavra *oikonomia*, que literalmente significa *administração doméstica*. O *oikonomos* era o mordomo encarregado de que os negócios familiares partissem sobre trilhos e ininterruptamente. Assim, pois, Paulo concebe toda a história como planejamento, projeto, administração e preparação para que o mundo terminasse sendo uma família em Deus.

É convicção cristã que a história tem um plano: um propósito, que é o desenvolvimento da vontade de Deus. Isto todos os historiadores nem pensadores puderam ver.

Oscar Wilde disse em um de seus epigramas: "Oferecem a seus filhos o calendário criminal da Europa sob o nome de história."

G. N. Clark disse em sua classe inaugural de Cambridge: "Não há nenhum segredo nem plano que descobrir na história. Não creio que nenhuma consumação futura poderia dar sentido a todas as irracionalidades das épocas precedentes. Se não se pode dar razão delas, muito menos as poderá justificar."

Em sua introdução à *História da Europa* H. A. L. Fisher escreve: "Uma emoção intelectual, entretanto, foi-me negada. Homens mais sábios e eruditos que eu descobriram na história uma trama, um ritmo, um esquema predeterminado. Estas harmonias me estão encobertas. Eu só posso ver que uma situação de emergência segue-se à outra, assim como uma onda segue-se à anterior. Só posso ver um grande fato com respeito ao qual, porque é único não pode haver generalizações; só uma regra segura para o historiador: no desenvolvimento dos destinos humanos deve reconhecer o jogo do contingente e imprevisto."

André Maurois diz: "O universo é indiferente. Quem o criou? Por que estamos girando neste diminuto montão de barro dentro de um espaço infinito? Não tenho a menor idéia, e estou convencido de que ninguém tem a mais mínima idéia."

Acontece que estamos vivendo numa época em que os homens perderam a fé em que este mundo tenha algum sentido. Mas o cristão tem fé em que neste mundo está-se desenvolvendo o propósito divino; e Paulo tem a convicção de que esse propósito é que um dia todas as coisas e todos os homens cheguem a ser uma família em Cristo. Paulo vê que toda a história esteve partindo neste sentido. Em seu conceito, este segredo, este mistério, não foi captado até que veio Jesus. E — segundo Paulo — a Igreja tem a grande missão de realizar esse desígnio de unidade que é o propósito divino revelado em Jesus Cristo.

JUDEUS E GENTIOS

Efésios 1:11-14

Aqui se encontra o primeiro exemplo da nova unidade oferecida por Cristo. Quando Paulo fala de *nós* refere-se aos de sua própria nação, os judeus; quando fala de *vós* pensa nos gentios aos quais está escrevendo; e quando, na última sentença, usa de novo *nós* pensa em judeus e gentios ao mesmo tempo.

Em primeiro termo, Paulo fala dos judeus. Também eles têm sua parte dentro do plano de Deus. Tinham sido os primeiros em crer e esperar a vinda do Ungido de Deus. Através de toda a história os judeus esperaram o Messias e sonharam com Ele. Dentro da ordem estabelecida eles deviam ser a nação da qual sairia o Escolhido de Deus.

Adam Smith, o grande economista, sustentava que todo o padrão da vida estava baseado no que chamava *a divisão do trabalho*. Queria dizer que a vida só pode avançar quando cada um tem uma tarefa e *a realiza* e quando os resultados reunidos de todas as tarefas chegam a ser de domínio comum. O sapateiro faz sapatos, o padeiro pão, o alfaiate trajes;

cada um leva a cabo sua própria tarefa e quando cada um se dedica a seu trabalho e o realiza com eficiência, o resultado é o bem total de toda a comunidade. O que é certo dos indivíduos, é também certo das nações. Cada nação tem seu lugar e sua parte no esquema divino de todas as coisas. Os gregos ensinaram ao homem o que é a beleza do pensamento e da forma; os romanos o direito e a ciência de governar e administrar; os judeus a religião. Os judeus foram o povo preparado para que dele saísse o Messias de Deus. Isto não significa que Deus não tivesse preparado também a outros povos. Se não se tivesse feito uma preparação das nações tampouco a mensagem cristã difundida pelo mundo teria encontrado um terreno apto para acolhê-lo: Deus preparou em todo o mundo os homens e nações para que no momento oportuno recebessem sua mensagem. Mas a nação judaica por privilégio singular constituiu-se a primeira nação que esperou e aguardou a vinda do Ungido de Deus ao mundo.

Logo Paulo dirige-se aos gentios em cujo desenvolvimento distingue três etapas.

(1) Receberam a palavra. Os pregadores levaram-lhes a mensagem cristã. Esta palavra recebida era duas coisas. Em primeiro lugar, era a palavra de verdade. Brindava-lhes a verdade a respeito de Deus, do mundo em que viviam e deles mesmos. Em segundo lugar, era uma boa nova. O cristianismo é por excelência a boa nova de Deus; é a mensagem do amor e da graça de Deus.

(2) Foram selados com o selo do Espírito Santo. No mundo antigo — e este é um costume que ainda perdura hoje — quando se despachava um vulto, uma cesta ou um pacote, era selado como garantia de que procedia do remetente e que estava intacto. O selo indicava de onde procedia o pacote e a quem pertencia. A posse do Espírito Santo é o selo e o sinal de que o homem pertence a Deus. É o Espírito Santo aquele que conduz o homem ao conhecimento de Deus; aquele que o capacita para enfrentar a vida e não desfalecer; aquele que lhe diz o que

deve fazer e lhe dá forças para fazê-lo. O Espírito Santo nos mostra a vontade de Deus e nos capacita a realizá-la.

Agora, aqui Paulo diz algo muito importante sobre o Espírito Santo. Chama-o *o penhor de nossa herança*. O termo grego é *arrabon*. O *arrabon* era um característico normal do comércio grego. Consistia numa parte do preço de compra dado antecipadamente como garantia de que, no seu devido tempo, seria pago o resto do preço. Ainda existem muitos documentos comerciais gregos nos quais aparece a palavra. Uma mulher vende uma vaca e recebe tantas dracmas como *arrabon*, quer dizer, como garantia e segurança de que o preço total se abonaria no tempo fixado. Contrata-se a algumas bailarinas para uma celebração pública, e lhes é feito um pagamento um tanto antecipado como garantia do total ao fechamento da representação. O que Paulo diz, pois, é que a experiência do Espírito Santo que temos neste mundo é uma antecipação das alegrias e bênçãos do céu; e ao mesmo tempo é a garantia de que um dia entraremos na plenitude do conhecimento, do poder e da alegria. É a garantia de que algum dia entraremos na plena possessão da felicidade e a bem-aventurança de Deus.

Temos aqui a grande verdade de que a maior e mais elevada, e a mais cara e íntima experiência de paz e alegria cristãs que se pode alcançar neste mundo, é só uma antecipação da alegria em que entraremos um dia. É como se Deus nos tivesse dado o bastante para estimular nosso apetite, e o suficiente para nos dar a certeza de que um dia nos dará isso tudo.

AS MARCAS DA IGREJA

Efésios 1:15-23

A seção de maior importância, o segundo passo na argumentação de Paulo, encontra-se justamente no final desta passagem. Mas antes de chegar ali devemos notar algumas coisas nos versículos precedentes.

Temos perante nós numa síntese perfeita, as características de uma verdadeira Igreja. Tinha chegado aos ouvidos de Paulo a fé em Cristo de seus leitores, e o amor que tinham para com todo o povo consagrado de Deus. As duas coisas que devem caracterizar a toda Igreja verdadeira são *a fidelidade a Cristo e o amor aos homens*. Há uma fidelidade a Cristo que não deriva em amor aos homens. Os monges e ermitões tinham uma fidelidade a Cristo que os separava de seus congêneres e os fazia abandonar as atividades ordinárias da vida para permanecer isolados em lugares desérticos. Os caçadores de hereges da inquisição espanhola e de várias outras épocas tinham uma fidelidade a Cristo que os fazia perseguir àqueles que pensavam de outra maneira. Antes da vinda de Jesus os fariseus tinham uma lealdade a Deus que os fazia considerar-se justos e desprezar àqueles que consideravam menos leis que eles. O cristão verdadeiro ama a Cristo e ama a seus semelhantes. Mais ainda, o verdadeiro cristão sabe que não pode mostrar seu amor a Cristo de outra maneira que amando a seus semelhantes. Por mais ortodoxa que seja uma igreja, por mais pura que seja sua teologia, nobres seu culto e sua liturgia, não é uma igreja no sentido verdadeiro da palavra se não se caracterizar pelo amor aos homens. Há igrejas que raramente se pronunciam em público a não ser para criticar e censurar; o acento de sua voz é de contínua crítica. Podem ser adaptadas, mas não cristãs. A Igreja verdadeira se caracteriza por um duplo amor: amor a Cristo e amor aos homens.

F. W. Boreham cita uma passagem do Robert Buchanan em *Shadow of the Sword* onde se descreve a capela do ódio:

"Cem anos há encontrava-se num páramo desolado e ermo da Inglaterra. Estava em ruínas; os muros enegrecidos e manchados com o limo de séculos; ao redor de seu ruído altar cresciam a urtiga e as más ervas até a altura dos ombros; enquanto negras névoas carregadas de chuva se abatiam dia e noite sobre a lúgubre cena. Sobre o portal da capela e semi-apagado estava seu nome. Tinha sido dedicada a Nossa Senhora do Ódio. Até ela", diz Buchanan, "acudiam homens e mulheres em horas de paixão e de dor para lançar maldições sobre seus inimigos — a donzela sobre seu

falso amante, o amante sobre sua falsa dama, o marido sobre sua falsa mulher — implorando cada um deles que Nossa Senhora do Ódio lhes desse ouvidos, e que as pessoas odiadas morreram durante o ano." E logo o novelista adiciona: "Com tanta amplitude e profundidade brilhava a nobre luz cristã em suas mentes!"

Uma capela para o ódio é uma lúgubre concepção e, entretanto, acaso nos mantemos sempre tão longe dela? Desprezamos os liberais ou os radicais, desprezamos os fundamentalistas ou os obscurantistas, desprezamos o que possui uma teologia diferente da nossa, desprezamos o católico romano ou o protestante, segundo o caso. Nossos pronunciamentos se caracterizam não pela caridade cristã mas por uma sorte de acritude condenatória. Deveríamos lembrar sempre e em cada momento que o amor de Cristo e o amor a nosso próximo não podem existir separadamente. Nossa tragédia consiste em que com freqüência, como disse Swift, a realidade é que "Temos suficiente religião para nos odiar, mas não a suficiente para nos amar uns aos outros."

A ORAÇÃO DE PAULO PELA IGREJA

Efésios 1:15-23 (continuação)

Nesta passagem vemos qual é a intercessão de Paulo por uma Igreja a que ama e que está partindo bem.

(1) Pede *espírito de sabedoria*. A palavra que usa para *sabedoria é sofia*: já sabemos que *sofia* é a sabedoria das coisas profundas de Deus. Paulo roga que a Igreja possa aprofundar cada vez mais no conhecimento das verdades eternas. Para que isto aconteça na igreja se requerem certas condições.

(a) É necessário ter um povo que pense. Boswell nos narra que Goldsmith se expressou uma vez da seguinte maneira: "Assim como o sapateiro me provê os sapatos e o alfaiate a jaqueta, o sacerdote me provê de religião." Muitos agem desta maneira; entretanto a religião não é nada se não é um descobrimento pessoal. Como disse Platão há muito tempo: "Uma vida sem exame é uma vida que não vale a pena viver-se";

assim também a religião não examinada é uma religião que não vale a pena ter. Para o homem que pensa, é obrigação deter-se na consideração de seu caminho para com Deus.

(b) É necessário possuir um ministério que ensine. William Chillingworth disse: "A Bíblia, e somente a Bíblia, é a religião dos protestantes." Isto é verdade mas com freqüência não pensamos assim. A exposição da Escritura do púlpito é a necessidade primitiva de um despertar religioso. Não nos interessa o que pense o pregador, mas sim o que Deus diz.

(c) É necessário possuir um justo sentido de proporção. Uma das coisas estranhas na vida da Igreja é o que em seus fóruns, tais como sessões e presbitérios, e até assembleias gerais, consagram-se numa vintena de horas à discussão dos problemas mundanos de administração por cada hora que se dedica à consideração das verdades eternas divinas. É um fato que hoje em dia, em assembleias eclesiásticas, é estranho que haja alguma discussão teológica. Paulo orava para que seu povo pudesse aprofundar mais na sabedoria das verdades eternas. Esta oração nunca obterá resposta se não dedicarmos uma importante porção de nosso tempo a pensar nestas verdades.

(2) Paulo ora por uma revelação e um conhecimento mais plenos de Deus. O crescimento cristão no conhecimento e na graça é essencial. Todo profissional sabe que é um risco deixar de estudar. Nenhum médico pensa que concluiu sua aprendizagem quando deixa as salas-de-aula da universidade. Sabe que cada semana e quase cada dia se descobrem novas técnicas, medicamentos e tratamentos. E se deseja conservar sua habilidade como médico, e continuar sendo útil aos que padecem enfermidade e dor, deve manter-se em dia. O mesmo sucede com o cristão. A vida cristã pode descrever-se como o esforço em conhecer cada dia melhor a Deus. Uma amizade que não se vai estreitando com os anos, tende a desvanecer-se. O mesmo acontece entre nós e Deus.

(3) Ora por uma nova compreensão da esperança cristã. A época em que vivemos se caracteriza como uma época de desespero.

Thomas Hardy escreveu no Tess: "Penso algumas vezes que os mundos são como as maçãs de uma árvore desarraigada. Algumas são excelentes e outras malogradas." Então surge a pergunta: "De que maneira vivemos: em forma autêntica ou em forma malograda?" E a resposta do Tess é: "De uma maneira malograda."

Entre as duas guerras Sir Philip Gibbs escreveu: "Se cheirar a gás venenoso na rota do Edgeware não me coloco uma máscara contra gás nem retiro a um ambiente à prova do mesmo. Vou sair e tomar uma boa baforada de gás, porque saberei que a partida está perdida." Os homens têm a sensação de viver num mundo onde se perdeu a partida.

H. G. Wells certa vez escreveu tristemente: "O homem que começou uma vez numa cova atrás de um cata-vento, acabará nas ruínas infectas dos bairros baixos." De todas partes surgem ecos pessimistas. Jamais foi tão necessário como agora fazer ouvir a mensagem da esperança cristã. Se a mensagem cristã for verdadeira e se Deus for como Jesus Cristo nos ensinou, então não o mundo está encaminhado à dissolução, mas sim à consumação.

(4) Roga por uma nova compreensão do poder de Deus. Para Paulo a prova suprema do poder de Deus era a ressurreição. Quando o pecado tinha feito tudo o que estava em seu poder para destruir a Cristo e quando o homem tinha chegado ao limite de sua atividade humana para eliminá-lo, a ressurreição de Jesus foi a prova de que o poder de Deus é mais forte que o pecado do homem e que o propósito divino não pode ser detido por nenhuma ação humana. Num mundo que parece caótico é bom lembrar que o timoneiro desconhecido a quem os homens chamam Deus, mantém ainda o controle.

(5) Paulo termina falando da conquista de Cristo de uma esfera que não tem muito significado para o homem de hoje. Deus diz — elevou a Jesus Cristo sobre todo principado e autoridade e poder e senhorio e sobre todo nome que se nomeia. Nos dias de Paulo os homens criam

tenazmente tanto nos demônios como nos anjos; as palavras que usa Paulo são denominações dos diferentes graus de anjos. O que Paulo quer dizer, é que não há nada nos céus e na Terra ao que Jesus Cristo não seja superior e maior. É como dizer: "Em Jesus possuem o maior e mais poderoso amigo e salvador dos céus e da Terra." Em síntese, a oração de Paulo é que os homens cheguem a experimentar a grandeza do Senhor e Salvador que Deus lhes concedeu.

O CORPO DE CRISTO

Efésios 1:15-23 (continuação)

Finalmente chegamos aos últimos dois versículos do capítulo onde Paulo tem um dos pensamentos mais sublimes, mais aventurados e elevados que homem alguém tenha podido ter. Nestes versículos Paulo nomeia a Igreja com seu título mais sublime — *o corpo de Cristo*. Cristo é a cabeça da Igreja e esta seu corpo.

Para entender o que Paulo quer dizer retrocedamos ao pensamento fundamental de toda a carta. O mundo, tal como é, vive em completa desunião. Há desunião entre judeus e gentios, entre gregos e bárbaros, entre os diferentes homens de uma mesma nação; desunião dentro do próprio homem porque em todo homem o bem luta contra o mal; desunião entre os homens e os animais, de modo que homem e animais são inimigos, em lugar de amigos; sobretudo desunião entre o homem e Deus. Segundo a tese de Paulo Cristo morreu para reunir em um todos os elementos divergentes do universo, para eliminar brechas e separações, para reconciliar o homem com o homem e o homem com Deus. Jesus Cristo foi sobre todas as coisas o instrumento divino de reconciliação.

Cristo morreu para conduzir todas as coisas e todos os homens a uma vida de unidade dentro de uma família. Mas por certo essa unidade ainda não existe. Façamos uma analogia humana. Suponhamos que um grande médico trabalhando em seu laboratório e em sua sala de hospital descobre uma cura para o câncer; uma vez descoberta, a cura existe. Mas

antes de que esteja a disposição de todos e antes de que os pacientes de câncer de todo o mundo possam ser curados, o remédio deve ser levado ao mundo inteiro. Médicos e cirurgiões devem informar-se sobre o mesmo e adestrar-se em seu uso. A cura existe, mas uma só pessoa não pode difundi-la através de todo o mundo; um corpo de médicos deve chegar ao conhecimento da mesma e do modo de aplicá-la, e eles devem ser os agentes por meio dos quais a cura chegue a todos os doentes do mundo. Esta é precisamente a posição da Igreja com respeito a Jesus Cristo. Em Jesus todos os homens e todas as nações podem ser um. Mas antes de que isto aconteça todos os homens e todas as nações devem conhecer Jesus Cristo; sua verdade, sua graça, seu perdão e seu amor devem transmitir-se a todos os homens. Esta é a tarefa da Igreja. Jesus Cristo é o instrumento de Deus por meio de quem os elementos discordantes de um mundo belicoso podem encontrar a unidade: unidade entre os homens e unidade com Deus; e a igreja é o instrumento de Jesus Cristo mediante o qual essa unidade pode ser realizada.

Cristo é a cabeça; a Igreja é o corpo. A cabeça por si só carece de utilidade; uma mente e um cérebro isolados não servem absolutamente. A cabeça deve ter um corpo ao qual possa dirigir. O cérebro e a mente devem possuir um corpo através do qual possam operar. A Igreja é literalmente a mão para realizar a obra de Cristo, os pés para realizar seus recados, a voz para pronunciar suas palavras.

Na última frase do capítulo Paulo tem dois pensamentos de suma importância. A Igreja, diz, é o complemento de Cristo. Assim como o corpo é o complemento do cérebro, a Igreja é o complemento de Cristo. Assim como as idéias, os pensamentos e os descobrimentos da mente não podem fazer-se efetivos sem o trabalho do corpo, tampouco o segredo admirável e a glória que Cristo oferece ao mundo podem fazer-se efetivos sem a obra da Igreja. Paulo segue adiante dizendo que Jesus enche paulatinamente tudo em todo lugar e que esta plenitude é levada a cabo pela Igreja. A Igreja deve levar o segredo de Jesus Cristo a todos os povos e a todos os homens. Estes é um dos pensamentos mais tremendos

de todo o cristianismo. Significa nada menos que o plano de Deus sobre a unidade do mundo está em mãos da Igreja. É o propósito de Deus fazer um mundo ligando entre si e consigo a todos seus elementos discordantes. Para que isto seja possível enviou a Jesus Cristo. Em Jesus está o segredo da unidade. Mas a mensagem e o poder devem ser levados a todos os homens; e a Igreja é o corpo de Cristo, o instrumento através do qual Cristo age em todo mundo. O cumprimento do plano de Deus depende da Igreja.

Há uma ilustração antiga e debulhada mas que sintetiza perfeitamente esta verdade importante. Uma lenda conta como Jesus voltou para o céu depois de sua morada terrena. Até no céu levava sobre si as marcas do sofrimento e da cruz. Falando com os anjos, Gabriel lhe disse: "Mestre, Tu deves ter sofrido terrivelmente lá abaixo entre os homens." "Efetivamente", disse Jesus. "Mas", repôs Gabriel, "sabem todos eles como Tu os amaste e o que fizeste por eles?" Jesus disse: "Oh, não!, ainda não. Em realidade, só sabem umas quantas pessoas na Palestina." Disse Gabriel: "O que fizeste para que todos cheguem a sabê-lo?" Jesus disse: "Pedi a Pedro e Tiago e João e alguns mais que empreguem suas vidas em falar de mim a outros e estes a outros mais, e assim sucessivamente até que o homem mais longínquo chegue a saber o que tenho feito."

Gabriel parecia muito cético, porque sabia muito bem de que pobre estofo parecia o homem. "Sim", disse, "mas o que seria se Pedro, Tiago e João se cansam; se os que venham depois deles se esquecem? O que acontecerá se lá longe, no século XX, já não falam mais de ti? Não tem feito outros planos?" E Jesus respondeu: "Não tenho feito nenhum outro plano; *conto com eles*." Ao dizer que a Igreja é o corpo e o complemento de Cristo se afirma precisamente que Jesus conta conosco.

Efésios 2

[A vida sem Cristo e a graça de Deus - 2:1-10](#)

[A vida sem Cristo - 2:1-3](#)

Morte em vida - 2:1-3 (cont.)

As características de uma vida sem Cristo - 2:1-3 (cont.)

A obra de Cristo - 2:4-10

A obra e as obras da graça - 2:4-10 (cont.)

Antes da vinda de Cristo - 2:11-12

Desespero e impotência - 2:11-12 (cont.)

O fim das barreiras - 2:13-18

O exclusivismo da natureza humana sem Cristo - 2:13-18 (cont.)

A unidade em Cristo - 2:13-18 (cont.)

Os dons da unidade de Cristo - 2:13-18 (cont.)

A família e a morada de Deus - 2:14-22

A VIDA SEM CRISTO E A GRAÇA DE DEUS

Efésios 2:1-10

Nesta passagem o pensamento de Paulo flui sem levar em conta as regras da gramática: começa orações sem terminar; no meio do caminho deixa uma construção que antes tinha adotado. Trata-se muito mais de um poema sobre o amor de Deus que de uma cuidadosa exposição teológica. O cântico do rouxinol não pode ser analisado de acordo com as regras de contraponto ou de composições musicais. A cotovia canta pela alegria de cantar. Isto é o que Paulo faz aqui. Derrama sua coração de tal maneira que as exigências gramaticais cedem às maravilhas da graça.

A VIDA SEM CRISTO

Efésios 2:1-3

Quando Paulo fala de *vós* refere-se aos gentios; pelo contrário quando diz *nós* fala de compatriotas judeus. Nesta passagem mostra quão terrível era a vida sem Cristo, tanto para os gentios como para os judeus.

(1) Acima de tudo, diz que essa vida era vivida em meio a pecados e transgressões. Os termos empregados aqui são muito interessantes. Para *pecado* o termo é *hamartia*, que se emprega para o tiro ao branco. Literalmente significa errar o alvo. Um homem atira sua flecha e não acerta o alvo: isto é *hamartia*. O pecado é, pois, errar o alvo na vida; pecado é não chegar a ser o que a pessoa deveria ou poderia ser. Precisamente por esta razão o pecado é tão universal. Usualmente estamos acostumados a ter uma idéia equivocada do pecado. Logo, estaríamos de acordo em que o ladrão, o assassino, o fabricante de facas, o bêbado e o pistoleiro são pecadores. Mas do momento em que nos consideramos respeitáveis cidadãos, no íntimo de nosso coração não pensamos que o pecado tenha algo que ver conosco. Provavelmente nos ofenderíamos se nos chamassem pecadores dignos do inferno. Mas este termo *hamartia* nos põe de frente com o que significa o pecado.

O pecado — valha a repetição — é o não chegar a ser o que deveríamos e poderíamos ser. É um homem tão bom marido como poderia sê-lo? Trata de tornar mais fácil a vida a sua mulher? Dá livre curso na família a seu gênio, a seu temperamento e a sua exasperação? É uma mulher tão boa esposa como deveria sê-lo? Participa com verdadeiro interesse no trabalho de seu marido ou busca entender os problemas e as preocupações do homem de cujo trabalho depende o sustento da casa? Somos tão bons pais como deveríamos sê-lo? Formamos e educamos a nossos filhos de acordo com nosso dever ou evitamos com freqüência nossas obrigações? Quando nossos filhos cresceram, aproximamo-nos cada vez mais a eles ou eles nos apartaram até fazer difícil a conversação, chegando na prática a conviver como estranhos? Somos tão bons filhos e filhas como poderíamos sê-lo? Tratamos alguma vez de ser agradecidos, ou de retribuir o que se fez por nós? Não notamos alguma vez o olhar ferido nos olhos de nossos pais, reconhecendo em nós a causa disso? Fomos tão bons operários como deveríamos havê-lo sido? Cumprimos cada hora de trabalho com o mais perseverante e consciente trabalho?

Quando compreendemos o que é o pecado, damos conta de que não se trata de algo inventado pelos teólogos, mas sim de algo que empapa, satura e impregna a vida. Pecado é fracassar no que se deveria e poderia ser em cada esfera da vida. Paulo usa o outro termo *transgressão* que corresponde ao grego *paraptoma*. O termo significa literalmente *escorregão* ou *queda*. Usa-se para o homem que perde o caminho ou se extravia, ou para o homem que não consegue adquirir a verdade ou se afasta dela. O pecado, a transgressão consistem em tomar o mau caminho quando poderíamos e deveríamos ter escolhido o bom caminho; é passar por alto uma verdade que poderíamos e deveríamos ter conhecido. E por isso pecar é não conseguir chegar à meta e no fim da viagem empreendida. Estamos na vida onde deveríamos estar? Alcançamos a meta de eficácia, habilidade, talento e perícia que nossas dotes deveriam nos ter permitido alcançar? Alcançamos a meta que deveríamos ter alcançado no serviço a outros? Alcançamos a meta do bem a que deveríamos ter chegado? Estamos no caminho reto ou nos extraviamos em algum ponto do caminho?

A grande idéia central de pecado é o fracasso: fracasso em dar no alvo, fracasso em nos manter no caminho, fracasso em fazer da vida o que esta podia chegar a ser. E esta definição do pecado inclui a cada um de nós. Quando entendemos o que é o pecado, não fica dúvida alguma de sua universalidade ou de nossa própria pecaminosidade.

MORTE EM VIDA

Efésios 2:1-3 (continuação)

Paulo fala de estar *mortos no pecado*. Que alcance tem esta frase? Muitos a interpretaram no sentido de que os homens sem Cristo vivem num estado de pecado que na vida futura produz a morte da alma. Mas Paulo não se refere à vida futura, mas sim a esta vida presente neste mundo. O pecado tem sempre um poder de morte.

O efeito fatal e mortífero do pecado se canaliza em três direções.

(1) *O pecado mata a inocência.* Ninguém é exatamente o mesmo depois de pecar. Os psicólogos dizem que nada absolutamente passa ao esquecimento. Pode ser que alguma coisa não tenha ficado na consciência, na memória ou na superfície das coisas que lembramos; mas tudo o que alguma vez temos feito, visto ou ouvido se mantém em nossa subconsciência. Pode ser que não o lembremos, mas ali está. O resultado disto é que o pecado deixa um efeito permanente no homem.

Na novela *Trilby* de Du Maurier há um exemplo disto. Pela primeira vez em sua vida o pequeno Billee tinha tomado parte numa orgia de bebidas, embebedando-se.

"E quando depois de umas quarenta e oito horas despertou totalmente, ao desvanecer o bafo da memorável orgia natalina se sentiu estranho e caiu na conta de que algo triste lhe tinha acontecido. Foi como se um alento tivesse embaciado o espelho cheio de lembranças de sua memória e tivesse ficado pelo contrário um diminuto filme em que já não se refletia com a mesma antiga claridade de antes qualquer lembrança do passado. Como se o fio agudo e rápido de sua capacidade para revogar o encanto passado e a fascinação e essência das coisas se embotou. Como se tivessem desaparecido o viço dessa alegria especial e o dom que possuía de poder lembrar as emoções, sensações e situações e atualizá-las mais uma vez pelo mero esforço da vontade. E nunca mais recuperou o uso pleno dessa muito preciosa faculdade, a sorte de uma juventude e de uma infância feliz que tinha possuído certa vez sem precaver-se e de uma maneira tão singular e excepcional."

A experiência do pecado tinha deixado em sua mente e sua memória como um filme opaco, e as coisas nunca poderiam ser as mesmas de novo. Se manchamos um objeto ou um tapete podemos mandar ao lavadeiro, mas nunca serão inteiramente os mesmos. O pecado age no homem: Mata a inocência, e esta, uma vez perdida, não pode recuperar-se mais.

(2) *O pecado mata os ideais.* Na vida de muitos há algo assim como um processo trágico. Num começo o homem olha as coisas más com horror. Num segundo momento é tentado a fazer o mal. Mas justamente quando o realiza sente-se infeliz, incômodo e com plena consciência de

estar agindo mal. O terceiro tempo é quando realiza uma coisa com tanta freqüência que perde todo escrúpulo. Por seu poder fatal o pecado faz com que cada ato cometido facilite o seguinte; que cada concessão faça mais fácil a seguinte.

O ideal morre lentamente: cada pecado, fracasso e concessão contribuem para sua morte. O pecado é uma sorte de suicídio, porque mata os ideais que fazem com que a vida seja digna de ser vivida.

(3) Finalmente *o pecado mata a vontade*. Nos começo o homem se entrega a alguns prazeres proibidos porque assim o deseja; no final se entrega a eles porque não pode agir de outra maneira. Quando uma coisa faz-se hábito não está longe de fazer-se necessária. Quando alguém permitiu que algum hábito, concessão, secreto ou prática proibida o dominem, faz-se seu escravo. Sua vontade é impotente; sua capacidade morre. Como o expressa o antigo provérbio: "Semeia um ato e colherá um hábito; semeia um hábito e colherá um caráter; semeia um caráter e colherá um destino".

No pecado há certo poder homicida. O pecado mata a inocência; pode ser perdoado, mas seu efeito permanece. Como disse Orígenes: "As cicatrizes ficam". O pecado mata os ideais; os homens começam a fazer sem escrúpulos o que antes consideravam com horror. O pecado mata a vontade; faz presa do homem em tal medida que este já não pode romper seu domínio.

Tudo isto é ao menos parte do que pensa Paulo quando fala de estar mortos no pecado.

AS CARACTERÍSTICAS DE UMA VIDA SEM CRISTO

Efésios 2:1-3 (continuação)

Aqui Paulo faz uma espécie de lista das características de uma vida sem Cristo.

(1) É a vida vivida como a vivem os homens deste mundo. Isto significa que segue as pautas do mundo e seus valores. O cristianismo

exige o *perdão*. Para os escritores antigos era um sinal de fraqueza possuir o poder de vingar-se da injúria e não exercê-lo. O cristianismo exige *amor* até para nossos inimigos. Plutarco pelo contrário dizia que o sinal de um homem bom estava em que era útil a seus amigos e terrível com seus inimigos. O cristianismo exige *serviço*. Mas o mundo não entende, por exemplo, ao missionário que marcha a um país estranho para ensinar numa escola ou curar num hospital pela quarta parte do salário que obteria em sua pátria em qualquer serviço secular. A norma do mundo consiste essencialmente em colocar o eu no centro. A norma cristã consiste em essência em colocar no centro a Cristo e os demais. A essência do homem mundano é que como disse alguém, "conhece o preço de tudo e o valor de nada". O motivo do mundo é o proveito; a dinâmica cristã é o desejo de servir.

(2) É a vida vivida sob os ditames do príncipe do ar. Aqui temos também uma realidade muito vívida nos dias de Paulo mas que não é real para nós hoje em dia. O mundo antigo cria vigorosamente nos demônios. Pensavam que o ar estava tão infestado deles que era impossível inserir entre eles um alfinete.

Pitágoras disse: "Todo o ar está cheio de espíritos". Filo disse: "Há espíritos que voam em todas as partes pelo ar". "O ar é a mansão dos espíritos desencarnados". Estes demônios não eram todos maus, ainda que sim muitos deles. Saíam para propagar o mal, para frustrar o propósito divino e para atrair os homens a seus próprios maus caminhos. Saíam a arruinar as almas dos homens. O homem que está sob o seu domínio é aquele que tomou partido contra Deus.

(3) É uma vida que se caracteriza pela desobediência. Deus tem muitos caminhos para revelar sua vontade ao homem.

Ele o faz pela consciência, pela voz do Espírito Santo que fala do interior; Ele o faz dando ao homem a sabedoria e os mandamentos da Escritura; Ele o faz por meio da advertência, da admoestação e da repreensão de homens bons e pios. Mas o homem que vive uma vida sem

Cristo segue seu próprio caminho mesmo quando saiba qual é o caminho de Deus.

(4) É uma vida que está à mercê do desejo. A palavra para desejo é *epithymia*; significa caracteristicamente o desejo do mau e do proibido. Sucumbir a este desejo leva inevitavelmente ao desastre.

Uma das tragédias do século XIX foi a carreira do Oscar Wilde. Dotado de uma mente brilhante, tinha obtido as mais altas honras acadêmicas; foi um escritor brilhante que obteve os maiores prêmios em literatura. Possuía todos os encantos do mundo e era por instinto amável; entretanto, sucumbiu à tentação dos vícios contra a natureza e foi parar na prisão. Quando sofria por causa desta queda escreveu seu livro *De Profundis* em que dizia:

"Os deuses me deram quase tudo isso. Mas me deixei seduzir nos prolongados feitiços de absurdos gostos sensuais... Cansado de estar nas alturas baixei deliberadamente às profundidades buscando novas sensações. O que para mim era o paradoxo na esfera do pensamento, chegou a ser a perversidade na esfera da paixão. Despreocupe-me das vidas alheias. Tomava o prazer onde me agradava e seguia viagem. Tinha esquecido que cada pequena ação ordinária do dia forma ou deforma o caráter e que, portanto, o que se faz numa habitação oculta chega um dia a proclamar-se em alta voz dos telhados. Deixei de ser dono de mim mesmo. Já não era o capitão de minha alma, e não sabia. Deixei-me dominar pelo prazer. Acabei numa horrível desgraça".

O desejo é um mau amo; estar à mercê do desejo é transformar-se num escravo. E o desejo não é simplesmente algo carnal: é o desejo de qualquer coisa proibida.

(5) É uma vida que segue o que Paulo chama desejos de nossa carne. Agora devemos entender bem o que Paulo quer dizer com a carne e os pecados da carne. Refere-se muito mais aos pecados carnis, corporais e sexuais. No Gálatas 5:19-21 Paulo enumera os pecados da carne. É verdade que começa com adultério e fornicação mas segundo sua lista, entre outros são idolatria, inimizades, ira, contendas, invejas, rebeliões, heresias. A carne é a parte mais baixa de nossa natureza; é

aquela parte que oferece ao pecado uma cabeça de ponte ou um ponto de ataque. O significado da carne varia de uma pessoa a outra. A fraqueza de um pode estar em seu corpo e seu risco ser o pecado sexual; o pecado de outro pode radicar em coisas espirituais e seu risco ser o orgulho; o pecado de outro pode estar nas coisas terrestres e seu risco na ambição indigna; o pecado de outro pode radicar em seu temperamento com o risco de invejas e contendas. Todos estes são pecados da carne. Que ninguém pense que por ter escapado aos pecados mais grosseiros do corpo evitou os pecados da carne ou que por ter um corpo difícil de controlar seja o único em luta contra os pecados da carne. A carne é tudo aquilo que em nós dá oportunidade ao pecado; é a natureza humana sem Deus. Viver de acordo com os ditames da carne é simplesmente viver de tal maneira que nossa natureza mais baixa — a pior parte de nós — domine nossas vidas.

(6) É uma vida que só merece a cólera de Deus. Há muitos homens amargurados porque crêem que nesta vida nunca obtiveram o que merecem seus talentos, dons e obras. Isto pode ser assim, mas perante Deus ninguém merece outra coisa senão condenação. Se Deus nos tratasse como merecemos, para o melhor de nós não haveria outra coisa senão condenação e castigo. É unicamente seu amor em Cristo quem perdoa os homens merecedores só de castigo; homens que tinham ofendido seu amor e quebrantado sua lei.

A OBRA DE CRISTO

Efésios 2:4-10

Paulo começou afirmando que em nossa situação estamos mortos em delitos e pecados. Mas agora Deus em seu amor e misericórdia nos dá vida em Jesus Cristo. O que é exatamente o que quer dizer Paulo? O que é o que Jesus realizou, que conseguiu inverter o processo da vida? Vimos que o estar mortos em delitos e pecados implica três coisas.

Jesus tem que fazer algo com respeito a estes três pontos.

(1) Vimos que o pecado mata a inocência. Agora, nem sequer Jesus pode devolver a inocência perdida, porque não pode fazer com que o relógio da vida volte para trás. Mas pode tirar o sentido de culpa que necessariamente traz a perda da inocência. A primeira coisa que sempre o pecado faz é criar o sentido de distanciamento entre Deus e nós. Cada vez que o homem compreende que pecou, oprime-o o sentimento de que não pode ousar aproximar-se de Deus. Quando Isaías teve a visão de Deus sua primeira reação foi: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios”. (Isaías 6:5). Quando Pedro deu-se conta de quem era Jesus, sua primeira reação foi: “Retira-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador.” (Lucas 5:8). Jesus começa tirando este sentimento de separação ao nos dizer que não interessa o que tenhamos chegado a ser, agora as portas estão abertas para que possamos nos aproximar da presença de Deus.

Suponhamos que um filho ou uma filha tenham cometido algum ato em extremo vergonhoso e que, em conseqüência, foge para longe; pensa que carece de sentido voltar para sua casa, porque sem dúvida a porta está fechada para ele. Mas suponhamos que alguém chegasse com a notícia de que, longe de estar fechada, a porta ainda está aberta e o aguarda as boas-vindas. Que mudança produziria esta notícia! É justamente esta notícia que Jesus trouxe. Ele veio para eliminar o sentimento de afastamento e culpa, dizendo-nos que Deus nos quer tal qual somos.

(2) Vimos que o pecado mata os ideais que dão vida ao homem. Jesus reaviva o ideal no coração do homem.

Conta-se de um maquinista negro dos Estados Unidos que possuía um barco de traseiro. Seu barco era velho e já não lhe servia muito. A maquinaria estava suja, cheia de fuligem e descuidada. Aconteceu que o engenheiro se converteu profundamente. A primeira coisa que fez foi voltar para seu barco e limpar suas máquinas até cada parte da maquinaria ficar brilhante como um espelho. Um dos passageiros

regulares lhe comentou a mudança. "O você que esteve fazendo?", perguntou-lhe. "O que o tem feito ficar limpando e polindo esta velha máquina?" "Senhor", respondeu o maquinista "alcancei uma glória." Isto é o que Cristo faz por um homem: dá-lhe uma glória.

Conta-se que na congregação de Edimburgo aonde foi George Matheson havia uma anciã que vivia num porão muito sujo. Depois de alguns meses do ministério de Matheson chegou o tempo da comunhão. Quando o presbítero visitou o porão dessa anciã com os cartões para assinar, descobriu com surpresa que se tinha mudado. Buscou-a e a encontrou numa água-furtada pobre e carente de todo luxo, mas tão luminosa, arejada e limpa como escuro, triste e sujo tinha sido o porão. "Vejo que mudou de casa", disse-lhe. "Sim, efetivamente, respondeu a mulher. Não se pode ouvir a pregação de George Matheson e viver num porão."

A mensagem cristã tinha aceso de novo um ideal. A graça de Jesus Cristo acende de novo os ideais que as repetidas quedas no pecado tinham extinto. E por esta nova iluminação a vida retoma seu caminho ascendente.

(3) Mas o maior de tudo é que Jesus Cristo faz com que a vontade perdida reviva, restaure-se e se recrie. Vimos que o pecado leva fatal e tragicamente à paulatina mas segura destruição da vontade humana; que a concessão que começou como um prazer termina sendo uma necessidade; que os pecados do homem minam a força de sua vontade e forjam as cadeias pelas quais fica ligado na impotência. Jesus recria a vontade.

Com efeito, é isto o que o amor sempre realiza. Um grande amor tem sempre um efeito de purificação. Quando uma pessoa se apaixona de verdade, entra em sua vida um amor maior que o amor a seus pecados. O novo amor o impele ao bem. Ama tanto ao ser amado que o amor a seus pecados é derrotado e quebrantado. É isto o que Cristo faz por nós. Quando o amamos, este amor restaura e recria nossa vontade para o bem.

A OBRA E AS OBRAS DA GRAÇA**Efésios 2:4-10 (continuação)**

Paulo fecha esta passagem com uma de suas mais importantes elaborações sobre o paradoxo que sempre está no coração de seu evangelho. Vejamos os dois elementos deste paradoxo.

(1) Paulo insiste em que somos salvos pela graça. Nada podemos fazer por nossa própria salvação que não merecemos nem jamais poderemos merecer. Trata-se de um dom de Deus, e tudo o que podemos fazer é aceitá-lo com fé em que esse dom gratuito de Deus é real. Este ponto de vista de Paulo é inegável e indiscutivelmente verdadeiro. É verdadeiro por duas razões.

(a) Deus é perfeito e nada do que nós poderíamos lhe oferecer satisfaria de modo algum. Nada do que o homem finito e pecador pode fazer pode ganhar ou merecer a aprovação e o favor do infinito Deus de infinita bondade. Somente a perfeição satisfaz a Deus e o homem por sua própria natureza não pode oferecer a Deus a perfeição. Ainda que o homem não fosse pecador, em seu esforço por encaminhar-se a Deus teria que ser sempre Deus quem desse e o homem quem recebesse.

(b) Mas ainda há mais. É a grande concepção cristã de que Deus é amor. Portanto o pecado é um delito não contra a lei, mas sim contra o amor. Agora, é possível expiar o quebrantamento de uma lei, mas é impossível fazer expiação por um coração destroçado; e o pecado não é tanto quebrantar a lei de Deus quanto destruir o coração de Deus.

Suponhamos que quebrantamos uma lei; podemos pagar a tristeza da multa ou da prisão que ela exige, e então a lei deixa de ter exigências sobre nós e nos sentimos livres. Mas suponhamos que quebrantamos o coração de uma pessoa. Neste caso jamais poderemos expiar o fato. Façamos uma analogia crua e imperfeita. Um automobilista por imprudência mata a um menino. É detido, julgado, declarado culpado e sentenciado a uma determinada prisão ou determinada multa. É privado por algum tempo da licença de condutor. No que respeita à lei, o assunto

acaba aqui. Mas é muito diferente a posição com respeito à mãe do menino morto: jamais conseguirá compensar sua perda; nunca poderá emendar o fato submetendo-se a um período da prisão ou pagando uma determinada multa. O crime cometido vai contra o amor a seu filho e o único que pode restabelecer as relações é um ato livre de perdão por parte dela.

Esta é nossa situação para com Deus. Não pecamos contra a lei de Deus, mas sim contra seu coração. Portanto, só um ato de livre perdão da graça divina pode nos reconduzir a uma relação correta com Deus. Jamais poderemos merecer o perdão de Deus; só podemos aceitá-lo com fé e confiança perfeitas.

(2) Tudo isto equivale a dizer que as obras nada têm que ver com o merecimento da salvação. Mas é precisamente aqui onde não é justo nem possível abandonar o ensino de Paulo e é precisamente onde é abandonada com tanta freqüência. Paulo continua dizendo que somos de novo criados por Deus para boas obras. Esta é o paradoxo paulino. Todas as obras boas do mundo não podem nos justificar perante Deus, mas uma vez que fomos justificados perante Deus nosso cristianismo terá algo radicalmente errôneo se não dar como resultado boas obras.

Não há nada misterioso com respeito a isto. É simplesmente uma inevitável lei do amor. Se alguém nos amar, especialmente se se trata de uma pessoa especial, encantadora e esplêndida sabemos que não podemos merecer esse amor. É impossível merecer um amor assim. Trata-se de um dom que excede todo merecimento. Mas ao mesmo tempo sabemos com a máxima convicção que deveremos consagrar a vida toda para *tentar* ser dignos desse amor. Esta é nossa relação com Deus. Nada do que nós tenhamos podido fazer alguma vez pode ganhar ou merecer o favor e o amor de Deus. É o dom gratuito da graça de Deus que devemos aceitar com humildade, confiança e gratidão; mas isto não significa que não precisemos fazer absolutamente nada. Significa que a partir desse momento toda a vida terá que ser um prolongado esforço para manifestar nossa gratidão e tentar merecer esse amor. As obras boas

jamais merecem a salvação, mas há algo radicalmente mal se a salvação não produzir boas obras. Não são nossas boas obras as que fazem que Deus seja nosso devedor, é o amor de Deus o que nos coloca na obrigação de manifestar, através de nossa vida, o esforço por ser dignos dele.

Sabemos o que Deus quer que façamos. Deus preparou com muita antecipação o tipo de vida que deseja que vivamos e nos falou a respeito na Escritura e por meio de seu Filho. Não podemos merecer o amor de Deus, mas podemos e devemos manifestar nosso agradecimento tentando viver de coração o tipo de vida que dê alegria ao coração de Deus.

ANTES DA VINDA DE CRISTO

Efésios 2:11-12

Aqui Paulo fala da condição dos gentios antes da vinda de Cristo. Paulo era o apóstolo dos gentios, mas ao mesmo tempo não esquecia o lugar único e particular dos judeus no desígnio e na revelação de Deus. Aqui descreve o contraste entre a vida do gentio e a do judeu.

(1) Os gentios eram chamados "a incircuncisão" pelos que exigiam uma circuncisão que é algo físico e humano. Aqui está a primeira das grandes divisões. O judeu abrigava um enorme desprezo pelo gentio. Os gentios — diziam — tinham sido criados por Deus para ser combustível para o fogo do inferno. Deus só amava a Israel dentre todas as nações que tinha feito. "Esmaga a melhor das serpentes", diziam; "mata ao melhor dos gentios". Nem sequer estava permitido ajudar a uma mãe gentia a dar à luz, pois seria simplesmente trazer ao mundo um gentio a mais. Antes da vinda de Cristo os gentios eram objeto de desprezo aos olhos dos judeus. As barreiras que os dividiam eram infranqueáveis. Se um judeu ou uma judia se casava com um gentio, levava-se a cabo o funeral do jovem ou da jovem judeus. Tal contato com o gentio equivalia à morte. Até o entrar em casa de um gentio tornava o judeu impuro. As barreiras infranqueáveis antes de Cristo foram derrubadas depois de

Cristo. Antes de Cristo não havia nenhuma esperança de unidade; em Cristo tinha vindo uma nova unidade.

(2) Os gentios não tinham a esperança de um Messias. *Estavam sem Cristo*. Esta tradução é perfeitamente possível e bem pode ser correta. Mas a palavra *Cristos* não é de maneira nenhuma nem em primeiro termo um nome próprio ainda que logo chegou a sê-lo. Trata-se de um adjetivo que significa *o ungido*. Os reis eram e ainda são ungidos no ritual de coroação. Desta maneira a palavra *Cristos*, que é uma tradução literal grega do hebreu *Massiah*, chegou a significar o Ungido de Deus, o esperado, o ansiado, o rei almejado que Deus enviaria ao mundo para sair por seus foros e introduzir a idade de ouro. Até nos dias de maior tribulação e amargura os judeus jamais duvidaram da vinda do Messias. Mas os gentios não possuíam tal esperança. Jamais conheceram nem esperaram um Messias. Vejamos agora os resultados desta diferença. Para o judeu a história sempre conduzia a uma meta; como quer que fosse o presente, o futuro se previa glorioso; toda a vida era o chamado de um presente impossível a um futuro radiante. Isto significa que o ponto de vista judeu da história é essencial, inerente, inatamente otimista.

Para os gentios, por outro lado, a história não se dirigia a nenhuma parte. Os estóicos tinham concebido uma teoria da história de modo cíclico. Criam que a história seguia seu curso durante três mil anos, logo todo o universo era reduzido à chamas por um cataclismo ou uma conflagração e então o processo começava de novo com os mesmos acontecimentos e a mesma gente repetindo-se exatamente. A diferença entre uma e outra concepção é abismal. Para o gentio, a história era um progresso a lugar nenhum; para o judeu uma marcha rumo a Deus. Para o gentio a vida literalmente não valia a pena ser vivida; para o judeu a vida era o caminho para uma vida superior. Para o pagão a história era o girar de um eixo; para o judeu, o caminho para Deus. Com a vinda de Cristo o gentio entrou também no novo conceito da história na qual o homem está sempre no caminho para Deus.

DESESPERO E IMPOTÊNCIA**Efésios 2:11-12 (continuação)**

(3) Mais ainda, os gentios estavam afastados da cidadania de Israel. O que significava isto? O nome do povo de Israel era *ho hagios Laos*: o povo *santo*. Já vimos que o significado fundamental da palavra *hagios* é *diferente, separado de, outro que*. Em que sentido o povo de Israel era diferente de outros povos? Era diferente em que no sentido mais real da palavra o único rei de Israel era Deus. As demais nações podiam ser governadas pela democracia ou a aristocracia; Israel era uma teocracia; Deus o governava.

Depois dos triunfos de Gideão o povo se aproximou e lhe ofereceu o trono; por tudo o que tinha feito queriam fazê-lo rei. Mas a resposta de Gideão foi a seguinte: “Não dominarei sobre vós, nem tampouco meu filho dominará sobre vós; o SENHOR vos dominará” (Juízes 8:23). Quando o salmista cantava: “Exaltar-te-ei, ó Deus meu e Rei” (Salmo 145:1), falava no sentido literal da palavra. Os pagãos podiam ser governados por reis, tiranos, governadores, imprevisíveis senados e concílios; o rei de Israel era Deus. Ser israelita significava ser um membro da sociedade de Deus, possuir uma cidadania divina. Por certo a vida de uma nação com a consciência de tal destino teria que ser completamente diferente da de qualquer outra nação.

Diz-se que quando Péricles, o maior dos atenienses se adiantava para dirigir-se à assembléia de Atenas, dizia-se a si mesmo: "Péricles, lembra que é um ateniense e que está falando com atenienses". Mas o judeu podia dizer "Lembra que é um cidadão de Deus e que está falando com o povo de Deus". Não há em todo o mundo uma consciência de maior grandeza que esta.

(4) Os gentios eram alheios aos pactos da promessa. Qual é o alcance desta afirmação? Israel era por excelência o *povo da aliança*. A idéia judia de aliança era a seguinte. Criam que Deus se aproximou do povo com um oferecimento particular: “Tomar-vos-ei por meu povo e

serei vosso Deus” (Êxodo 6:7). Esta relação não só implicava privilégios, mas também obrigações. A relação do pacto implicava a observância da Lei e dependia do cumprimento e da obediência desta Lei dada por Deus. Êxodo 24:1-8 nos traça um quadro dramático de como o povo judeu aceitou a aliança e suas condições: “Tudo o que falou o SENHOR faremos” (Êxodo 24:3,7). Se o desígnio de Deus tiver que realizar-se, só poderá ser mediante uma nação. A eleição divina de Israel não foi favoritismo, porque Deus não o escolheu para uma honra particular mas sim o escolheu para uma responsabilidade particular. Mas isso dava aos judeus a consciência particular e única de ser o povo de Deus. Simplesmente ser judeu significava ter consciência de dignidade. Paulo não podia esquecer, porque era um fato da história, que os judeus constituíam o único povo de Deus, o instrumento nas mãos de Deus.

(5) Os gentios estavam sem esperança e sem Deus no mundo. A gente fala freqüentemente dos gregos como do povo mais esplendoroso da história; mas no fundo de tudo havia uma melancolia grega e se vivia uma espécie de desespero essencial. Isto era assim dos longínquos tempos do Homero. Na *Ilíada* (6:146-143) quando Glauco e Diomedes se enfrentam em combate singular, antes de trançar-se em luta Diomedes quer conhecer a linhagem de Glauco, quem responde: "Por que me pergunta sobre minha geração? Tal como as gerações das folhas são as gerações humanas; as folhas que foram arrastadas sobre a terra pelos ventos e os bosques voltem a brotar ao aproximar-se a primavera. Assim são as gerações humanas: uma nasce e outra termina". O grego podia dizer em verso:

“Brotamos e crescemos como as folhas da árvore;
murchamo-nos e perecemos”.

Ainda que adicionava triunfalmente:

“Mas nada terá que mude a Ti”.

Teognis podia escrever:

“Durante minha juventude me alegro e me distraio; mas cheguei a jazer por muito tempo sob a terra, privado de vida, mudo como uma pedra; deixarei o brilho do sol que tanto amei. Ainda que seja um homem bom, então não verei nada mais”.

“Alegre-se, minha alma, em sua juventude; logo virá outro homem à vida e eu serei terra negra na morte”.

“Nenhum mortal de todos os que o sol contempla é totalmente feliz”.

Nos *Hinos homéricos* a assembléia do Olimpo é encantada pelas musas que cantam "dos dons imortais dos deuses e as insipidezes dos homens; até tudo o que estes suportam por vontade dos imortais numa vida atordoada e impotente, sem poder achar remédio para a morte nem defesa contra a velhice".

É verdade que os gentios viviam sem esperança porque estavam sem Deus. Israel pelo contrário manteve sempre uma esperança luminosa e radiante em Deus, que brilhou com claridade e em forma inextinguível até nos dias mais terríveis e escuros. O gentio enquanto isso experimentava em seu coração o desespero antes que Cristo viesse para dar-lhe esperança em sua desesperança.

O FIM DAS BARREIRAS

Efésios 2:13-18

Já vimos como os judeus odiavam e desprezavam os gentios. Agora Paulo usa duas comparações particularmente gráficas para o judeu de então, para mostrar como esse ódio foi morto e veio uma nova unidade.

Paulo diz que aqueles que estavam longe foram aproximados. Isaías ouviu a Deus dizer: “Paz, paz para os que estão longe e para os que estão perto” (Isaías 57:19). Quando os rabinos falavam sobre a aceitação de

um convertido ao judaísmo, costumavam dizer que o prosélito da fé tinha sido *trazido para perto*. Por exemplo, os escritores judeus do rabinismo contam como uma mulher gentia foi ao Rabino Elézer. Confessou que era uma pecadora e pediu ser admitida na fé judia. "Rabino, dizia, leve-me para perto". Mas o rabino se negou fechando-lhe a porta na cara. Agora, pelo contrário, a porta está aberta; aqueles que estavam longe de Deus podem ser trazidos para perto. A porta não se fecha para ninguém.

Mas Paulo usa ainda uma descrição mais gráfica. Diz que a parede intermédia de separação foi derrubada. Trata-se de uma descrição do templo. O templo constava de uma série de átrios; cada um destes era mais alto que o anterior e o próprio templo no centro. Em primeiro termo estava o átrio dos gentios, logo o das mulheres, o dos israelitas, o dos sacerdotes e, finalmente, o próprio santuário. Os gentios só podiam entrar no primeiro átrio. Entre este e o das mulheres havia um muro ou, antes, uma espécie de gradeado de mármore belamente trabalhado, no qual a intervalos havia lápides nas quais se advertia que se um gentio passava mais além se fazia passível de uma morte imediata.

Josefo diz em sua descrição do templo: "Ao passar por este primeiro claustro ao segundo átrio do templo havia ali uma divisão feita de pedra em todo o redor, cuja altura era de três côvados. Sua construção era muito elegante; em cima se encontravam pilares equidistantes nos quais se declarava a lei de purificação: alguns em caracteres gregos e outros em latinos com a finalidade de que nenhum estranho ingressasse no santuário" (*Guerras dos judeus* 5,5,2).

Em outra descrição diz do segundo átrio do templo que "estava cercado por um muro divisório de pedra que possuía uma inscrição para proibir sob pena de morte o ingresso a seu interior de qualquer estrangeiro" (*Antiguidades* 15,11,5).

Em 1871 se descobriu efetivamente uma destas lápides proibitivas; a inscrição que se lê é a seguinte: "Que nenhum de outra nação passe ao

interior das cercadas e barreiras em torno do templo; quem quer que for surpreendido nesta ação será responsável por sua própria morte".

Paulo conhecia bem estas barreiras porque sua avaliação em Jerusalém, que o levou à sua prisão final e à morte, deveu-se à acusação falsa de ter introduzido a Trófimo, um pagão de Éfeso ao templo, transpondo as barreiras (Atos 21:28-29). Desta maneira o muro divisório com sua barreira infranqueável excluía ao pagão da presença de Deus.

O EXCLUSIVISMO DA NATUREZA HUMANA SEM CRISTO

Efésios 2:13-18 (continuação)

Não se deve pensar que os judeus tenham sido o único povo especializado em erigir barreiras para excluir a outros. O mundo antigo estava cheio de barreiras. Uns quatrocentos anos antes de Paulo, Grécia tinha sido ameaçada pela invasão persa. Era a época de ouro das cidades-estados. Grécia estava constituída por um grupo de cidades famosas: Atenas, Tebas, Corinto, etc. E o que quase motivou e até cortejou o desastre foi que as cidades rechaçavam cooperar e colaborar para enfrentar a ameaça comum.

"O perigo está — escreveu T. R. Glover — em cada geração no próprio fato de que existam cidades particulares furiosas por sua independência a todo custo". Cícero pôde escrever muito antes: "Como dizem os gregos, todos os homens estão divididos em duas classes: gregos e bárbaros". Os gregos chamavam bárbaros a todos os que não falavam grego; desprezavam-nos e levantavam muros divisórios. Quando Aristóteles falava da bestialidade dizia que "encontra-se com muita maior freqüência entre os bárbaros" entendendo simplesmente por bárbaros os que não eram gregos. Fala das "remotas tribos de bárbaros pertencentes à classe bestial". A forma mais vital da religião grega consistia nas religiões dos mistérios, e de muitas destas os bárbaros, quer dizer, os que não eram gregos, eram excluídos. Livy escreve: "Os gregos empreendiam uma guerra sem quartel contra os povos de outras raças, a

saber, contra os bárbaros". Platão dizia dos bárbaros: "são nossos inimigos por natureza".

Há um provérbio holandês que diz: "Aquilo que não se conhece não se ama". No mundo antigo o homem de outra raça era um inimigo potencial e com frequência real. Mas o problema das barreiras de maneira nenhuma está restringido ao mundo antigo.

Rita Snowden cita duas declarações muito significativas. O Padre Taylor de Boston costumava dizer: "No mundo há lugar suficiente para todas as pessoas que nele há, porém, não há lugar para as cercas que os separam".

Sir Philip Gibbs em seu livro *The Cross of Peace* (A Cruz da Paz) escreveu sobre a situação moderna:

"O problema das barreiras chegou a ser um dos mais agudos que o mundo deve enfrentar. Existem no presente todo tipo de barreiras zigzagueantes e entrecruzadas através das raças e os povos do mundo. O progresso moderno tem feito do mundo uma vizinhança; Deus nos deu a tarefa de fazer dele uma irmandade. Nestes dias de muros que dividem raças, classes e credos devemos sacudir novamente a Terra com a mensagem do Cristo que tudo abrange e em quem não existe nem escravo nem livre, nem judeu nem grego, nem cita nem bárbaro, mas em quem todos são um".

O mundo antigo tinha suas barreiras e cercas. O judeu odiava e considerava odiado e desprezado por Deus ao não judeu. O grego agrupava os bárbaros entre as bestas e pensava que a guerra sem quartel contra eles estava na mesma natureza das coisas. Hoje em dia existem ainda cortinas de ferro, barreiras alfandegárias e divisões entre nações, classes, raças e igrejas. Numa sociedade sem Cristo não pode haver senão barreiras e muros divisórios.

A UNIDADE EM CRISTO**Efésios 2:13-18 (continuação)**

Paulo continua afirmando que em Cristo essas barreiras foram derrubadas. De que maneira Cristo as destruiu?

(1) Paulo diz de Jesus: "Ele é nossa paz". O que significa este substantivo? Usemos uma analogia humana. Suponhamos que duas pessoas têm uma desavença; suponhamos que submetam o assunto aos doutores na lei e estes redigem um documento estabelecendo os direitos do caso. Então se pede que as partes em conflito cheguem a um acordo sobre a base desse documento. Nesse caso o provável é que o pleito continue e que a brecha continue aberta, pois raramente se estabelece a paz sobre a base de um documento legal. Mas suponhamos que alguma pessoa querida de ambas as partes em litígio se aproxima e lhes fala e lhes dá a mão e com a mão o coração. Neste caso é muito provável que a paz se restabeleça. Quando duas partes estão em conflito, o caminho mais seguro para chegar a um acordo é por meio de alguém a quem ambas amem. Isto é o que Cristo faz. *Ele* é nossa paz. Pelo comum amor as pessoas chegam a amar-se mutuamente. E esta paz foi ganha pelo preço de seu sangue, porque o que mais desperta o amor é a cruz. Da cruz Jesus atrai a todos a si mesmo (João 12:32). O olhar a essa cruz desperta o amor a Cristo nos corações dos homens de todas as nações. E quando todos amem a Cristo, então se amarão mutuamente. A paz não se obtém mediante tratados, discussões, ligas e sociedades. Só pode existir em Jesus Cristo.

(2) Paulo diz que Jesus aboliu a Lei dos mandamentos expressos em ordenanças. Que alcance tem esta afirmação? Os judeus criam que só era bom o homem que observava a Lei judia; só dessa maneira podia-se obter a amizade e a comunhão com Deus. Agora, essa Lei consistia em milhares e milhares de regras, prescrições, mandamentos e decretos. As mãos tinham que ser lavadas de uma maneira determinada; igualmente os pratos; há páginas e páginas sobre o que se deve fazer e o que não se

deve fazer no dia de sábado; determinados tipos de sacrifícios deviam ser oferecidos com relação a determinadas circunstâncias da vida. Evidentemente com tudo isto não se pode fazer uma religião universal. Os únicos que tomavam ao pé da letra a Lei judia eram os fariseus, que não eram mais de seis mil. Uma religião baseada em todo tipo de regras, prescrições, rituais sagrados, costumes, práticas, sacrifícios e dias nunca pode chegar a ser uma religião universal. Mas, como diz Paulo, "Cristo é o fim da Lei" (Romanos 10:4) e aqui diz: "Jesus aboliu a Lei dos mandamentos expressos em ordenanças". Jesus terminou com o legalismo como princípio da religião.

E o que colocou em lugar da Lei? Em seu lugar pôs o amor a Deus e aos homens. Jesus veio para comunicar aos homens que não podem merecer a aprovação de Deus observando uma Lei cerimonial; que devem aceitar o amor, o perdão e a comunhão que Deus lhes oferece por pura misericórdia. Agora sim, uma religião baseada no amor pode ser definitivamente uma religião universal.

Rita Snowden nos narra uma história da guerra. Na França alguns soldados com seu sargento levaram o corpo morto de um camarada amigo para enterrá-lo num cemitério francês. O sacerdote esclareceu com toda amabilidade que se tratava de um cemitério católico romano e que era obrigatório saber se o defunto tinha sido batizado como membro da Igreja Católica Romana. Responderam-lhe que não sabiam. O sacerdote lamentou muito mas sendo assim não podia permitir o enterro no terreno da Igreja. De modo que, pesarosos, carregaram o seu camarada e o enterraram fora da cerca. No dia seguinte voltaram para ver se a fossa estava em ordem e, para seu assombro não puderam achá-la. Sabiam que só estava a dois metros da cerca do cemitério, mas embora buscassem, não puderam achar rastros de terra recém escavada. Quando se retiravam perplexos e desconcertados se apresentou o sacerdote. Disse-lhes que seu coração tinha ficado triste ao rechaçar o enterro no terreno da Igreja; por isso se tinha levantado da cama muito cedo e com

suas próprias mãos *tinha deslocado a cerca* para incluir o corpo do soldado que tinha morrido pela França.

Isto é o que o amor pode fazer. As regras e prescrições levantam o cerco; o amor o remove. Jesus removeu as barreiras colocadas entre os homens porque aboliu toda religião fundada em regras e prescrições e trouxe para os homens uma religião cujo fundamento é o amor.

OS DONS DA UNIDADE DE CRISTO

Efésios 2:13-18 (continuação)

Paulo passa agora a falar dos dons inestimáveis que Cristo ofereceu ao homem, dons que acompanham à nova unidade em Cristo.

(1) De ambos os povos, judeu e gentio, fez um só homem novo. Em grego há duas palavras para novo. Uma é *neos* que é simplesmente o novo com respeito ao tempo; uma coisa é *neos* simplesmente porque acaba de chegar à existência ainda que tenham existido centenas e milhares da mesma com antecedência. Um lápis saído da fábrica esta semana é novo no sentido de *neos*, ainda que existam milhões que são exatamente o mesmo. A outra é *kainos* que não significa tão novo com respeito ao tempo quanto com respeito à *qualidade*. Uma coisa é *kainos*, nova, no sentido de que brinda ao mundo algo de uma nova espécie, uma nova qualidade que antes não existia. Agora, a palavra que usa Paulo é *kainos*: diz que Jesus une o judeu e o gentio e com eles produz um novo tipo de pessoa. Esta afirmação é muito interessante e significativa. Não é que Jesus converta todos os judeus em gentios, ou todos os gentios em judeus, mas sim com ambos produz um novo tipo de pessoa permanecendo judeu o judeu e gentio o gentio.

Crisóstomo, o famoso pregador da Igreja primitiva, diz que é como se alguém fundisse uma estátua de prata e outra de chumbo para que de ambas resulte uma de ouro. A unidade que Jesus obtém não chega apagando as características raciais e nacionais, mas sim fazendo cristãos a homens e nações. É bem possível que aqui haja algo que aprender.

Sempre existiu a tendência entre as Igrejas que enviam missionários a países estrangeiros, de produzir pessoas que se vistam à européia, que falem o idioma dos missionários e obtenham a educação do país de origem destes. De fato, existem algumas Igrejas missionárias que querem que suas congregações missionárias empreguem em seus cultos a mesma liturgia que se emprega em suas Igrejas no país de origem. Mas a intenção de Jesus não é fazer de todos os homens uma só nação, mas sim que haja cristãos índios e cristãos africanos cuja unidade resida em seu cristianismo. A unidade em Cristo é unidade em Cristo, e não em nenhuma mudança externa.

(2) Reconciliou a ambos com Deus. O termo que usa Paulo (*apokatallassein*) é o usual para a reconciliação de dois amigos que se tinham inimizado. A obra de Jesus consiste em mostrar aos homens que Deus é seu amigo e porque ele é amigo deles devem por sua vez ser amigos entre si. A reconciliação com Deus implica e exige a reconciliação com o homem.

(3) Por meio de Jesus tanto o judeu como o gentio têm o direito de acesso a Deus. A palavra que usa Paulo para acesso é *prosagoge*, uma palavra com muitos matizes. Aplica-se ao oferecimento de um sacrifício a Deus; ao acesso dos homens à presença de Deus para ser consagrados a seu serviço; à apresentação de um orador ou um embaixador na assembléia nacional; e, acima de tudo, aplica-se à introdução de uma pessoa à presença do rei. Efetivamente na corte real persa havia um funcionário chamado o *prosagogeus* cuja função era apresentar perante o rei aos que haviam solicitado audiência. É uma sorte inestimável desfrutar do direito de, a qualquer momento, ir a uma pessoa admirável, sábia e santa; de irromper, até incomodando-a e levar-lhe nossas dificuldades, nossos problemas, nossa solidão e nossas tristezas. Este é exatamente o direito que Jesus nos dá com respeito a Deus. Por Jesus sempre estão abertas as portas à presença de Deus, tanto para o judeu como para o gentio.

A unidade em Cristo produz cristãos cujo cristianismo transcende toda diferença local e racial; produz homens que são amigos entre si porque são amigos de Deus; homens que são um, porque se encontram na presença de Deus, a quem todos têm acesso.

A FAMÍLIA E A MORADA DE DEUS

Efésios 2:19-22

Na última seção deste capítulo Paulo usa duas vívidas imagens. Diz que os gentios já não são estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos perfeitos no povo de Deus e membros em sentido pleno da família divina.

Paulo usa a palavra *xenos* para estrangeiros. Em cada cidade grega haviam *xenoi* cuja vida não era fácil. Um forasteiro escreveu de uma cidade estranha: "É melhor que fiquem em seus lares, sejam como forem, antes que ir a terra estranha". O estrangeiro era olhado sempre com suspeita e antipatia. Paulo usa a palavra *paroikos* para peregrinos. O *paroikos* já deu um passo adiante com respeito ao anterior. Era um estrangeiro residente; um homem que se tinha radicado num lugar sem chegar nunca a fazer-se cidadão naturalizado. Tinha que pagar um imposto pelo privilégio de viver num país que não era o próprio. Podia permanecer ali e trabalhar, mas era um estranho e forasteiro cujo lar estava em outra parte. Tanto o *xenos* como o *paroikos* tinham que agüentar dificuldades onde se encontrassem; sempre eram marginados.

De modo que Paulo diz aos gentios: "Vocês ainda não estão na Igreja e o povo de Deus sendo tolerados. Vocês são verdadeiros cidadãos da sociedade de Deus. Vocês são membros plenos da família de Deus".

A. B. Davidson nos narra suas experiências numa cidade estrangeira. Encontrava-se sozinho. Costumava passear pelas ruas ao entardecer. Algumas vezes podia observar através das vintenas como uma família sentada ao redor da mesa ou do fogo vivia em feliz

comunicação. Mas então as cortinas se fechavam sentindo-se rechaçado e só em meio a escuridão.

Isto é o que não pode suceder na família de Deus e o que jamais deveria suceder na Igreja. Por Jesus há na família de Deus um assento e um lugar para cada um de nós e para todos os homens. Os homens podem erigir barreiras, as igrejas reservar suas mesas de comunhão para seus próprios membros, mas Deus nunca procede assim; é uma tragédia que a Igreja seja com freqüência mais excludente que Deus.

A segunda figura que usa Paulo é a de um edifício. Pensa em cada Igreja como parte de um grande edifício e em cada cristão como uma pedra posta no edifício da Igreja. E a pedra angular de toda a Igreja é Cristo; se se tirar a pedra angular, toda a abóbada cai em escombros; a pedra angular é a que mantém tudo bem consolidado.

Paulo pensa que este edifício cresce cada vez mais e que cada parte da construção se ajusta em Cristo. Pense-se no que com freqüência é uma grande catedral. Abaixo entre os alicerces pode haver uma cripta saxã; em algumas das entradas ou vitrais pode observar um arco normando; uma seção é primitiva, a outra decorada e a terceira gótica; uma parte pode ter sido adicionada em nosso tempo e até em nossos dias. Há toda sorte de arquitetura, todo tipo de gente a edificou; mas o edifício é uma unidade porque nele se dá culto a Deus e tem lugar o encontro com Jesus Cristo.

A Igreja tem que ser assim. Sua unidade não provém da organização, do rito, da liturgia, do culto, mas sim de Cristo. A frase latina *ubi Christus ibi Ecclesia* expressa justamente que onde está Cristo ali está a Igreja. A Igreja só viverá sua unidade quando compreender que não deve difundir o ponto de vista de nenhum organismo humano, senão para ser o lar e a morada onde habite o Espírito de Cristo e onde todos os que amam a Cristo possam encontrar-se nesse Espírito.

Efésios 3

Prisão e privilégios - 3:1-13

O grande descobrimento - 3:1-7

A consciência que Paulo tinha de si mesmo - 3:1-7 (cont.)

O privilégio que torna o homem humilde - 3:8-13

O plano e a sabedoria de Deus - 3:8-13 (cont.)

O Deus que é Pai - 3:14-17

O fortalecimento em Cristo - 3:14-17 (cont.)

O amor infinito de Cristo - 3:18-21

PRISÃO E PRIVILÉGIOS

Efésios 3:1-13

Para entender a seqüência de pensamento desta passagem deve-se notar que os versículos 2-13 são um longo parêntese. O *por esta causa* do versículo 14 retoma e resume o versículo 1. Alguém falou do hábito de Paulo de desviar do tema. Uma só palavra ou idéia podem fazer com que o pensamento de Paulo se desvie pela tangente. Quando Paulo fala de si mesmo como "o prisioneiro de Cristo" pensa no amor universal de Deus e a parte que lhe cabe em transmitir esse amor aos gentios. Nos versículos 2-13 seus pensamentos saem fora do contexto; e logo no versículo 14 retoma o que estava para dizer no começo.

O GRANDE DESCOBRIMENTO

Efésios 3:1-7

Quando Paulo escrevia sua Carta estava na prisão romana esperando comparecer em juízo perante Nero. Aguardava os acusadores judeus com seus semblantes frios, seu ódio venenoso e suas acusações maliciosas. É verdade que estando na prisão Paulo desfrutava de certos privilégios: podia habitar na casa que alugava e recebia a visita de seus amigos. Apesar de tudo era dia e noite prisioneiro; estava encadeado dia e noite a um soldado romano que o custodiava e cujo dever era o de não

permitir que Paulo escapasse. Nesta circunstância Paulo se chama "o prisioneiro de Cristo".

Aqui há outro exemplo vivo do fato de que o cristão vive sempre uma dupla vida e tem dupla residência. Qualquer um que tivesse contemplado a Paulo na prisão o teria declarado prisioneiro do governo romano; e isto em certo sentido era verdade. Mas Paulo jamais se considerou prisioneiro de Roma mas sim de Cristo. Nunca se considerou detido pelas autoridades romanas, mas sim padecendo pela causa de Cristo. O ponto de vista faz toda a diferença.

Há um relato famoso dos dias em que Sir Christopher Wren estava construindo a catedral de São Paulo. Numa ocasião Sir Christopher Wren deu uma volta pelas obras. Aproximou-se de um operário e lhe perguntou: "O que você está fazendo?" O homem respondeu: "Estou esculpindo esta pedra de tal forma e tamanho". Aproximou-se de outro operário e lhe perguntou sobre seu trabalho. O homem respondeu: "Estou ganhando tanto dinheiro por meu trabalho". Foi a um terceiro com a mesma pergunta. Agora o operário interrompeu um momento seu trabalho, ergueu-se e respondeu: "Estou ajudando ao Sir Christopher Wren a construir a catedral de São Paulo".

Havia uma diferença total nos pontos de vista de cada operário. Alguém que esteja prisioneiro por alguma causa importante poderá considerar-se a si mesmo como uma pobre e infeliz criatura e maltratada ou prazerosamente como porta-estandarte e protagonista de uma causa importante. O primeiro verá sua prisão como tristeza, o segundo como um privilégio. Quando devemos agüentar opressões e impopularidade por causa dos princípios cristãos podemos considerar-nos, seja vítimas dos homens, seja campeões de Cristo. Nosso ponto de vista faz toda a diferença. Paulo é nosso exemplo: considera-se a si mesmo não como prisioneiro de Nero, mas sim como prisioneiro de Cristo.

Paulo recorre aqui ao pensamento que está no próprio coração de sua Carta. Ele tinha tido a revelação do grande segredo divino. Este

segredo consistia em que o amor, a misericórdia e a graça de Deus estavam destinados não só aos judeus, mas também a toda a humanidade.

Quando Paulo se encontrou com Cristo no caminho a Damasco, tinha tido um repentino relâmpago de revelação. Deus o tinha enviado aos gentios "para que abra seus olhos, para que se convertam das trevas à luz, e da potestade de Satanás a Deus; para que recebam pela fé que é em mim, perdão de pecados e herança entre os santificados" (Atos 26:28). Este era um descobrimento completamente novo.

O pecado fundamental do mundo antigo era o menosprezo. Os judeus desprezavam os gentios como incapazes e indignos — assim o pensavam — à vista de Deus. No pior dos casos os gentios existiam só para ser aniquilados. "Porque a nação e o reino que não te servirem perecerão" (Isaías 60:12). No melhor dos casos os gentios existiam para ser escravos de Israel: "A riqueza do Egito, e as mercadorias da Etiópia, e os sabeus, homens de grande estatura, passarão ao teu poder e serão teus; seguir-te-ão, irão em grilhões, diante de ti se prostrarão e te farão as suas súplicas" (Isaías 45:14). Para mentes que pensavam assim era inconcebível que a graça e a glória de Deus fossem para os gentios. Os gregos desprezavam os bárbaros de outras nações — e para eles todas as outras nações eram bárbaras. Como disse Celso quando estava atacando os cristãos: "Os bárbaros podem ter algum dom para descobrir a verdade, mas esta para ser entendida supõe um grego". Este desprezo racial e nacional não acabou com o mundo antigo.

Na obra *Complaynt of Scotland* do século XVI se escrevia: "Nossa nação reputa por bárbaros às outras nações, quando sua natureza e sua compleição contrastam com os nossos."

Até o dia de hoje os chineses se referem depreciativamente a todos os estrangeiros como bárbaros. No *Mercantile Marine Magazine* de 1858 se dá uma recomendação a efeitos de que o termo bárbaro não seja aplicado aos britânicos nos documentos oficiais chineses (estes dois exemplos foram tirados do *The Stranger at the Gate* por T. J. Haarhoff). Mas no mundo antigo as barreiras eram absolutas. Ninguém sonhava que

a graça e os privilégios e o amor de Deus fossem para todos. Paulo foi aquele que fez este descobrimento. Daí que Paulo tenha tão tremenda importância porque sem ele é perfeitamente concebível que o cristianismo não se teria estendido a todo mundo e que nós mesmos não fôssemos cristãos.

A CONSCIÊNCIA QUE PAULO TINHA DE SI MESMO

Efésios 3:1-7 (continuação)

Quando Paulo refletia neste segredo de Deus que lhe tinha sido revelado, pensava também em si mesmo.

(1) Considerava-se como o destinatário de uma nova revelação. Advirtamos que Paulo jamais se estimou como o *descobridor* do amor universal de Deus, mas sim como aquele a quem Deus o tinha revelado. Há um sentido em que a verdade e a beleza são sempre dons de Deus. Não são tanto descobrimentos do homem como dons de Deus.

Conta-se que uma vez Sir Arthur Sullivan se achava presente na representação de sua ópera *H. M. S. Pinatore*, quando se cantou o formoso dueto "Ah, não me deixe desfalecer sozinho!", Sullivan se dirigiu a um amigo sentado a seu lado para lhe dizer: "Realmente, eu escrevi isso?"

Um dos maiores exemplos de poesia em que as palavras se fazem música é *Kubla Khan* de Coleridge. Coleridge tinha dormido lendo um livro em que dizia: "Aqui Kubla Khan ordenou a construção de uma mansão e de um magnífico jardim na mesma". Sonhou o poema e quando despertou não teve mais que escrevê-lo.

Quando um cientista faz um grande descobrimento, o que acontece várias vezes é que pensa com insistência, faz um experimento após outro, até chegar a um beco sem saída. O pensamento e o engenho humanos não podem dar um passo mais. Mas de repente se ilumina a solução do problema, não pensada, mas sim recebida de Deus.

Paulo nunca teria pretendido ser o primeiro em descobrir a universalidade do amor de Deus; haveria dito, antes, que Deus lhe havia revelado um segredo até então não revelado a ninguém.

(2) Considerava-se a si mesmo como o transmissor da graça. Quando Paulo se reuniu com os dirigentes da Igreja para falar sobre sua missão entre os gentios falou do evangelho da incircuncisão que lhe tinha sido confiado; também falou de "a graça que me tinha sido dada" (Gálatas 2:7,9). Quando escreve aos romanos fala de "a graça que de Deus me é dada" (Romanos 15:15). Paulo via sua função como a de ser um canal condutor da graça de Deus aos homens. Era o conduto pelo qual a graça de Deus tinha que chegar aos homens. Uma das grandes verdades da vida cristã é que recebemos os dons preciosos do cristianismo com a finalidade de compartilhá-los com outros. É também um dos grandes riscos da vida cristã conservar estes dons para nós porque então os perdemos. Somente podemos conservá-los quando os transmitimos.

(3) Considerava-se possuidor da dignidade do serviço. Diz que foi constituído ministro (servo) pelo livre dom da graça de Deus. Para Paulo sua maior glória foi a tarefa confiada por Deus. Não considerou seu serviço como um dever fatigante, mas sim como um privilégio extraordinário e glorioso. Frequentemente é muito difícil persuadir as pessoas a que sirvam na Igreja: ensinar para Deus, cantar para Deus, administrar os assuntos de uma congregação para Deus, falar por Deus e visitar por Deus os que estão na pobreza e na angústia, dar nosso tempo, forças e bens por Deus, não são deveres que deveríamos ser forçados a cumprir, mas sim privilégios que deveríamos considerar como um dom da graça de Deus.

(4) Paulo se considera como aquele que sofria por Cristo. Não esperava que o caminho do serviço fosse fácil nem que o caminho da fidelidade estivesse livre de dificuldades. Unamuno, o grande místico espanhol, acostumava dizer: "Que Deus lhes negue a paz e lhes dê a glória". F. R. Maltby costumava dizer que Jesus tinha prometido a seus

discípulos três coisas: que "seriam absurdamente felizes, denodadamente intrépidos e estariam constantemente em dificuldades". Quando os cavaleiros dos dias da cavalaria chegavam à corte do rei Artur à sociedade da Mesa Redonda, pediam perigos que enfrentar e dragões que submeter. Sofrer por Cristo não é uma tristeza, mas sim uma glória, porque significa participar dos sofrimentos do próprio Cristo e é uma oportunidade para demonstrar a realidade de nossa fidelidade a Ele.

O PRIVILÉGIO QUE TORNA O HOMEM HUMILDE

Efésios 3:8-13

Paulo considerava-se objeto de um duplo privilegio. Tinha-lhe sido dado o privilégio de descobrir o segredo de que a vontade divina era que todos os homens deveriam ser reunidos no segredo de sua graça e amor. E lhe tinha sido dado o privilégio de manifestar este segredo à Igreja e de ser o instrumento pelo qual a graça de Deus chegasse aos gentios. Mas Paulo não se orgulhava com a consciência deste privilégio; ao contrário, sentia-se levado a uma profunda humildade. Estava admirado de ser o destinatário desse grande privilégio; aquele que perante seus próprios olhos era menos que o mais pequeno dos filhos de Deus. Se alguma vez desfrutarmos do privilégio de pregar ou ensinar a mensagem do amor de Deus ou de fazer algo na Igreja por Jesus Cristo, lembremos sempre que nossa grandeza reside, não em nós mesmos, mas em nossa tarefa e nossa mensagem.

Toscanini foi um dos maiores diretores de orquestra e intérpretes musicais do mundo. Em certa ocasião, enquanto preparava uma das sinfonias do Beethoven, disse a sua orquestra: "Cavalheiros, eu não sou nada; vocês não são nada; Beethoven o é tudo." Sabia muito bem que seu dever não era chamar a atenção sobre si mesmo ou sobre a orquestra: eles deviam desaparecer para dar lugar ao Beethoven.

Leslie Weatherhead narra uma conversação mantida com um aluno da escola pública que havia decidido ingressar no ministério da Igreja.

Perguntou-lhe quando tinha adotado essa decisão. O moço respondeu que depois de um culto na capela da escola. Leslie Weatherhead perguntou com toda naturalidade quem tinha sido o pregador. O moço repôs que não tinha idéia alguma sobre o mesmo; só sabia que Jesus Cristo lhe tinha falado nessa manhã. Essa foi uma verdadeira pregação, pois aquele que serve a Cristo nunca pode pensar em constituir-se no centro dos olhares ou em glorificar-se: deve fazer com que os olhares se dirijam a Cristo. É trágico que nas Igrejas haja tantos ministros mais interessados na própria honra e prestígio que na honra e o prestígio de Jesus Cristo; em aparecer eles perante outros que em que apareça Cristo.

O PLANO E A SABEDORIA DE DEUS

Efésios 3:8-13 (continuação)

Ainda devemos notar algumas outras coisas nesta passagem.

(1) Paulo nos lembra que a reunião de todos os homens de todas as nações é parte do propósito e desígnio eternos de Deus. Isto é algo que se deve ter bem em mente. Algumas vezes a história do cristianismo se apresenta de tal maneira como se o Evangelho tivesse passado aos gentios só porque os judeus não o receberam. Mas aqui Paulo nos lembra que a salvação dos gentios, nossa própria salvação, não é uma ocorrência tardia de Deus; não é algo que Deus aceitou como um bem secundário porque os judeus rechaçaram sua mensagem e convite. O atrair a todos os homens a seu amor era parte do desígnio eterno de Deus.

(2) Paulo usa aqui uma palavra importante para descrever a graça de Deus. Chama-a *polypoikilos*, quer dizer, *multicolor*. A idéia é que a graça de Deus está à altura de qualquer situação que nos brinde a vida. Não há luz ou trevas, brilho de Sol ou sombra, para os quais esta graça de Deus não seja triunfalmente adaptada.

(3) Novamente Paulo volta a um de seus pensamentos favoritos. Em Jesus temos livre acesso a Deus. Às vezes ocorre que algum amigo nosso está em relação com certa personalidade de muita categoria. Jamais

teríamos tido por nós mesmos o direito de nos apresentar perante tal personalidade. Mas nosso amigo nos leva consigo e por estar com ele desfrutamos do direito de entrada. Isto é o que Jesus faz por nós com respeito a Deus. Em sua presença e companhia há uma porta aberta à presença de Deus que ninguém pode fechar.

(4) Paulo termina com uma oração para que seus amigos não se desanimem por seu encarceramento. Talvez pensassem que a pregação do Evangelho entre os gentios poderia ficar em grande maneira impedida pela prisão do paladino dos gentios. Pode ser que se sentissem atemorizados em face da possibilidade de que um destino semelhante caísse sobre eles. Paulo lhes lembra que as aflições que agüenta são pela glória e o bem deles mesmos. Não devem temer que a causa de Deus se prejudique por sua prisão. A causa de Deus é superior a qualquer homem.

O DEUS QUE É PAI

Efésios 3:14-17

Justamente aqui Paulo retoma a frase que tinha começado no primeiro versículo para logo desviar-se e deixá-la inconclusa. *Por esta causa*, começa Paulo. Qual é a causa de que fala e a que ele ora? Aqui estamos outra vez na idéia fundamental da Carta. Paulo pintou seu grande quadro da Igreja. O mundo se apresenta como um caos em desintegração; por toda parte há divisão e separação: entre as nações, entre os homens, dentro do próprio homem. É o desígnio de Deus que todos os elementos beligerantes e discordantes sejam atos um em Jesus Cristo. Jesus é o instrumento de Deus por meio do qual os homens têm que ser feitos um. Mas isto não pode dar-se a não ser que a Igreja leve a mensagem de Cristo e do amor de Deus a todos os homens. A Igreja tem que ser o complemento de Cristo, o corpo através do qual o Espírito de Cristo aja e opere. Paulo ora por esta causa. Se a Igreja tiver que ser jamais assim, seus membros deverão constituir uma classe muito

particular. Para isso é que Paulo ora. Ora porque os membros da Igreja sejam tais que toda a Igreja se constitua efetivamente no corpo e no complemento de Cristo.

Advertamos a expressão usada por Paulo para sua atitude de oração: “Me ponho de joelhos”, diz, “diante do Pai”. Isto significa mais que ajoelhar-se; Paulo se prostra perante Deus. A postura comum dos judeus quando oravam era estar de pé com as mãos estendidas e as palmas para cima; mas a oração de Paulo pela Igreja é tão intensa que se prostra diante de Deus numa súplica extrema e angustiosa.

A oração de Paulo dirige-se a Deus Pai. É interessante advertir as diferentes afirmações de Paulo sobre Deus como Pai, pois delas obteremos uma idéia mais clara do que Paulo pensava sobre a paternidade divina.

(1) Deus é o Pai de Jesus (1:2-3; 1:17; 6:23). Não é exato dizer que Jesus foi o primeiro em chamar a Deus Pai. Os gregos chamavam o Zeus pai dos deuses e dos homens; os romanos chamavam seu deus principal Júpiter, que significa Deus pater: Deus o Pai. Mas há duas palavras relacionadas estreitamente entre si e que têm certa similitude, mas diferem enormemente em seu significado. A palavra *paternidade* pode ter um significado puramente físico. Pode aplicar-se até ao caso de que o pai jamais tenha visto o filho. Um filho pode nascer — talvez em forma ilegítima — e pode ser adotado imediatamente por alguém que não é seu pai. E ainda que o pai não tenha visto seu filho, continua sendo responsável por sua paternidade, já que é responsável por sua criação física.

Por outro lado a palavra paternidade tem outro significado. Pode descrever a mais estreita relação de amor, comunhão e preocupação. Quando antes de Cristo os homens aplicavam a Deus o termo "pai" entendiam o primeiro sentido: os deuses eram os responsáveis pela criação do homem. Referiam-se, antes, ao que nós entendemos por primeira causa ou força vital. No conceito não havia nada do amor e da intimidade que Jesus conferiu. Mas o central da concepção cristã de

Deus é que Deus é como Jesus; que Deus é tão bom, benigno e misericordioso como Jesus. Para Paulo, Deus não era simplesmente Deus, o que poderia significar tudo ou nada: Deus é o Pai de Jesus Cristo. Paulo sempre pensou em Deus como semelhante a Jesus.

(2) Deus é o Pai a quem temos acesso (2:18; 3:12). A essência de todo o Antigo Testamento é que Deus era o Ser inacessível. Quando Manoá, que ia ser pai de Sansão, compreendeu quem o tinha visitado disse: "Certamente, morreremos, porque vimos a Deus" (Juízes 13:22). No culto judeu do templo, o lugar Santíssimo era considerado como o lugar da habitação de Deus a que somente o Sumo sacerdote podia entrar uma vez ao ano, no Dia da Expição. O caminho a Deus estava fechado. Mas o próprio centro da fé cristã é o acesso a Deus.

H. L. Gee nos narra numa história de guerra que o pai de um menino pequeno tinha sido promovido ao posto de brigadeiro. Quando o menino se inteirou da novidade fez um momento de silêncio e logo disse: "Pensam que ainda me atenderá quando eu o chame papai?" A essência da fé cristã consiste no acesso ilimitado que temos à presença de Deus.

(3) Deus é o Pai de glória, o Pai glorioso (3:14). Aqui se encontra o necessário outro lado da moeda. Se falamos apenas do acesso a Deus e insistimos simplesmente em que Deus em seu amor é como Jesus — bondade e misericórdia — seria fácil sentimentalizar o amor de Deus; e isto é justamente o que muitos fazem. Consciente ou inconscientemente têm esta atitude: "Deus é Pai; não deve me preocupar; tudo sairá bem." Mas a fé cristã se alegra na maravilha do acesso a Deus, sem esquecer sua santidade e glória. Não temos acesso a um Pai bonachão e sentimental, mas sim ao próprio Deus da glória. Deus acolhe ao pecador mas não ao que se aproveita de seu amor para permanecer no pecado. Deus é santo e também devem ser santos os que buscam sua amizade. Nosso direito de acesso a Deus não nos dá o direito de ser e fazer o que nos dê vontade. Sobre nós pesa a obrigação de tratar de nos tornar dignos de tal privilégio.

(4) Deus é o Pai de todos (6:4). Nenhum homem, nenhuma Igreja e nenhuma nação têm a posse exclusiva de Deus. Este era precisamente o engano que cometiam os judeus. A paternidade de Deus se estende a todos os homens e, em consequência, todo desprezo humano, todo orgulho humano e todo exclusivismo religioso necessariamente são errôneos. O próprio fato da paternidade divina exige que devamos nos amar e nos respeitar uns aos outros.

(5) Deus é o Pai a quem se deve render ação de graças (6:20). A paternidade de Deus leva implícita a dívida do homem. É absolutamente errôneo pensar que Deus nos ajuda só nos momentos importantes e cruciais da vida. Nossa vergonha é que recebemos os dons de Deus com tanta regularidade e segurança, e esquecemos que se trata de dons. O cristão jamais esquece as dívidas que tem com Deus: não só lhe deve a salvação da alma, mas também a vida, o alento e tudo.

(6) Deus é o modelo de toda paternidade verdadeira. Paulo diz que Deus é Pai com uma paternidade que todas as paternidades dos céus e da Terra copiam. Isto faz com que a responsabilidade de todos os pais humanos seja tremenda.

G. K. Chesterton só tinha uma lembrança vaga de seu pai, mas era o mais precioso que lembrava. Conta-nos que em sua infância possuía um jogo de teatro em que todos os personagens estavam recortados em cartão. Um deles era um homem com uma chave de ouro. Jamais podia lembrar para que este homem estava com a chave de ouro entre os personagens do teatro; mas em seu interior o relacionava sempre com seu pai. Seu pai era para ele o homem com uma chave de ouro para lhe abrir todo tipo de maravilhas e emoções.

Jamais deveríamos esquecer que ensinamos a nossos filhos a chamar a Deus Pai. Mas a única concepção de pai que eles podem ter é a que lhes damos em nossa própria pessoa. A paternidade humana deveria ser forjada e modelada segundo o modelo da paternidade de Deus. É a tremenda responsabilidade do pai humano ser tão bom pai como Deus.

O FORTALECIMENTO EM CRISTO**Efésios 3:14-17 (continuação)**

Paulo pede em sua oração que os seus sejam fortalecidos no homem interior. O que entende Paulo por isto? *Homem interior* é uma expressão bastante conhecida e usada pelos gregos. Por *homem interior* se entendiam três coisas.

(a) A *razão* do homem. A oração de Paulo pede que Jesus Cristo fortaleça a razão de seus amigos; que estejam menos à mercê de suas paixões, instintos e desejos; que Cristo lhes conceda a sabedoria que mantenha pura e segura a vida.

(b) A *consciência*. Paulo roga que a consciência de seus fiéis seja cada vez mais sensível. É possível chegar a descuidar a consciência durante tanto tempo e com tanta freqüência que no final se embote e endureça. Paulo ora por que Jesus mantenha sensível e desperta nossa consciência.

(c) A *vontade*. A fraqueza fundamental de nossas vidas é que com freqüência conhecemos o bem e temos a intenção de realizá-lo, mas nossa vontade não é suficientemente forte para respaldar este conhecimento e levar a cabo nossas intenções.

O homem interior é a razão, a consciência, a vontade. E, o que entende Paulo quando ora por que o homem interior seja fortificado? O fortalecimento do homem interior ocorre quando Cristo faz dele sua residência permanente. A palavra que Paulo usa para o *habitar* de Cristo em nossos corações é a palavra grega *katoiken* que se aplica a uma residência permanente, em oposição a temporal.

O segredo da fortaleza é a presença de Cristo em nossas vidas. E Cristo vem à vida do homem mas jamais se introduz nela pela força. Só vem quando lhe pedimos que venha. Cristo espera nosso convite para nos comunicar sua fortaleza.

O AMOR INFINITO DE CRISTO

Efésios 3:18-21

Paulo ora por que o cristão chegue a compreender o significado do amor de Cristo em sua largura, profundidade, comprimento e altura. É como se nos convidasse a contemplar o universo: o céu infinito acima de nossas cabeças, os horizontes ilimitados a nosso redor, a profundidade da terra e do oceano debaixo de nós e dissesse: "O amor de Cristo é tão grande quanto tudo isto."

Não é provável que Paulo tivesse em mente outro pensamento concreto a não ser a simples imensidão do amor de Cristo. Mas muitos tomaram esta imagem e lhe atribuem significados, alguns de grande beleza. Um antigo comentarista vê o símbolo deste amor na cruz. O braço superior da cruz aponta para cima, o braço inferior para baixo, os braços que se entrecruzam assinalam a vastidão do horizonte e convidam a olhar mais além de seus limites.

Jerônimo dizia que o amor de Cristo alcança as alturas para incluir os santos anjos; as profundidades para incluir até os espíritos maus e os demônios do inferno; seu comprimento cobre os homens que se esforçam numa marcha na subida, e em sua largura abrange os homens que correm à deriva apartando-se de Cristo por maus caminhos. Se queremos apurar esta expressão, diríamos que o amor de Cristo inclui em sua *largura* a todos os homens de todo tipo, idade e continente; no *comprimento* que alcança ao obediente até a morte e aceitou ainda a cruz; em sua *profundidade* desceu até a experiência da morte; em sua *altura* nos ama até nos céus onde vive para sempre intercedendo por nós (Hebreus 7:25). Não há ninguém que esteja excluído do amor de Cristo; não há nenhum lugar que se coloque fora da riqueza de Cristo; não há experiência que o amor de Cristo rechace a fim de ganhar alguém. É um amor que ultrapassa o conhecimento; um amor que, uma vez aceito, enche o homem com nada menos que a vida do próprio Deus.

Paulo agora volta novamente ao pensamento dominante que atravessa toda a epístola. Onde se experimenta este amor? Como chegamos a nos agarrar a ele; a encontrá-lo, e entrar nele? Encontramo-lo e experimentamos *com todo o povo consagrado a Deus*. Em outras palavras, encontramos-lo na comunidade da Igreja. Tem muita verdade a afirmação de João Wesley: "Deus não tem nada que ver com uma religião solitária." "Ninguém vai sozinho ao céu", dizia. A Igreja pode ter suas falhas; os membros da Igreja podem estar muito longe de ser o que deveriam ser, mas na comunidade da Igreja encontramos o amor de Deus.

Assim, pois, Paulo termina com uma doxologia e um cântico de louvor. Deus pode fazer por nós mais do que pensamos e sonhamos; e o faz na Igreja e em Cristo.

Antes de abandonar este capítulo pensemos mais uma vez na maravilhosa descrição que Paulo faz da Igreja. Este mundo não é o que deveria ser; é um mundo esmigalhado por separações, por forças em oposição, pela acritude, o ódio e a luta; nação contra nação; homem contra homem; classe contra classe. Dentro do próprio eu do homem se trava uma luta entre o bem e o mal. O desígnio de Deus é que todos os homens e todas as nações cheguem a ser um em Cristo. Para que esse dia se faça realidade, Cristo necessita que a Igreja saia e fale com os homens de seu amor e sua misericórdia. A Igreja é o complemento de Cristo, seu corpo, suas mãos, seus pés e sua voz para levar a cabo a obra de Cristo. E não pode fazê-lo até que seus membros unidos numa comunhão, conheçam e experimentem o amor sem limites de Cristo. Ninguém pode ensinar a outro o que não sabe ou lhe brindar o que não possui. E antes que possamos levar a outros o amor de Cristo devemos encontrar este amor dentro de sua Igreja.

Efésios 4

[A segunda parte da carta - 4:1-32](#)

[As virtudes cristãs - 4:1-3](#)

- O cavaleiro cristão - 4:1-3 (cont.)
- A paciência invencível - 4:1-3 (cont.)
- O amor cristão - 4:1-3 (cont.)
- A base da unidade - 4:4-6
- Os dons da graça - 4:7-10
- Os cargos na igreja - 4:11-13
- A finalidade dos cargos - 4:11-13 (cont.)
- O crescimento em Cristo - 4:14-16
- O que é preciso abandonar - 4:17-24
- O que tem que desaparecer da vida - 4:25-32
- O que tem que desaparecer da vida - 4:25-32 (cont.)
- O que tem que desaparecer da vida - 4:25-32 (cont.)

A SEGUNDA PARTE DA CARTA

Efésios 4:1-32

Com este capítulo começa a segunda parte da Carta. Nos primeiros três capítulos Paulo tratou as verdades enormes e eternas da fé cristã e a função da Igreja no plano e desígnio divinos. Agora começa a expor o que cada membro da Igreja tem que ser para que esta cumpra sua parte no plano e no propósito de Deus.

Antes de começar a ler este capítulo tenhamos novamente presente o pensamento central de toda a Carta. Neste mundo não há outra coisa senão desacordo, desarmonia e desunião. Nação se levanta contra nação, homem contra homem e classe contra classe; dentro do próprio homem se trava uma incessante batalha interior entre a parte inferior e a superior de sua natureza. É o desígnio e a vontade de Deus que todas estas desuniões e desarmonias se transformem em Cristo; que todos os homens e todas as nações sejam uma em Cristo; que em Cristo as diferenças sejam abolidas e os muros divisórios jogados por terra.

Deus quer que em Cristo se introduza no mundo o que H. C. G. Moule chamava "a sagrada unidade" e que em linguagem moderna

poderíamos chamar "uma nova concórdia". Jesus Cristo constitui o único centro ao redor de quem todos podem congrega-se em unidade. Mas se alguma vez deve-se alcançar e obter esta unidade é mister que antes a mensagem de Cristo — o fato de Cristo, o amor e a misericórdia do coração de Deus que nos busca em Cristo — se transmita ao mundo inteiro. E esta é precisamente a função da Igreja: comunicar esta mensagem de amor aos homens. A Igreja deve ser o corpo pelo qual Cristo opera e a voz pela qual Cristo fala; a Igreja deve ser o instrumento de Cristo para levar a cabo no mundo esta unidade divina.

Mas para que a Igreja tenha êxito nesta tarefa enorme os membros que a constituem devem pertencer a uma classe determinada. E agora Paulo refere-se ao caráter do cristão necessário para que a Igreja cumpra sua grande tarefa de ser o instrumento de Cristo na reconciliação universal entre homem e homem e do homem e Deus no mundo.

AS VIRTUDES CRISTÃS

Efésios 4:1-3

Quando alguém ingressa em uma sociedade ou fraternidade assume a obrigação de viver certa tipo de vida: e se não o faz, obstaculiza os fins da sociedade e traz descrédito ao nome da mesma. Paulo pinta aqui o quadro da vida que deve que viver o membro da Igreja cristã.

Os três primeiros versículos desta passagem brilham com o fulgor de termos que são quais pedras preciosas. Achamos aqui cinco dos grandes conceitos da fé cristã. Passemos em revista a cada um deles.

(1) Em primeiro lugar — e antes que nada — vem a palavra *humildade*. O termo para *humildade* é *tapeinofrosyne*, e é uma palavra que em realidade foi cunhada pela fé cristã. Pode-se afirmar que no grego não existe nenhuma palavra para humildade que não sugira ao mesmo tempo algo de baixeza. Mais tarde Basílio descreveria a humildade como "o cofre adornado de pedras preciosas de todas as virtudes". Mas no mundo antigo anterior ao cristianismo a humildade

não se contava absolutamente como virtude. A virtude pagã é a *megalopsyquia* que significa *magnanimidade*. O mundo antigo considerava a humildade como algo abjeto e rasteiro que se tem que desprezar antes que desejar. O grego tem um adjetivo para *humilde* que se relaciona estreitamente com o substantivo: *tapeinos*.

O significado de uma palavra se conhece sempre pelos outros termos que lhe fazem de contexto, e esta palavra tem uma ignóbil companhia. É usada junto com adjetivos gregos que significam escravidão (*andrapododes*, *doulikos*, *douloprepes*), ignóbil (*agennes*), sem reputação (*adoxos*), rasteiro (*hamaizelos*), adjetivo para descrever uma planta que se arrasta sobre a terra. Nos dias anteriores a Cristo a humildade foi considerada sempre como algo baixo, rasteiro, servil e ignóbil. E, entretanto, o cristianismo a colocou justamente em primeiro plano entre todas as virtudes cristãs; é de fato, a virtude da qual dependem e provêm todas as demais virtudes. Qual é a origem desta humildade cristã? O que é que ela abrange?

(a) A humildade cristã provém do *conhecimento da gente mesmo*. Bernardo dizia a respeito que "é a virtude pela qual o homem tem consciência de q própria indignidade, como consequência do verdadeiro conhecimento de si mesmo". Enfrentar-se com a gente mesmo é o mais humilhante do mundo. A maioria de nós gosta de dramatizar colocando-nos a nós mesmos como o centro do drama da vida.

Conta-se de um homem que antes de ir dormir sonhava acordado. Via-se como o herói de algum arrepiante resgate no mar ou em algum incêndio; ou como um orador que tinha pendente de seus lábios a um grande auditório; ou se iludia ocupando seu posto no tênis e marcando o recorde do século ou desempenhando-se em algum partido internacional de futebol deslumbrando por sua destreza às multidões. Sempre era ele o centro de sua fantasia.

Muitos de nós somos essencialmente assim. A verdadeira humildade aparece quando nos enfrentamos conosco mesmos; quando vemos nossa própria fraqueza, nosso próprio orgulho, nosso próprio

fracasso já seja no trabalho, nas relações e realizações pessoais. A humildade depende da honestidade, vale dizer, do valor de vermos a nós mesmos sem os óculos cor-de-rosa da dramatização, da admiração e do amor próprios.

(b) A humildade cristã se origina quando se *confronta a própria vida com a vida de Cristo e à luz das exigências de Deus*. Deus é a perfeição; satisfazer a perfeição não é difícil; é impossível. O fato de que sejamos homens significa estar sempre empenhados numa tarefa sem esperança. Enquanto nos comparamos com os melhores mas num segundo plano podemos sair garbosos da comparação. Quando nos comparamos com a perfeição é quando comprovamos nosso fracasso.

Uma jovem pode considerar uma pianista muito virtuosa até que escute a Myra Hess ou Eileen Joyce ou Solomon ou Kentner. Um homem pode ter-se por um bom jogador de golfe até que conheça Hogan, Snead ou De Vincenzo. Há quem pode imaginar-se um sábio, até que se topa com os livros dos grandes pensadores antigos com seus conhecimentos enciclopédicos. Outro pode considerar-se um pregador eloqüente, até que chega a ouvir a algum príncipe do púlpito.

A própria satisfação depende da medida com a que nos comparamos. Se nos compararmos com nosso vizinho ou com o homem ou a mulher do lado provavelmente sairemos muito satisfeitos da comparação. Mas a norma cristã é Jesus Cristo e as exigências da perfeição de Deus — e contra essa norma não há lugar para o orgulho.

(c) Há outra maneira de dizê-lo. R. C. Trench dizia que a humildade provém do sentimento constante de nossa própria *condição de criaturas*: somos criaturas de Deus, criação de Deus; dependemos absolutamente de Deus. Por nós mesmos nada somos. Jamais podemos dar; sempre devemos receber. Somos criaturas e como criaturas não nos corresponde mais que humildade na presença do Criador.

A humildade cristã se baseia na visão da gente mesmo, na contemplação de Cristo e na compreensão de Deus.

O CAVALHEIRO CRISTÃO**Efésios 4:1-3 (continuação)**

(2) A segunda das grandes virtudes cristã é a *mansidão* e que nós traduzimos por "doçura". O substantivo grego é *praotes* e o adjetivo *praus*. Estes termos não se podem traduzir com uma só palavra. Vejamos o que esta virtude significa e inclui. O grego *praus* segue duas linhas principais em seu significado.

(a) O grande pensador e professor grego Aristóteles fala muito sobre a *praotes*. Ele costumava definir cada virtude como *o meio entre dois extremos*. Numa extrema havia excesso de alguma qualidade e no outro extremo havia falta; no meio a qualidade estava em sua proporção justa e devida na vida. Agora, Aristóteles define a *praotes* como o meio entre a cólera excessiva e a mansidão excessiva; é o centro entre encolerizar-se muito e nunca encolerizar-se. O homem *praus* se encoleriza sempre no momento oportuno e nunca fora do mesmo. Dito de outra maneira, o *praus* é aquele que se indigna pelas injustiças e sofrimentos de outros, mas que jamais se ira pelas injustiças e insultos que ele mesmo tem que agüentar. Assim, pois, o homem *manso* se ira sempre no seu devido tempo e nunca fora de tempo.

(b) Mas há outro fato que ilumina o significado desta palavra. *Praus* é o termo grego para o animal adestrado a obedecer as rédeas ou a voz de comando, ou para o animal domesticado sob total controle. Por isso o homem *manso* (*praus*) é aquele que tem sob perfeito controle cada instinto, cada paixão, cada moção de sua mente, de seu coração, de sua língua e de seus desejos. Não seria justo dizer que tal homem possua um perfeito e completo domínio de si mesmo, porque esse domínio está fora de todo poder humano; mas se poderia dizer com toda justiça que tal homem está dominado por Deus; é o homem no leme de cuja vida está a mão de Deus.

Aqui temos, pois a segunda grande virtude cristã e a segunda característica importante do verdadeiro membro da Igreja. É o homem

tão dominado por Deus que se ira sempre no momento oportuno e jamais fora de tempo; é o homem em quem morreu o eu e para quem toda a vida está dirigida e dominada por Deus; é o cavalheiro de Deus.

A PACIÊNCIA INVENCÍVEL

Efésios 4:1-3 (continuação)

(3) A terceira grande qualidade do cristão é a *paciência*. O termo grego é *makrothymia*; seu significado vai em duas direções principais.

(a) Descreve o espírito que jamais cede e que, porque agüenta até o fim, colhe a promessa e a recompensa. Seu significado pode ver-se melhor no fato de que um escritor judeu o usou para descrever "a persistência romana que jamais faz a paz na derrota". Nos dias de sua grandeza os romanos eram invencíveis; podiam perder uma batalha ou uma campanha mas não se podia conceber que perdessem a guerra. Nos maiores desastres e nas piores calamidades jamais tiveram que ceder e admitir uma derrota. A paciência cristã é a têmpera que jamais admite uma derrota, que não é vencido por nenhuma tarefa, que não é quebrantado por nenhuma desgraça ou sofrimento, que não se detém perante o desengano e o desalento, mas sim persiste e agüenta até o fim.

(b) Mas *makrothymia* como *paciência*, *resistência* tem em grego um significado muito mais característico. É a palavra grega característica da *paciência com os homens*. Crisóstomo a define como o espírito que tem o poder de vingar-se, mas nunca o faz. Lightfoot a define como o espírito que recusa a desforra. É o espírito que suporta tudo o que os homens possam fazer-lhe. Para usar uma analogia muito imperfeita, com freqüência pode-se observar juntos um cachorrinho e um perrazo; o cachorrinho ladra, molesta, remói, grunhe e ataca o enorme cão que, podendo desfazer o cachorrinho de uma dentada, agüenta sua rabugice com uma dignidade cheia de gravidade e paciência. *Makrothymia* como *paciência* e *resistência* assinala aquele que agüenta o insulto e a injúria sem amargura nem lamento. É o espírito que suporta toda estultícia

humana sem irritar-se; que suporta as pessoas molesta com cortesia e os néscios sem queixar-se.

O que melhor dá o significado do termo é que no Novo Testamento aplica-se repetidamente a Deus. Paulo interpela o pecador impenitente: “Ou será que você despreza a grande bondade, a tolerância e a paciência de Deus?” (Romanos 2:4, NTLH) e fala da *clemência* de Jesus para com ele (1 Timóteo 1:16). Cristo teve paciência com Paulo, o perseguidor. Pedro fala da paciência de Deus ao esperar os dias do Noé (1 Pedro 3:20); também diz que a paciência de Deus é nossa salvação (2 Pedro 3:15). Se Deus fosse homem há muito tempo que em sua irritação teria lançado a pique o mundo desobediente. Mas a paciência de Deus aguarda e ama. O cristão deve ter para com seu semelhante a paciência que Deus teve com ele.

O AMOR CRISTÃO

Efésios 4:1-3 (continuação)

(4) A quarta qualidade cristã de importância é o *amor*. Tão novo era o amor cristão, que os primeiros escritores deveram ensaiar um termo novo ou, pelo menos, viram-se forçados a adotar uma palavra inusitada no mundo grego. Trata-se de *ágape*. No grego há quatro palavras para *amor*. O *eros* é o amor entre o homem e a mulher que é obvio inclui paixão sexual. A *filia* é a cálida afeição existente entre aqueles que se sentem muito próximos ou ligados pelo afeto. *Storge* caracteriza o afeto familiar. Também existe a *ágape* que se traduz algumas vezes por amor e outras por *caridade*.

O significado real de *ágape* aponta a uma benevolência invencível. Se tratarmos a uma pessoa com *ágape*, nada do que esta pessoa possa ou queira fazer nos fará desistir de buscar só seu maior bem; ainda que nos injurie, machuque-nos e nos insulte jamais sentiremos para com ela outra coisa senão bondade. Isto mostra com clareza meridiana que a *ágape* cristã, amor, não é algo emotivo. Falamos de nos apaixonar, e o

amor para com nossos íntimos e familiares é algo do que não podemos prescindir. Mas a *ágape* cristã não é só emoção, mas também vontade. É uma conquista. É a capacidade de manter essa invencível boa vontade para com os que não são amáveis nem dignos de ser amados, e para com aqueles que não nos amam. Como alguém o expressou *ágape* é o poder de amar até aqueles que não nos agradam. *Ágape* é a qualidade da mente e do coração que compele o cristão a não sentir jamais nenhuma amargura, nenhum desejo de vingança, mas sim buscar sempre o maior bem de cada pessoa não importa o que lhe tenham feito.

(5) Assim, pois, estamos perante as quatro grandes virtudes da vida cristã: humildade, mansidão, paciência e amor. E estas quatro derivam numa quinta que é a paz. Paulo adverte e admoesta com insistência que seus fiéis preservem zelosamente "a sagrada unidade". Isto é o que deve caracterizar a Igreja verdadeira. A paz pode definir-se como as *corretas relações entre os homens*.

Esta unidade, esta paz e estas corretas relações só podem preservar-se de um modo. Cada uma das quatro virtudes cristãs depende de uma coisa: do desaparecimento do eu.

Enquanto o eu esteja no centro das coisas, enquanto nossos sentimentos e nosso prestígio seja a única coisa que nos interesse, a unidade jamais poderá dar-se em forma plena. Somente existirá quando deixarmos de fazer do eu o centro de todo e quando pensarmos mais em outros que em nós mesmos. O eu mata a paz.

Numa sociedade onde prepondera o eu, os homens não podem ser mais que um conglomerado desintegrado de unidades individualistas e agressivas. Mas quando morre o eu e Cristo nasce em nossos corações, então também se vive a realidade da paz, a unidade e da concórdia: rasgos que constituem os grandes signos distintivos da verdadeira Igreja.

A BASE DA UNIDADE**Efésios 4:4-6**

Paulo continua agora assentando as bases sobre as que tem que fundar-se a unidade cristã.

(1) Há um só corpo. Cristo é a cabeça e a Igreja o corpo. Nenhum cérebro pode agir sobre um corpo desintegrado, desorganizado e desfeito em pedaços. A não ser que o corpo esteja unido coordenadamente, os pensamentos, planos e desígnios da cabeça e do cérebro ficarão impedidos e frustrados. A unidade da Igreja é essencial para a obra de Cristo. Não é necessário que seja uma unidade mecânica, administrativa e organizativa, mas sim aquela que se baseia no amor comum a Cristo e no amor de uns aos outros.

(2) Há um Espírito. Em grego *pneuma* significa tanto *espírito* como *alento*; de fato trata-se da palavra comum e ordinária para alento. Sem alento um corpo está morto. E o alento vivificador do corpo da Igreja é o Espírito de Cristo. A obra do Espírito é a que dá vida ao corpo e o mantém vivo. Não pode existir a Igreja sem o Espírito e não se pode receber o Espírito sem uma espera de silêncio e oração.

(3) Há em nossa vocação uma esperança. Todos partimos rumo à mesma meta. Aqui radica o grande segredo da unidade. Podem ser diferentes nossos métodos, nossa organização e até algumas crenças; mas estamos lutando para com uma meta: um mundo redimido em Cristo.

(4) Há um Senhor. O que mais se aproximava do credo na Igreja primitiva era a curta sentença: "Jesus Cristo é o Senhor" (Filipenses 2:11). Segundo Paulo, o sonho de Deus era que chegasse o dia em que todos os homens confessassem que "Jesus Cristo é o Senhor". Para Senhor usa-se o termo *kyrios*. Os dois usos do substantivo no grego popular nos mostram algo do pensamento de Paulo. O termo usa-se para amo em contraposição a servo ou *escravo*; e era a designação regular do

imperador romano. Os cristãos estão todos unidos porque todos são possessão de um amo e rei e estão a seu serviço.

(5) Há uma fé. Paulo não quer dizer que haja um só *credo*. Efetivamente, é muito estranho que no Novo Testamento a palavra *fé* signifique *credo*. Para o Novo Testamento a fé é quase sempre a confiança total do cristão em Jesus Cristo e sua entrega a Ele. O que quer dizer Paulo é que todos os cristãos estão ligados em unidade porque todos têm feito um ato comum de entrega total ao amor de Jesus Cristo. Bem pode ser que descrevam o ato de entrega com termos e credos diferentes; mas seja qual for a maneira de descrevê-lo, esse ato de entrega é a única coisa comum a todos eles.

(6) Há um batismo. Na Igreja cristã só há uma porta de acesso. Antigamente o batismo costumava ser administrado em geral aos adultos já que homens e mulheres procediam diretamente do paganismo. Por esta razão o batismo constituía antes que nada uma pública profissão de fé. Havia uma só maneira de arrolar-se no exército romano: o juramento de fidelidade ao imperador e ao rei. Assim também há um só caminho para ingressar na Igreja cristã: a profissão pública de fé em Jesus Cristo.

(7) Há um só Deus. Agora advertamos o que diz Paulo a respeito de Deus como objeto de nossa Fé. Deus é o Pai de todos. Nesta frase o *amor* de Deus fica gravado para sempre. O maior e a única coisa sobre o Deus cristão não é que seja Rei ou Juiz, mas sim Pai. A idéia cristã de Deus começa no amor. Deus está *sobre todos*; esta frase implica o *domínio* de Deus. Não importa o que as aparências indiquem, Deus tem o controle. Pode haver dilúvios mas “o SENHOR preside aos dilúvios” (Salmo 29:10). Não há nada que esteja fora do domínio de Deus. Deus está *por todos*. Nesta frase está implícita a *providência* de Deus. Deus não criou o mundo para abandoná-lo à sua própria sorte, como o homem que pode dar corda a um brinquedo e deixá-lo que ande sozinho; Deus está com tudo seu mundo, guiando, dirigindo, sustentando, mantendo e amando. Em tudo e através de todo a providência de Deus se mostra

ativa, eficaz e poderosa. Ele está *em todos*; esta frase implica a *presença* de Deus.

Pode ser que o germe deste pensamento provenha dos estóicos. Estes pensavam que Deus era um fogo mais puro que o fogo da Terra, o mais luminoso e puro espírito ígneo; criam que o que dava vida ao homem era uma faísca desse fogo divino que vinha e habitava dentro do corpo. Segundo a fé de Paulo, Deus está em cada coisa: Deus está no homem e em sua mente; no mundo e em tudo o que cresce; na história e nos acontecimentos; em todas as coisas. A crença cristã é que vivemos num mundo criado, controlado, sustentado e repleto por Deus.

OS DONS DA GRAÇA

Efésios 4:7-10

Paulo considera agora outro aspecto do assunto. Esteve falando sobre as *qualidades* dos membros da Igreja de Cristo; agora começa a falar sobre as *funções* dos mesmos na Igreja. Sobre como podem usar melhor suas capacidades, talentos e dons a serviço da Igreja. E começa estabelecendo o que para ele era uma verdade essencial. De fato todo dom que o homem possui é um dom da graça de Cristo. Pensa em Jesus como o doador de todos os dons que o cristão possui.

"E cada virtude que possuímos,
cada vitória que ganhamos,
cada pensamento santo,
são somente seus".

Para considerar Cristo como o Doador de dons, Paulo cita o versículo de um Salmo mas com uma diferença muito significativa. Trata-se do Salmo 68 que descreve a volta de um rei depois de uma conquista. O rei conquistador sobe ao alto, quer dizer, sobe os degraus do monte Sião encaminhando-se à santa cidade. Leva consigo uma banda

de prisioneiros. Quer dizer, marcha triunfalmente pelas ruas com os prisioneiros encadeados em detrás de se, para demonstrar seu poder conquistador. E agora vem a diferença. No Salmo o versículo reza: "Subiu ao alto, cativou a cativo, tomou dons para os homens, e também para os rebeldes, para que habite entre eles Jah Deus" (Salmo 68:18). O conquistador voltou com seus troféus e exige o resgate e o colete que os povos conquistados devem lhe pagar.

Observemos a mudança que Paulo introduz aqui: "Subindo ao alto, levou cativa a cativo; e *deu* dons aos homens". No Antigo Testamento o rei conquistador *exigia e recebia* dons dos homens; no Novo Testamento o Cristo conquistador *oferece e dá* dons aos homens. Esta é a diferença essencial entre os dois testamentos. No Antigo Testamento Deus é o Deus que exige; no Novo, o Deus que dá. No Antigo Testamento um Deus ciumento pede e exige tributos do homem; no Novo, o Deus de bondade derrama seu amor sobre os homens e lhes dá tudo o que tem para dar. Esta é de fato a mensagem das boas novas.

Logo, como acontece com freqüência, a mente de Paulo empreende outro rumo sobre a raiz de uma palavra. Agora usou a palavra *subiu*, e isso lhe faz pensar em Jesus e expressa algo admirável. Jesus *desceu* a este mundo quando entrou nele como homem; *subiu* do mundo quando o deixou para retornar à glória. O grande pensamento de Paulo é que o Cristo que desceu e o Cristo que subiu são a mesma e única pessoa. O que significa este fato? O Cristo da glória é o mesmo Jesus que deixou seus rastros na terra: ainda ama a todos os homens, busca o pecador, cura o sofrido, conforta o triste, é o amigo de homens e mulheres proscritos. O pensamento mais precioso de Paulo é exatamente que Cristo em sua glória não esquece jamais aqueles que ama..

O Cristo que subiu aos céus é ainda aquele que ama as almas dos homens.

Ainda há outro pensamento surpreendente do Apóstolo. Jesus subiu às alturas mas não para deixar o mundo, senão para enchê-lo com sua presença. Quando estava no mundo mediante sua carne mortal só podia

achar-se ao mesmo tempo num só lugar; estava submetido a todas as limitações do corpo. Mas quando depôs este corpo para voltar para a glória ficou livre de suas limitações e pôde fazer-se presente em qualquer lugar do mundo mediante o seu Espírito. Para Paulo a ascensão de Jesus não significava o abandono do mundo por Cristo, mas sim um mundo repleto de Cristo.

OS CARGOS NA IGREJA

Efésios 4:11-13

Esta passagem tem particular interesse porque oferece um quadro sobre a organização e administração da Igreja primitiva. Aqui há uma lista dos cargos da Igreja na época de Paulo. Na Igreja primitiva existiam três tipos de acusações. Eram poucos os que possuíam mandato e autoridade sobre toda a Igreja. Muitos tinham um ministério não confinado a um lugar, mas sim desempenhado em forma itinerante, indo aonde o Espírito os impulsionava e aonde Deus os enviava. Outros tinham um ministério local confinado a uma congregação e a um lugar.

(1) Os *apóstolos* tinham autoridade sobre toda a Igreja. O círculo apostólico excedia os Doze. Barnabé foi apóstolo (Atos 14:4,17), também Tiago, o irmão de nosso Senhor (1 Coríntios 15:17; Gálatas 1:19), Silvano (1 Tessalonicenses 2:6), Andrônico e Júnias (Romanos 16:7). O apóstolo devia reunir dois grandes requisitos.

Em primeiro lugar tinha que ter sido enviado por Jesus. Quando Paulo reclama seus direitos perante a oposição em Corinto, pergunta: “Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor?” (1 Coríntios 9:1). Em segundo lugar o apóstolo tinha que ter sido testemunha da ressurreição, ou seja do Senhor ressuscitado. Quando os onze se congregaram para escolher o sucessor do traidor Judas deram como condições a pertença aos que tinham acompanhado a Jesus em sua vida terrena e o ter recebido o mandato de ser testemunha da ressurreição (Atos 1:21-22). De certa forma os apóstolos estavam destinados a desaparecer, porque

apesar de sua longevidade, aqueles que tinham visto Jesus e eram de fato testemunhas da ressurreição, alguma vez teriam que deixar este mundo. Mas em outro sentido — e com um significado ainda maior — as condições subsistem: aquele que tenha que ensinar a Cristo deverá conhecê-lo; aquele que tenha que levar o poder de Cristo a outros deverá ter experimentado o poder do Cristo ressuscitado.

(2) Estavam os *profetas*. A palavra profeta não designa tanto ao que *prediz* quanto aquele que expressa em *lugar de*. A missão dos profetas mais que *predizer* o futuro era *expressar* a vontade de Deus. Ao expressar a vontade de Deus necessariamente e em certa medida prediziam o futuro já que anunciavam aos homens as conseqüências que se seguiriam se desobedeciam essa vontade. Os profetas perambulavam pela Igreja. Sua mensagem não se tinha como resultado de reflexão e estudo, mas sim como comunicação direta do Espírito Santo. Não tinham nem casa, nem família, nem meios de sustento. Iam de uma Igreja a outra proclamando a vontade de Deus, como Deus a tinha revelado. Mas faz já muito tempo que os profetas desapareceram da Igreja. Três são as razões que explicam este fato.

(a) No tempo de perseguição os profetas eram os primeiros a sofrer; a tarefa que desempenhavam era muito perigosa; não tinham meios de ocultar-se; eram os primeiros a morrer pela fé.

(b) Os profetas se converteram num problema. Com o crescimento da Igreja se desenvolveu também a organização local. Cada comunidade cresceu numa organização com ministros permanentes e administração local própria. Não demorou muito em que estes ministros constituídos começassem a ofender-se pela intrusão desses profetas ambulantes que com freqüência eram um fator de inquietação em suas respectivas comunidades. O ministro local tende sempre a desconfiar dos evangelistas itinerantes. Como resultado inevitável os profetas desapareceram pouco a pouco e prevaleceram os ministros locais.

(c) A missão do profeta se prestava facilmente ao abuso. Os profetas ambulantes possuíam um prestígio considerável. Alguns

abusavam de sua posição para viver uma vida muito cômoda às custas das comunidades que visitavam.

O livro mais antigo sobre administração da Igreja é a *Didaquê* (*A Doutrina dos Doze Apóstolos*), que data do ano 100 de nossa era. Nele pode-se perceber com clareza tanto o prestígio dos profetas como o receio com relação aos mesmos. Ali se estabelecem as normas para os sacramentos; formulam-se as orações que se deverão usar; logo se dá uma instrução que permite ao profeta celebrar como quiser o sacramento. Não está ligado às formas ordinárias se deseja apartar-se delas. Mas também há outras prescrições. Estabelece-se que um profeta ambulante pode ficar um ou dois dias numa comunidade; se deseja ficar três dias é um falso profeta. Se um profeta ambulante exigir, num momento de sua pretendida inspiração, dinheiro ou alimento, é um falso profeta. Houve dias, como na época de Paulo, em que os profetas eram os verdadeiros mensageiros de Deus na Igreja. Mas chegou o momento em que os profetas ambulantes constituíram um anacronismo; muitos atraíram o desprestígio sobre a acusação. E no final desapareceram da cena.

(3) Os *evangelistas* eram também ambulantes. A eles correspondem na atualidade os que chamamos missionários. Paulo escreve a Timóteo: "Faz obra de evangelista" (2 Timóteo 4:5). Os evangelistas eram os portadores das boas novas. Não possuíam o prestígio e a autoridade dos apóstolos enviados diretamente pelo Senhor; tampouco possuíam a influência dos profetas inspirados pelo Espírito; eram os missionários de batalha da Igreja portadores da mensagem das boas novas a um mundo que jamais o tinha ouvido. No Novo Testamento os evangelistas apenas sim se mencionam; mas deveram ter sido os servidores anônimos que levaram o nome de Cristo a todo mundo.

(4) Os *pastores* e *mestres* parecem constituir uma só categoria. Eram *mestres*. Em certo sentido tinham a tarefa mais importante em toda a Igreja. Não eram ambulantes; possuíam um cargo fixo e permanente desempenhando o trabalho numa comunidade determinada. A missão que desempenhavam era tripla.

(a) Deve-se lembrar que na Igreja primitiva existiam muito poucos livros. A imprensa foi inventada quase quatorze séculos depois. Cada livro devia ser escrito à mão. Um livro do tamanho do Novo Testamento deveu custar mais de cem dólares. Isto significa que a mensagem de Cristo tinha que ser irradiada verbalmente. Durante muito tempo existiu esta transmissão oral antes que a mesma chegasse a consignar-se por escrito. Os mestres tinham a responsabilidade tremenda de ser os depositários do relato evangélico. Sua missão consistia em conhecer e transmitir o relato da vida de Jesus. A eles devemos o fato de que a história de Jesus se perpetuasse na Igreja.

(b) A pessoa que ingressava na Igreja provinha diretamente do paganismo; não sabiam absolutamente nada do cristianismo, exceto que Jesus se apropriou de seus corações. Por esta razão os mestres ensinavam e explicavam a fé cristã aos conversos provenientes do paganismo. Os grandes temas doutrinários da Fé cristã eram o objeto do ensino; dos mestres dependia a pureza da doutrina; a eles devemos que a fé cristã se manteve pura e sem tergiversações ao ser transmitida.

(c) Estes mestres eram também *pastores*. Naquela época a Igreja cristã não era mais que uma pequena ilha no oceano do paganismo. Os que ingressavam nela só se apartaram da vida pagã: estavam de contínuo abertos à influência do paganismo; o perigo de recaída era constante. A tarefa do pastor consistia em apascentar o rebanho e guardá-lo em segurança.

O termo pastor é muito antigo e nobre. Nos remotos tempos do Homero o rei Agamenon era chamado o pastor do povo. Jesus mesmo se chamou o Bom Pastor (João 10:14, 14). O autor da Carta aos Hebreus chama Jesus o Grande Pastor das ovelhas (Hebreus 13:20). Pedro considera Jesus como o Pastor das almas (1 Pedro 2:25) e o Príncipe dos pastores (1 Pedro 5:4). Jesus deu a Pedro o mandato de apascentar suas ovelhas (João 21:16). Paulo admoestava aos anciãos de Éfeso que vigiassem sobre o rebanho que Deus lhes tinha encomendado (Atos 20:28). Também Pedro exortava os anciãos a apascentar o rebanho de

Deus (1 Pedro 5:2). Assim a figura do pastor fica estampada no Novo Testamento em forma indelével. O pastor era aquele que cuidava as ovelhas e as conduzia a lugares seguros; buscava as ovelhas desencaminhadas para levá-las de volta ao rebanho; defendia-as contra os inimigos e, em caso necessário, dava sua vida para salvá-las.

O pastor do rebanho de Deus é o homem que leva em seu coração ao povo de Deus, que o alimenta com a verdade, que vai em sua busca quando se extravia, que o defende contra tudo o que pode ferir, destruir ou tergiversar sua fé. E não se trata precisamente de uma acusação oficial; é um dever que pesa sobre os ombros de todo cristão. Cada cristão deve ser o pastor de todos os seus irmãos.

A FINALIDADE DOS CARGOS

Efésios 4:11-13 (continuação)

Depois de enumerar os diferentes cargos dentro da Igreja, Paulo continua propondo a finalidade dos mesmos. Esta consiste em que os membros da Igreja cheguem a estar inteiramente equipados. A palavra que usa Paulo para *equipado* é de sumo interesse. O substantivo *katartismos* provém do verbo *katartizein*. O termo usa-se em cirurgia quando se entala um membro quebrado ou fica em seu lugar o membro deslocado. Em política significa pôr-se de acordo as facções opostas para que o governo possa seguir sua marcha. No Novo Testamento aplica-se à ação de remendar as redes (Marcos 1:19) e à emenda ou admoestação do que cometeu uma falta e não está em condições de ocupar seu lugar como membro da Igreja (Gálatas 6:1). A idéia fundamental do termo é de pôr nas condições em que devem estar seja uma coisa seja uma pessoa. A função dos que ocupam cargos na Igreja é empenhar-se para que os membros da mesma sejam formados, ajudados, guiados, cuidados e buscados em caso de extravio, em forma tal que cheguem a ser o que têm que ser. O ministro da Igreja possui este cargo não por razão da

própria honra, mas sim da ajuda que pode brindar a seus irmãos dentro da Igreja.

A finalidade é que o trabalho serviçal siga adiante. A palavra usada para serviço é *diakonia* e a idéia principal do termo é a de *serviço prático*. O trabalho da Igreja não consiste só na pregação e o ensino, mas também no serviço prático. Aquele que ocupa um cargo não só tem a missão de falar e argumentar em matéria de teologia ou direito eclesiástico; tem também a função de fazer com que continue o serviço prático dos pobres e os desamparados. O objetivo é fazer com que o corpo de Cristo continue edificando-se. O trabalho do ministro é sempre construir e não destruir; edificar a Igreja, não arruiná-la; jamais tem que causar perturbação mas sim tem que empenhar-se para que os problemas não levantem a cabeça. Seu propósito é fortalecer sempre o edifício da Igreja, nunca debilitá-lo.

Mas aquele que ocupa um cargo na Igreja tem objetivos maiores ainda. Até agora se pensou no mais imediato e que dia a dia deve-se executar. Mas existem além outros objetivos de maior alcance.

Sua finalidade é que os membros da Igreja cheguem a uma unidade perfeita. Não deve permitir que se formem partidos dentro da Igreja; nada deve fazer com que origine diferença. Seu propósito deve ser atrair, por preceito e pelo exemplo, a uma unidade cada dia mais estreita.

Sua meta é que os membros da Igreja cheguem a alcançar o ideal do homem perfeito. A Igreja impõe a seus membros nada menos que a meta da perfeição. Jamais se contentará com que seus membros vivam uma vida decente e honorável, mas sim cheguem a ser modelos perfeitos de homens e mulheres cristãos.

Paulo termina assim com uma finalidade que supera a todas. O propósito da Igreja é que seus membros alcancem uma estatura que possa medir-se com a plenitude de Cristo.

Numa frase ousada A. J. Gossip acostumava a dizer que o propósito de Cristo era produzir no mundo uma raça de cristos. O propósito da

Igreja é nada menos que o de produzir homens e mulheres que sejam um reflexo do mesmo Jesus Cristo.

Conta-se que durante a guerra de Criméia Florence Nightingale passava uma noite de guarda em certo hospital. Deteve-se para inclinar-se sobre a cama de um soldado imperfeitamente ferido. Quando o jovem levantou a vista disse: "Você é Cristo para mim." O santo foi definido como "alguém em quem Cristo vive de novo". E isto é o que deveria ser um verdadeiro membro da Igreja.

O CRESCIMENTO EM CRISTO

Efésios 4:14-16

Em toda Igreja há certos membros que necessitam proteção. Existem os que procedem como meninos dominados pelo desejo de novidades; estão sempre à mercê da última moda em religião; sofrem o influxo da última pessoa com quem falaram; padecem a incapacidade infantil para concentrar-se no essencial da fé. A história nos ensina que as modas populares em religião vêm e passam; mas a Igreja continua para sempre. A história nos diz que mestres e evangelistas itinerantes surgem e desaparecem; mas a Igreja continua sua marcha. O alimento sólido da religião deve-se encontrar sempre dentro da Igreja.

Em toda Igreja há alguns que precisam ser defendidos. Paulo menciona o hábil engano dos homens. O termo usado (*kubeia*) significa habilidade para manipular os dados. Sempre existirão aqueles que com argumentos sagazes e engenhosos tentem seduzir o povo apartando-o da fé. Uma das características de nossa época é que hoje o povo fala mais de religião que durante muito tempo do passado. E os cristãos, especialmente os jovens, têm que enfrentar com freqüência os hábeis argumentos dos que estão contra Deus e a Igreja.

Existe uma só maneira de não ser arrastados pela última moda religiosa e de evitar a sedução da argumentação capciosa de homens

sagazes, a saber, o crescimento contínuo em Cristo, vivendo cada dia mais perto e em mais estreita relação com ele.

Mas Paulo usa ainda outra imagem. Um corpo só pode ser são, capaz e eficiente quando cada uma de suas partes se integra e coordena inteiramente; quando cada junta desempenha sua função própria de ligar; quando cada órgão desempenha o papel que tem adjudicado. Paulo diz que assim é a Igreja; e só poderá sê-lo se Cristo for de fato a cabeça e se cada membro se move sob seu controle, assim como as partes de um corpo são se movem ao comando do cérebro.

A única coisa que pode consolidar a fé do cristão e preservar o de toda sedução, a única coisa que contribui à saúde e eficiência de toda a Igreja, é a união íntima e indissolúvel com Jesus Cristo, cabeça e mente que dirige todo o corpo.

O QUE É PRECISO ABANDONAR

Efésios 4:17-24

Paulo apela a seus convertidos para que abandonem o estilo anterior de vida e partam pelo novo caminho da vida cristã. Aqui resume o que considera as características essenciais da vida pagã. Os pagãos se ocupam de coisas vazias e carentes de importância; têm suas mentes obnubiladas pela ignorância. E aqui ocorre o termo mais chamativo: seus corações estão *petrificados*. A palavra que Paulo usa para a *petrificação* dos corações é terrível: *porosis*. *Porosis* vem de *poros*, que originariamente designava a uma pedra mais dura que o mármore. Chegou a ter certas aplicações médicas. Era aplicada ao endurecimento das articulações que paralisa inteiramente os movimentos. Também ao calo que se forma na junta de um osso quebrado, calo que é mais duro que o próprio osso. Finalmente o termo chegou a significar a perda de toda capacidade sensitiva. Descreve algo tão endurecido e petrificado que não tem mais capacidade de sentir. Paulo diz que a vida dos pagãos é

semelhante a isto; é uma vida tão endurecida que perdeu toda capacidade de sentimento.

O horrível do pecado é seu efeito petrificador. O processo do pecado pode-se discernir muito bem. Ninguém faz-se um grande pecador num momento. Em princípio se olha o pecado com temor e horror; quando se peca o coração é invadido por remorso e pesar. Mas quando se continua pecando, chega um momento em que desaparece toda sensibilidade: podem-se cometer as coisas mais vergonhosas sem o mínimo reparo. A consciência chega a petrificar-se. Paulo enuncia a grande acusação de que a vida pagã petrifica de tal forma a consciência do homem que acaba com todos os sentimentos.

Mas Paulo usa além outros dois termos gregos, também terríveis, para descrever a vida no paganismo. Os pagãos se entregam a *cometer com avidez toda classe de impureza*. E agem desta maneira por *lascívia*. *Aselgeia* equivale a esta última expressão. Platão a define como "impudícia"; outros autores como "disponibilidade para qualquer prazer". Segundo Basílio é uma "disposição da alma incapaz de agüentar o rigor da disciplina". Mas a grande característica da *aselgeia* é esta: o homem mau ordinariamente tenta ocultar seu pecado; mas aquele que tem *aselgeia* em sua alma não tem do choque cuidado que possa provocar na opinião pública seu desafio e insulto a toda decência. O que lhe importa é satisfazer seus desejos. Muitos têm a suficiente decência de tentar ocultar seus pecados; o homem que vive a *aselgeia* não se interessa por quem é espectador de sua vergonha a fim de obter seus desejos. O pecado pode dominar um homem de tal maneira que lhe faça perder toda decência e vergonha. Chega a ser como o drogado: começa tomando a droga em segredo até chegar a um estado em que a reclama desavergonhada e abertamente gemendo e rebaixando-se. Um homem pode chegar a ser tão escravo do álcool que não lhe interesse que o vejam ébrio. Alguém pode deixar-se dominar tanto pelos desejos sexuais que não se inquieta por quem o observe. No teor de vida pagã o pecado

chega a dominar tanto que se perde o sentido natural da vergonha: o homem deixa de ser um homem para rebaixar-se à condição de besta.

O homem sem Cristo realiza tudo isto pela *insaciável avidez de seus desejos*. A palavra é *pleonexia*, e é outro dos termos terríveis. Os gregos a definiam como "avidez arrogante", "execrável amor de possuir", "desejo ilícito de possuir o que pertence ao outro", "espírito pelo qual o homem está sempre disposto a sacrificar a seu próximo em altares de seus interesses". *Pleonexia* é o desejo irresistível de ter aquilo ao qual não temos direito algum. Pode derivar em roubo de coisas materiais, em atropelo de outros para impor o próprio pensamento, em pecado sexual. É o espírito do homem que não cuida a quem fere ou que método usa a fim de obter seus desejos.

No mundo pagão, o mundo sem Cristo, Paulo observava três coisas terríveis. Viam os corações dos homens tão petrificados que não tinham consciência da situação de pecado; estavam tão dominados pelo pecado que tinham perdido toda vergonha e decência; estavam tão à mercê de seus desejos que já não se preocupavam, a fim de conseguir cumpri-los, das pessoas ofendidas ou das inocências destruídas. Os pecados do mundo sem Cristo de hoje em dia são exatamente os mesmos: os vê irromper por toda parte e passear-se majestosamente pelas ruas de qualquer grande cidade.

Paulo urge a seus convertidos a terminar com esse tipo de vida. Diz-lhes graficamente: "Despojem-se da passada maneira de viver assim como despojem-se de um vestido velho; vistam-se de uma maneira nova; despojem-se de seus pecados e vistam-se da justiça e santidade que Deus lhes pode dar."

São poucas as passagens que mostrem assim a terrível fealdade do pecado e que insistem com maior insistência a abandonar a vida do mundo para empreender o caminho de Deus.

O QUE TEM QUE DESAPARECER DA VIDA**Efésios 4:25-32**

Paulo esteve dizendo que quando alguém faz-se cristão tem que despojar-se de sua vida antiga assim como se despoja de um objeto que não usará mais adiante. Agora indica o que tem que desaparecer da vida cristã.

(1) Não deve haver mais falsidade. No mundo se usa mais de um tipo de mentira. Há mentira na conversação e na palavra. Algumas vezes essa mentira é deliberada e outras inconsciente.

O doutor Johnson tem um interessante conselho sobre educação dos meninos. Diz: "Acostumem constantemente a seus filhos a isto (a dizer a verdade); se uma coisa acontecer junto a uma janela e quando eles a relatam dizem que aconteceu na outra, não o passem por alto, mas sim corrijam no momento; não sabem aonde irá parar a separação da verdade... Se houver tanta falsidade no mundo deve-se mais ao descuido da verdade que à mentira intencional."

O conceito do doutor Johnson era que temos que nos acostumar a tentar resolutamente a dizer sempre a verdade. É fácil fazer interessante um relato adicionando detalhes; é fácil forjar uma história quando tentamos nos desculpar de uma omissão ou uma ação. É muito certo que o mundo está cheio de uma falsidade quase inconsciente e que a verdade exige um esforço deliberado. Mas não só existe a mentira na conversação, mas também a do silêncio, que até pode ser que seja mais comum. André Maurois, numa frase memorável fala da "ameaça de coisas não ditas". Pode dar-se o caso de numa discussão alguém cale quando deveria falar e que pelo silêncio aprove uma ação que sabe ser injusta. Pode ser que alguém se abstenha da admoestação e da recriminação quando sabe perfeitamente que deveria fazê-lo. O homem pode sufocar a verdade com o silêncio, assim como pode tergiversá-la com as palavras.

Paulo dá a seguir a razão para dizer a verdade: somos todos membros de um mesmo corpo. Só podemos viver em segurança se "pelos sentidos e os nervos passam ao cérebro mensagens verdadeiras. Mas se as mensagens que transmitem são falsas, se, por exemplo, comunicam ao cérebro que algo está frio e pode-se tocar quando de fato está quente e queima, a vida muito em breve chegaria a seu fim. Um corpo só pode funcionar devida e saudavelmente quando cada parte transmite ao cérebro e às demais partes uma mensagem verdadeira. Logo, se todos estamos ligados num corpo, este corpo só pode funcionar quando dizemos a verdade. Todo engano danifica a obra do corpo de Cristo.

(2) Na vida cristã deve haver ira mas uma ira que seja justa. O homem que perdeu a faculdade de irar-se tem falta de algo essencial. A cólera egoísta ou sobre o que si mesmo ocorre é sempre má. A irritação, o mau temperamento e a irritabilidade carecem de defesa. Mas há uma ira sem a qual o mundo se empobreceria.

O mundo teria perdido muito sem a ira acesa do Wilberforce contra o tráfico de escravos e sem a ira do Shaftesbury contra as condições em que os homens, as mulheres e os meninos trabalhavam no século XIX.

O doutor Johnson tinha certa severa brutalidade: quando pensava que uma coisa ia mal, ele o dizia com toda força e sem rodeios. Estando por publicar a *Viagem às Hébridas*, Hannah More pediu-lhe que mitigasse algumas de seus asperezas. Sua resposta, segundo ela, foi que "não cortaria as garras nem faria de seu tigre um gato para agradar a todo mundo".

Na vida há um lugar para o tigre. Quando o tigre se transforma em gato, algo se perde. Houve momentos em que Jesus se irou em forma terrível e majestosa. Irou-se quando os escribas e fariseus espiavam para ver se curaria no sábado o homem da mão atrofiada (Marcos 3:5). Não se irava pela crítica de que era objeto, mas sim porque a rígida ortodoxia queria impor a um semelhante sofrimentos desnecessários. Irou-se

quando fez um látego e expulsou os cambistas e vendedores de animais dos átrios do templo (João 2:13-17).

F. W. Boreham nos narra como o grande e piedoso pregador F. W. Robertson, de Brighton, conta numa de suas cartas que se mordeu os lábios até sangrar ao encontrar na rua a um homem que sabia que queria seduzir e levar à perdição uma jovem pura. O coração de Robertson se adivava de ira. João Wesley dizia: "Dêem-me cem homens que não temam a ninguém senão a Deus, *que não odeiem nada senão o pecado* e que não conheçam ninguém senão a Jesus Cristo crucificado, e eu abalarei o mundo." A ira egoísta, apaixonada, indisciplinada e descontrolada é pecaminosa, inútil e prejudicial; deve eliminar-se da vida cristã. Mas a ira disciplinada a serviço de Cristo e do próximo, e que é totalmente pura e desinteressada, é uma das maiores força dinâmicas do mundo.

O QUE TEM QUE DESAPARECER DA VIDA

Efésios 4:25-32 (continuação)

(3) Paulo continua dizendo que o cristão jamais deve permitir que o Sol se ponha sobre sua ira. Plutarco nos conta que os discípulos do filósofo Pitágoras observavam entre eles uma regra: se durante o dia a ira os levava a insultar-se mutuamente, deviam, antes do pôr-do-sol, estreitar-se as mãos, beijar-se e reconciliar-se. Um rabino judeu pedia em sua oração que jamais pudesse conciliar o sonho com um pensamento de amargura contra um irmão. Ninguém pode esperar melhor termo do dia que concluí-lo estando em paz com todo mundo. O conselho de Paulo é sensato porque, quanto mais pospor a emenda de uma contenda ou uma ruptura, menos provável será que cheguemos alguma vez ao acerto. Quando surgem inconvenientes entre nós e alguém, ou numa Igreja ou numa sociedade onde se encontram os homens, o único caminho a seguir é buscar um acerto imediato. Quanto mais tempo se deixa passar, mais cresce a amargura e o problema faz-se mais inveterado. Se cometemos

um engano peçamos a Deus a graça de admitir que assim foi; e mesmo quando tivéssemos tido razão imploremos a Deus a graça de poder dar o primeiro passo para resolver as coisas.

Com esta frase Paulo expressa outro mandamento. O grego pode referir-se igualmente a duas coisas. Pode significar: "Não dêem ao diabo sua oportunidade." Uma cisão não emendada, uma briga que não se transformou em reconciliação são uma oportunidade extraordinária para que o diabo semeie dissensão e inimizade. Com muita freqüência uma Igreja foi rasgada por seitas e facções devido ao fato de que duas pessoas brigaram e deixaram que o sol se tivesse posto sobre sua ira. Seria muito oportuno lembrar que quando se deterioram as relações pessoais o diabo tem sua oportunidade e não é lerdo para aproveitá-la. Mas a frase pode ter outro significado. Em grego o termo para diabo é *diabolos*; agora, *diabolos* usa-se normalmente para *caluniador*. Lutero, por exemplo, interpreta assim: "Não dêem lugar ao caluniador em suas vidas." Pode ser que isto seja o que Paulo realmente quer dizer. Neste mundo ninguém causa mais mal-estar e prejuízo que o fofoqueiro caluniador.

Diariamente se matam reputações enquanto se toma uma taça de chá; e quando a pessoa vê vindo o fofoqueiro, bem faria em fechar-lhe a porta na cara.

(4) Aquele que foi ladrão deve transformar-se num trabalhador honesto. Esta era uma advertência muito necessária para o mundo antigo onde o latrocínio avançava ameaçadoramente. Muito usualmente se roubava em dois lugares: nos cais e nos banheiros públicos. Os banheiros públicos constituíam os clubes daquela época; e roubar as roupas e pertences dos banhistas era um dos delitos mais comuns nas cidades gregas.

Mas o interessante na afirmação de Paulo é a razão que aduz para ser um trabalhador honesto. Não diz: "Sejam trabalhadores honestos para que possam alcançar a independência e seu honesto sustento", mas sim: "Sejam trabalhadores honestos para que possam dar algo aos que são

mais pobres que vocês." Aqui há uma nova idéia e um novo ideal: trabalhar a fim de poder dar.

James Agate fala de uma carta do famoso novelista Arnold Bennett a um escritor menos afortunado. Bennett era ambicioso e, em muitos aspectos, um homem de mundo. Mas nesta carta escreve a um colega a quem logo que conhecia apenas de nome, dizendo-lhe: "Estive olhando minhas contas de banco e percebo de que há cem libras que não necessito; envio anexo um cheque por essa soma."

Todos temos compromissos, e na sociedade moderna ninguém tem muito para dar. Mas lembremos que o ideal cristão do trabalho, nosso ideal ao trabalhar, não é amassar riquezas, mas sim ser capazes das entregar se for der o caso.

(5) Paulo passa a proibir toda conversação daninha, e logo expressa o mesmo em forma positiva. Diz que o cristão deve falar de tal maneira que faça bem a outros. O cristão deve caracterizar-se por falar de maneira que ajude a seus semelhantes. Elifaz o temanita rendeu uma grande homenagem a Jó ao dizer: "Com tuas palavras levantavas o trôpego" (Jó 4:4, B.J.). Este é o uso que o cristão tem que fazer de suas palavras.

(6) Paulo insiste em não entristecermos ao Espírito Santo. O Espírito Santo é o guia e o diretor da vida. Quando sendo jovens contrariamos os avisos, admoestações e conselhos de nossos pais os ofendemos e ferimos. Assim também agir contrariamente à orientação e direção do Espírito Santo é entristecer ao Espírito e ferir o coração de Deus Pai que nos fala por seu Espírito.

O QUE TEM QUE DESAPARECER DA VIDA

Efésios 4:25-32 (continuação)

Paulo termina este capítulo com uma lista de coisas que têm que desaparecer progressivamente da vida.

(a) A *amargura* (*pikria*). Os gregos definiam este termo como *ressentimento prolongado*; é o espírito que rechaça a reconciliação.

Muitos de nós encontramos forma de nutrir nossa cólera, de mantê-la abrigada, de "incubar" os insultos, injúrias e desprezos que sofremos. Quanto mais pensamos nestas coisas, mais profundamente se arraigam. Todo cristão faria bem em pedir a Deus que o ensine a esquecer.

(b) *As irritações (thymos) e a ira (orge) inveterada.* Os gregos definiam o *thymos* como uma forma de ira semelhante à chama de palha. Acende-se com rapidez e com a mesma rapidez se apaga. Por outro lado a *orge* é descrita como uma ira habitual e inveterada. É proibido ao cristão está tanto o estalo de temperamento como a ira inveterada.

(c) *A gritaria e maledicência.* Certo pregador famoso narrava como seu mulher o advertia sobre sua pregação no púlpito: "Baixe a voz." Cada vez que notamos que nossa voz aumenta de volume em alguma discussão ou argumento é tempo de deter-nos. Os judeus falavam sobre o que chamavam "o pecado do insulto" e sustentavam que Deus não considerava sem culpa ao homem que insultava a seu irmão. Neste mundo poderíamos evitar grandemente a aflição e a dor aprendendo simplesmente a falar com suavidade, e discretamente quando não temos nada bom que dizer do outro. Um argumento que tem que ser sustentado a gritos não é um argumento; uma disputa que se leva a cabo com insultos não é uma discussão, mas sim um alvoroço.

Desta maneira Paulo chega à síntese de seus conselhos. Diz-nos que sejamos *benignos (crestos)*. Os gregos definiam esta qualidade como uma disposição da mente pela que se pensa dos assuntos alheios como se fossem próprios. A benignidade se preocupa com os sentimentos alheios como se fossem próprios; preocupa-se dos pesares, lutas e problemas de outros como dos próprios. A benignidade aprendeu o segredo de olhar sempre para fora, não para dentro. Faz com que perdoemos a outros como Deus nos perdoou. Desta maneira e numa só sentença Paulo estabelece a lei de relação pessoal. E esta lei é que devemos tratar a outros como Cristo nos tratou.

Efésios 5

A imitação de Deus - 5:1-8

Falar levemente do pecado - 5:1-8 (cont.)

Os filhos da luz - 5:9-14

A fraternidade cristã - 5:15-21

O vínculo precioso - 5:22-23

O vínculo precioso - 5:22-23 (cont.)

O vínculo precioso - 5:22-23 (cont.)

O crescimento do pensamento paulino - 5:22-23 (cont.)

O fundamento do amor - 5:22-23 (cont.)

A IMITAÇÃO DE DEUS**Efésios 5:1-8**

Paulo propõe ao povo cristão o modelo mais sublime em todo mundo. Diz-lhes que devem ser imitadores de Deus. Mais tarde Clemente de Alexandria diria ousadamente que o cristão verdadeiro e sensato pratica o ser Deus. Ao falar da imitação, Paulo usa uma linguagem inteligível ao homem ilustrado da Grécia. A *mimesis* (imitação) constituía uma parte importante na preparação de um orador. Os mestres de retórica declaravam que a aprendizagem da oratória dependia de três coisas: teoria, imitação e prática. A maior parte do adestramento se dedicava ao estudo e a imitação dos mestres do passado. É como se Paulo dissesse: "Se vocês se exercitarem em ser oradores lhes dirão que imitem aos mestres da linguagem; mas não lhes estão exercitando em oratória, mas na vida, e devem lhes propor a imitação do Senhor de toda boa vida."

Essa imitação devia dirigir-se acima de tudo numa direção. O cristão deve imitar o amor e o perdão de Deus. Paulo usa uma frase típica do Antigo Testamento: fala do "aroma fragrante". A frase se remonta a uma idéia tão antiga como o próprio sacrifício. Quando se oferecia um sacrifício no altar, o aroma da carne que se queimava subia

aos céus e supunha-se que o deus a quem se fazia o sacrifício se deleitava com o aroma. Um sacrifício que tinha um "aroma fragrante" era o sacrifício particularmente grato e aceitável ao deus a quem se oferecia.

Paulo adota a frase que o tempo tinha consagrado — ocorre quase cinquenta vezes no Antigo Testamento — e a aplica ao sacrifício que Jesus ofereceu a Deus. O sacrifício de Jesus foi agradável a Deus; foi um sacrifício em que Deus teve complacência. E qual foi esse sacrifício? O sacrifício de Jesus foi uma vida de perfeita obediência a Deus e de perfeito amor aos homens; uma obediência tão absoluta e um amor tão infinito que chegou ao extremo de abraçar a cruz. Paulo diz o seguinte: "Imitem a Deus. Se desejam imitar a Deus e imitar o sacrifício que Jesus ofereceu só poderão obtê-lo amando aos homens com o mesmo amor sacrificial com que Jesus os amou e perdoando-os com amor como Deus o fez." A afirmação de Paulo é que o cristão deve reproduzir em sua própria vida a atitude divina de amor, bondade, perdão e misericórdia.

Agora Paulo passa a outro tema. Tem-se dito que a castidade foi a única virtude nova que o cristianismo introduziu neste mundo. Todo mundo antigo considerava a imoralidade sexual tão levemente que de maneira nenhuma constituía um pecado. Era normal que cada homem tivesse uma concubina. Em lugares como Corinto os grandes templos estavam cheios de centenas de sacerdotisas que se desempenhavam como prostitutas sagradas e cujos lucros contribuía à manutenção do templo.

Cícero em seu discurso *Pro Caelio* argumentava:

"Se alguém pensar que o jovem deve ser proibido absolutamente o amor às cortesãs, mantém uma posição rígida em extremo. Não posso contradizer o princípio que o tal sustenta. Mas não só está em desacordo com a conduta licenciosa permitida por nossa época, mas também com os costumes e concessões de nossos antepassados. Quando não se fez isto? Quando alguém o condenou? Quando se negou tal permissão? Quando o que agora é legal não foi legal?"

Cícero quer dizer que nenhum romano que estivesse em seus cabais proibiria aos jovens o trato com prostitutas. O que melhor ilumina o ponto de vista do mundo antigo é o fato seguinte. Os mesmos gregos diziam que Sólon tinha sido a primeira pessoa em permitir a introdução de prostitutas em Atenas e a construção de prostíbulos; e com os lucros do novo negócio se edificou um novo templo a Afrodite, a deusa do amor. O que melhor ilustra esta posição grega é o fato de que não se visse nada mau em construir um templo aos deuses com as utilidades e os lucros da prostituição.

Quando Paulo dá esta ênfase à pureza moral estabelece um modelo que o pagão comum jamais tinha sonhado. Por esta razão alega com tanta seriedade e estabelece com tanto rigor as leis de pureza. Lembremos que tipo de sociedade era aquela da que provinham os cristãos convertidos; lembremos o tipo de sociedade que os rodeava. Em toda a história não há nada semelhante ao milagre moral que o cristianismo operou.

FALAR LEVIANAMENTE DO PECADO

Efésios 5:1-8 (continuação)

Devemos notar duas advertências de Paulo.

(1) Diz que nem mesmo se deve conversar dos pecados vergonhosos; que não sejam estes o objeto de néscia conversação e de brincadeiras insossas.

Como diz Heródoto, os persas tinham uma regra pela que "nem sequer estava permitido falar das coisas que não estava permitido fazer". Falar de uma coisa, brincar sobre ela e fazê-la freqüente objeto de conversação é introduzi-la na mente e aproximar-se à ação. A crença de Paulo e suas admoestações eram que há algumas coisas das quais não convém sequer falar nem brincar sobre elas. Devem ser proscritas da vida cristã. É ainda um triste índice da natureza humana que muitos

livros, peças teatrais e filmes tenham êxito simplesmente porque tratam temas ligados a coisas proibidas ou repugnantes.

(2) Paulo diz que seus convertidos não devem deixar-se enganar com palavras vãs. Qual é o alcance desta proibição? No mundo antigo e até na Igreja cristã se escutavam vozes que ensinavam os homens a pensar com leviandade o pecado carnal. No mundo antigo uma corrente de pensamento chamada gnosticismo partia de um fato básico: a afirmação de que só o espírito é bom e a matéria é sempre defeituosa e má; a matéria é essencialmente e em sua verdadeira natureza algo mau. Se isto fosse verdade, conduziria como conseqüência à valorização apenas do espírito e ao desprezo completo e total da matéria. Agora, o homem está composto de duas partes: *corpo* e *espírito*. Deste ponto de vista só o espírito interessa, enquanto o corpo carece de toda importância. Por essa razão ao menos alguns dos gnósticos sustentavam que não interessa o que o homem faça com seu corpo; nada afeta o fato de a pessoa saciar seus desejos. O corpo carece completamente de importância. Em pouco tempo o homem acaba com ele; só interessa o espírito. Estes gnósticos afirmavam, por conseguinte, que o pecado corporal e sexual carecia de importância porque era feito no corpo e não no espírito. O cristianismo enfrentou tal ensino com a afirmação de que tanto o corpo como a alma são importantes; que Deus é o criador de ambos; que Jesus Cristo santificou para sempre nosso corpo humano ao assumi-lo; que também o corpo é o templo do Espírito Santo, e que o cristianismo se preocupa com a salvação de todo o homem: corpo, alma e espírito.

(3) Esse era um ataque que procedia de fora; mas a Igreja era atacada, e em forma ainda mais perigosa, de dentro. Havia nela aqueles que pervertia a doutrina da graça. Os ecos e ressaibos do argumento de Paulo contra estes se percebem em Romanos 6.

Esta gente raciocinava assim: "Vocês dizem que a graça de Deus é a maior coisa do mundo?" "Sim." "Vocês dizem que a graça de Deus é tão imensa que cobre cada falta, pecado e mancha?" "Sim." "Pois então,

continuemos pecando, porque a graça de Deus pode eliminar todo pecado. Mais ainda — quanto mais pequemos a graça de Deus terá maiores possibilidades de operar. Nosso pecado é algo bom, visto que produz a graça que, segundo vocês, é a maior coisa do mundo."

O cristianismo enfrentou este argumento insistindo em que a graça não era só um privilégio e um dom; era também uma responsabilidade e uma obrigação. É verdade que o amor de Deus pode perdoar e perdoa, mas o fato real de que Deus nos ama nos coloca na obrigação de merecer esse amor.

O dano mais grave que o homem pode conduzir a seu semelhante é fazer com que este pense com leviandade do pecado. Todo ensino que diminui o horror e o terror do pecado é venenoso. Paulo pede a seus conversos que não se deixem desviar e enganar pelas palavras vãs que pretendem tirar o horror e a peçonha da idéia do pecado.

OS FILHOS DA LUZ

Efésios 5:9-14

Paulo via a vida pagã como uma vida em trevas; e a vida cristã como uma vida na luz. Quer expressar isto com tanta vivacidade que não diz que os pagãos sejam filhos das trevas e os cristãos filhos da luz, mas sim os pagãos são trevas e os cristãos *são* luz. Paulo aqui tem algo a dizer sobre a luz que Cristo trouxe aos homens.

(1) A luz produz bons frutos: bondade, justiça e verdade. A bondade (*agathesyne*) é certa generosidade do espírito. Com respeito à justiça (*dikalosyne*) os próprios gregos a definiam como "dar aos homens e a Deus o que lhes é devido". No Novo Testamento a verdade (*aletheia*) não é simplesmente algo intelectual que se tem que captar com a mente. A verdade é moral; não só é algo que se *conhece* mas também que se *faz*. A luz de Cristo nos torna cidadãos proveitosos e úteis neste mundo; faz-nos homens e mulheres que jamais faltam ao dever, seja humano seja divino; faz-nos fortes para realizar o que sabemos ser verdade. Uma

árvore carece de fruto enquanto não recebe a luz do Sol; uma vida carece de fruto enquanto não é tocada pela luz de Cristo.

(2) A luz nos capacita a distinguir entre o que agrada e o que desagrada a Deus. Todos os motivos e todas as ações se têm que examinar à luz de Cristo. No Oriente os negócios dos mercados são simplesmente pequenos recintos cobertos e sem janelas. Com freqüência quando alguém quer comprar uma peça de seda ou um artigo de bronze esculpido deve, antes de adquiri-lo, sair à rua e expô-lo à luz do dia para descobrir qualquer possível defeito. Só se fecha a operação se a mercadoria passar à prova da luz. É dever cristão expor cada ação, cada decisão e cada motivo à luz de Cristo. Nesta luz devemos julgar tudo na vida.

(3) A luz manifesta o que é mau. A melhor maneira de libertar uma sociedade ou ao mundo de algum mal foi sempre tirar à luz o mal. Enquanto a coisa permanece em segredo segue seu curso, mas quando é arrastada à luz do dia morre de morte natural. A maneira mais segura de limpar o profundo de nosso próprio coração e as práticas da sociedade em que estamos envoltos é expô-los à luz de Cristo.

(4) Finalmente, Paulo expressa uma bela idéia sobre a luz: "Porque a luz é o que manifesta tudo", ou melhor, "Tudo que se manifesta é luz". Esta é uma frase difícil. O que Paulo quer dizer é que a luz possui por si mesmo uma qualidade purificadora. Hoje sabemos que muitas enfermidades foram dominadas simplesmente deixando entrar a luz do Sol; sabemos que nos raios do Sol há saúde. A luz de Cristo é algo semelhante. Nunca devemos pensar que a luz de Cristo é cruel e condenatória; também é salutífera. E o que está exposto à luz de Cristo não só é iluminado, mas também purificado.

Paulo termina esta passagem com uma citação poética. Na tradução do Moffatt se lê: "Desperta, ó dorminhoco, e se levante dos mortos; e assim Cristo brilhará sobre ti."

Paulo introduz esta citação como se todo mundo a conhecesse; mas hoje ninguém sabe de onde provém. Existem a respeito sugestões

interessantes. Como está em poesia trata-se, quase com certeza, de um fragmento de um antigo hino cristão. Bem pôde ter sido parte de um hino batismal. Devemos lembrar de novo que na Igreja primitiva quase todos os batismos eram de adultos; os que se batizavam faziam profissão de fé para passar do paganismo ao cristianismo. Quando emergiam da água é possível que se cantassem estas linhas para simbolizar o ressurgimento do novo cristão, do sonho tenebroso do paganismo à vida radiante e desperta do cristianismo. Outra sugestão considera estas linhas, parte de um hino, como a convocatória do arcanjo quando soar sobre a Terra a última trombeta. Será um grande despertar quando os homens se levantem do sonho da morte para receber de Cristo a vida eterna. Tudo isto é especulação, mas parece certo que estamos diante de um pequeno fragmento de um dos primeiros hinos cantado pela Igreja cristã.

A FRATERNIDADE CRISTÃ

Efésios 5:15-21

A admoestação geral de Paulo conclui com uma exortação para que seus conversos vivam uma vida sensata. Os tempos que se vivem são maus; deve-se recuperar todo o tempo possível do mau uso do mundo.

Paulo continua sublinhando o contraste entre dois tipos de reuniões: a reunião pagã e a reunião cristã. A reunião pagã é propensa a derivar em libertinagem. É significativo que ainda usemos a palavra *simpósio* para a discussão de um tema por um grupo de pessoas. A palavra grega *symposion* significa literalmente um encontro em que se bebe.

Quando certa vez A. C. Welch pregava sobre o texto: "Enchei-vos do Espírito", começou com uma sentença inoportuna: "Têm que encher a um homem de alguma coisa." Os pagãos encontravam sua felicidade enchendo-se de vinho e dos prazeres do mundo; o cristão encontrava sua felicidade no fato de que estava cheio do Espírito.

Desta passagem podemos deduzir alguns fatos sobre as reuniões cristãs da época primitiva.

(1) A Igreja primitiva era uma *Igreja que cantava*. Caracterizava-se por seus salmos, hinos e cânticos espirituais. A felicidade da Igreja primitiva fazia com que os homens cantassem.

(2) A Igreja primitiva era uma *Igreja agradecida*. Instintivamente e em todo tempo e lugar dava graças por tudo. Crisóstomo, o grande pregador da Igreja em épocas posteriores, tinha a curiosa idéia de que o cristão devia agradecer até o inferno, porque o inferno, como ameaça e admoestação o mantinha no caminho reto. A Igreja primitiva era uma Igreja agradecida porque seus membros estavam ainda deslumbrados pela maravilha do amor divino que tanto se rebaixou para salvá-los. Era uma Igreja agradecida porque os homens jamais tinham tido tal consciência de estar nas mãos de Deus. Em tudo davam graças porque estavam convencidos de que tudo provinha de Deus.

(3) A Igreja primitiva era uma Igreja em que os cristãos se *honravam e respeitavam mutuamente*. Paulo dá a razão para esta honra e respeito mútuos; era porque reverenciavam a Cristo. Não se apreciavam à luz de suas ocupações, profissões e estado social; apreciavam-se à luz de Cristo e por isso descobriam a dignidade de cada um, e se respeitavam e honravam mutuamente com facilidade.

O VÍNCULO PRECIOSO

Efésios 5:22-33

Ninguém em pleno século XX que leia esta passagem pode esgotar toda sua grandeza. Através dos séculos se chegou enfim a aceitar a visão cristã do casamento. Mesmo quando a prática não alcance o ideal, este sempre está nas mentes e corações dos homens que vivem numa situação cristã. O casamento é considerado como a união perfeita de corpo, mente e espírito e para sempre entre o homem e a mulher. Mas quando Paulo escrevia a situação era muito diferente. Nesta passagem Paulo apresenta perante homens e mulheres um ideal que brilha com pureza radiante num mundo imoral.

A. W. Verrall, o grande erudito clássico, dizia certa vez que uma das principais enfermidades pelas que pereceu a civilização antiga foi a pouca avaliação da mulher. Vejamos brevemente as circunstâncias nas quais Paulo escreve esta passagem e expressa seu pensamento.

Os judeus tinham um baixo conceito das mulheres. Na forma judia da oração matutina havia uma frase em que o judeu cada manhã agradecia a Deus por não tê-lo feito "um pagão, um escravo ou uma mulher". O que viciava toda a legislação judia em relação às mulheres era que, segundo a Lei judia, uma mulher não era uma pessoa, mas sim uma coisa. Carecia totalmente de direitos legais, era possessão absoluta do marido que podia dispor dela à vontade. O judeu possuía em teoria o mais alto ideal do casamento. Os rabinos diziam em seus refrões: "Todo judeu deve entregar sua vida antes que cometer idolatria, homicídio ou adultério". "O próprio altar derrama lágrimas quando o homem se divorcia da mulher de sua juventude."

Mas o fato era que quando nasceu a Igreja o divórcio tinha chegado a ser tragicamente fácil. A Lei do divórcio está sintetizada em Deuteronômio 24:1: "Se um homem tomar uma mulher e se casar com ela, e se ela não for agradável aos seus olhos, por ter ele achado coisa indecente nela, e se ele lhe lavrar um termo de divórcio, e lho der na mão, e a despedir de casa." É obvio tudo depende da interpretação da frase *coisa indecente*. Os rabinos mais estritos, encabeçados pelo famoso Shammai, mantinham que a frase significava só adultério, por isso ainda que a mulher for tão malévola como Jezabel, o marido não podia divorciar-se; o motivo só podia ser o adultério. Os rabinos mais liberais, encabeçados pelo igualmente famoso Hillel, interpretavam a frase da maneira mais lassa possível. Um homem podia divorciar-se de sua mulher se esta tinha jogado muito sal em sua comida, ou se passeava em público com a cabeça descoberta, ou se falava com homens na rua, ou se em suas palavras tinha faltado o respeito aos pais do marido em presença deste ou se era bagunceira, impertinente e briguenta.

Certo Rabino Aquiba interpretava a frase "se não lhe agradar" no sentido de que o marido podia divorciar-se dela se encontrava outra mulher mais atrativa. É fácil supor que escola de pensamento preponderaria.

Dois fatores na Lei judia pioravam as coisas. Em primeiro lugar a mulher não tinha nenhum direito ao divórcio mesmo quando seu marido chegasse a converter-se em leproso, apóstata ou se complicasse em negócios sujos. Falando em geral, na Lei judia o marido podia divorciar-se de sua mulher por qualquer motivo. A mulher não podia divorciar-se de seu marido por nenhum motivo. Sob a Lei judia a mulher carecia de toda ajuda e defesa. Em segundo lugar, o processo do divórcio era desastrosamente fácil. A Lei mosaica dizia que aquele que queria divorciar devia entregar à sua mulher uma carta de divórcio. O documento rezava: "Que esta seja de minha parte a escritura de divórcio, a carta de demissão e a ata de libertação, de maneira que possas casar com qualquer homem que encontres." Tudo o que o homem fazia era entregar esta nota de divórcio à sua mulher escrita corretamente por um rabino e na presença de duas testemunhas. Assim o divórcio era levado a cabo. A única outra condição que se requeria era que a dote da mulher fosse reintegrada.

Quando surgiu o cristianismo, o laço matrimonial estava em perigo até dentro do judaísmo. Tão grande era o perigo que a própria instituição do casamento via-se ameaçada; os jovens judeus rechaçavam absolutamente o casamento pela posição insegura da mulher.

O VÍNCULO PRECIOSO

Efésios 5:22-33 (continuação)

A situação era pior dentro do mundo helênico. A prostituição era uma parte essencial da vida grega. Demóstenes o deixou estampado como a regra de vida comum e aceita: "Temos cortesãs por motivo de prazer; dispomos de concubinas por motivo da coabitação diária; temos

esposas com o propósito de possuir filhos legítimos e uma guardiã fiel para todos os nossos assuntos domésticos."

As mulheres das classes respeitáveis na Grécia levavam uma vida completamente à parte. Não tomavam parte na vida pública; nunca apareciam sozinhas nas ruas; nunca se apresentavam em comidas ou reuniões sociais; tinham suas próprias habitações às quais ninguém podia entrar senão apenas o marido. Como dizia Xenofonte, a finalidade era que "vissem tão pouco, ouvissem tão pouco e perguntassem tão pouco quanto fosse possível." A mulher respeitável grega era educada de tal maneira que o companheirismo e a comunidade matrimonial lhe resultavam impossíveis. O homem encontrava o prazer e a amizade fora do casamento.

Sócrates dizia: "Existe alguém a quem pode confiar assuntos mais sérios que sua mulher — e há alguém com quem se fala menos que com ela?" Vero, o colega imperial do grande Marco Aurélio, certa vez sua esposa o reprovou por associar-se com outras mulheres; respondeu-lhe que lembrasse que o nome de esposa era um título de dignidade mas não de prazer. Todo o teor de vida grega fazia do companheirismo entre o homem e a mulher algo quase impossível. O grego esperava que sua mulher dirigisse sua casa e cuidasse de seus filhos legítimos; o prazer e a companhia os encontrava em alguma outra parte.

Pior ainda, na Grécia não existia um procedimento legal de divórcio. Como alguém o expressou, o divórcio era puramente um capricho. A única segurança que a mulher tinha era a reintegração de seu dote. Na Grécia o lar e a vida familiar estavam próximos da extinção, e a fidelidade era absolutamente inexistente.

O VÍNCULO PRECIOSO

Efésios 5:22-33 (continuação)

Nos dias de Paulo a situação em Roma era ainda pior. A degeneração de Roma era trágica. Nos primeiros cinco séculos da

república romana não tinha havido um só caso de divórcio. O primeiro divórcio documentado foi o do Spurio Carvilio Ruga em 234 antes de Cristo. Mas no tempo de Paulo a vida familiar romana estava em ruínas. Sêneca escreve que as mulheres se casavam para divorciar-se e se divorciavam para casar-se. Os romanos ordinariamente não datavam os anos com números, mas com os nomes dos cônsules. Sêneca diz que as mulheres datavam seus anos com os nomes de seus maridos.

O poeta romano Marcial nos fala de uma mulher que teve dez maridos; Juvenal de uma que teve oito em cinco anos; Jerônimo confirma que em Roma vivia uma mulher casada com seu vigésimo terceiro marido do qual por sua vez ela era a vigésimo primeira mulher. Até encontramos o imperador romano Augusto exigindo a um marido o divórcio de Lídia já grávida para poder casar-se com ela. O próprio Cícero de idade proecta mandou embora a sua mulher Terencia para poder casar-se com uma jovem herdeira, cujo administrador legal era ele, e assim ter parte em sua fortuna a fim de poder resolver suas dívidas.

Isto não significa que não existisse a fidelidade. Suetônio nos fala de uma jovem romana chamada Malonia que se suicidou antes de resignar-se aos favores do imperador Tibério. Entretanto, não é exagerado afirmar que toda a atmosfera do mundo antigo respirava adultério. A castidade era vítima da crescente luxúria da civilização. O laço matrimonial estava a caminho da sua completa bancarrota.

Paulo escreve contra o pano de fundo desta situação. Quando escreveu esta muito formosa passagem não estava simplesmente expressando o ponto de vista dos homens. Estava chamando homens e mulheres a uma nova fidelidade, a uma nova pureza e a uma nova comunidade na vida matrimonial.

É um fato patente na história que ninguém no mundo, exceto dos meninos, como veremos, deve mais a Cristo que as mulheres. É impossível exagerar o efeito purificador do cristianismo no mundo antigo na vida familiar e ordinária de cada dia.

O CRESCIMENTO DO PENSAMENTO PAULINO**Efésios 5:22-33 (continuação)**

Justamente nesta passagem encontramos o verdadeiro pensamento de Paulo sobre o casamento. Há coisas que Paulo escreveu sobre o casamento e que nos deixam perplexos e desconsertados; coisas que honestamente desejaríamos que nunca as tivesse escrito. E por desgraça isto é o que se cita com freqüência como o ponto de vista paulino sobre o casamento.

Um dos capítulos mais estranhos de Paulo é 1 Coríntios 7. Ali fala sobre o casamento e sobre as relações entre homens e mulheres. Segundo o ensino de Paulo nesse capítulo a verdade nua é que a única razão pela qual é permissível o casamento é para evitar algo pior. Escreve: “Mas por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa, e cada uma, o seu próprio marido” (1 Coríntios 7:2). Permite que uma mulher cujo marido faleceu possa casar-se de novo; mas é melhor que ela fique solteira (1 Coríntios 7:39-40). Prefere que não se casem os que não estão casados e as viúvas. “Caso, porém, não se dominem, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado” (1 Coríntios 7:9). Para falar cruamente, o ensino estranho e ferino deste capítulo, é que o casamento é melhor que o adultério, mas que isso é tudo o que se pode dizer sobre ele.

Há uma razão para que Paulo escrevesse assim. Quando o apóstolo escreveu 1 Coríntios esperava cada dia e a cada hora a segunda vinda de Jesus; por esta razão estava convencido de que ninguém, homem ou mulher, devia submeter-se a nenhum tipo de laço terrestre, mas sim concentrar-se totalmente no uso do breve tempo que restava como preparação para a vinda do Senhor. “O solteiro cuida das coisas do Senhor, em como há de agradar ao Senhor; mas o que é casado cuida das coisas do mundo, em como há de agradar à mulher” (1 Coríntios 7:32-33). Quando escreveu 1 Coríntios 7, Paulo estava insistindo em realidade em que o homem devia amar mais a Jesus que ao pai ou mãe ou esposa

ou filho; em que a lealdade a Jesus devia ter precedência sobre as mais caras lealdades da Terra. E procedia assim porque pensava que a segunda vinda de Cristo teria lugar em qualquer momento.

Mas entre 1 Coríntios e Efésios há um espaço talvez de nove anos. Nestes nove anos Paulo se precaveu de que a segunda vinda não era tão iminente como cria; que de fato a comunidade cristã não vivia a situação temporária do fim do mundo, mas sim uma situação mais ou menos permanente. Em Efésios encontramos o verdadeiro ensino de Paulo sobre o casamento: o casamento cristão é a relação mais preciosa da vida; seu único paralelo é a relação entre Cristo e a Igreja.

Para ser justos com Paulo devemos tirar sua doutrina sobre o casamento deste capítulo e não da mais primitiva carta aos Coríntios. Em 1 Coríntios 7 há prescrições para uma situação de crise e emergência numa época em que Paulo estava convencido do iminente fim do mundo. Efésios nos dá a doutrina de Paulo sobre o casamento como parte da situação permanente da vida cristã.

Ainda é possível que a passagem de Coríntios esteja colorida por uma experiência pessoal do apóstolo. Parece que em seus dias de judeu ciumento era membro do Sinédrio; quando narra sua conduta para com os cristãos diz: “contra estes dava o meu voto” (Atos 26:10). Agora, ao que parece uma das condições para ser membro do Sinédrio era o casamento; por isso Paulo devia ser casado. Mas nunca menciona a sua esposa. Por que?

Bem pode ser que sua esposa o tivesse abandonado quando se tornou cristão, voltando-se contra ele. Pode ser que quando Paulo escreveu 1 Coríntios falasse de uma situação em que não só esperava o advento imediato de Cristo, mas também em que encontrava em seu próprio casamento um dos problemas maiores e um dos sofrimentos mais penosos. Nessas circunstâncias do mundo, como ele as via, e de um casamento, que vivia em carne própria, teria concebido o casamento como um estorvo para o cristão. Mas com o correr dos anos caiu na

conta de que a relação matrimonial se assemelhava nada menos que à relação entre Cristo e a Igreja.

O FUNDAMENTO DO AMOR

Efésios 5:22-33 (continuação)

Algumas vezes se descarta por completo a ênfase desta passagem. É lida como se a essência da mesma estivesse na subordinação da mulher ao marido. A frase "o marido é cabeça da mulher", cita-se isoladamente. Mas há muito mais. O fundamento de toda esta passagem não é o controle, mas sim o amor. Paulo refere-se ao amor que o marido deve ter para com sua mulher.

(1) Deve ser um amor *sacrificial*. Deve amar a sua mulher como Cristo amou a Igreja e deu-se a si mesmo por ela. Nunca deve ser um amor egoísta. Cristo não amou a Igreja para que a Igreja fizesse algo por Ele, senão para Ele fazer coisas por ela.

Crisóstomo se esprou admiravelmente nesta passagem: "Viu a medida da obediência? Escuta também a medida do amor. Quer que sua mulher lhe obedeça como a Igreja obedece a Cristo? Preocupe-se por ela assim como Cristo se preocupou com a Igreja. E se for necessário que deva entregar sua vida por ela ou ser despedaçado, ou suportar o que for, não fuja disso... Cristo levou a Igreja a seus pés por sua grande solicitude, não pelas ameaças, o temor ou coisa que o valha; esta mesma deve ser sua conduta com respeito a sua mulher".

O marido é cabeça da mulher — é verdade que Paulo afirmou isto. Mas o apóstolo diz também que o marido deve amar a sua mulher como Cristo amou a Igreja, com um amor que jamais recorre à tirania do controle, mas sim está disposto a qualquer sacrifício por seu bem.

(2) Tem que ser um amor *purificador*. Cristo purificou e consagrou a Igreja pelo lavar da água, no dia em que cada membro fez sua profissão de fé. Pode ser que aqui Paulo tenha em mente um costume grego.

Um dos costumes nupciais gregos era que a esposa antes de ser conduzida ao altar devia banhar-se nas águas de um rio consagrado a um deus ou a uma deusa. Em Atenas, por exemplo, banhava-se nas águas do Calíroo consagrado à deusa Atenas para que as águas sagradas a purificassem de toda impureza. Paulo pensa no batismo. Pela lavagem do batismo e a profissão da fé Cristo faz com que a Igreja seja para Ele limpa, pura e consagrada, de tal maneira que não se encontre nela nenhum lugar sujo nem ruga que a desfigure. Todo amor que arrasta a uma pessoa para baixo é um amor falso. Todo amor que em lugar de refinar o caráter o torna mais grosseiro, que necessita do engano que debilita a fibra moral, que torna má uma pessoa, não é amor. O amor verdadeiro é o grande purificador e limpador da vida toda.

(3) Deve ser um amor *solícito*. Um homem deve amar a sua mulher como ama a seu próprio corpo. No dizer de Paulo, como nutre e cuida de seu corpo, o amor cuida da pessoa amada. Não ama para procurar serviço nem para assegurar a atenção de sua comodidade física. Não ama por própria conveniência, mas sim cuida da pessoa amada. Há algo que não está em ordem quando um homem olha a sua mulher consciente ou inconscientemente, como a que deve preparar a comida, lavar a roupa, limpar a casa e educar os filhos. Não deve ser tida como um tipo de diarista permanente, mas sim como a pessoa com quem alguém tem o dever de brindar-se.

(4) É um amor *inquebrantável*. Por este amor o homem deixa pai e mãe e se adere à sua mulher. Tornam-se uma carne. Une-se a ela como os membros do corpo estão unidos entre si. Não pensa em separar-se dela, o qual equivaleria a rasgar seu próprio corpo. De fato, estamos aqui perante um ideal que contrasta com uma época em que homens e mulheres mudavam de consorte com a facilidade com que mudavam a roupa.

(5) Esta é uma relação como diz Paulo, *no Senhor*. Vive-se na presença do Senhor, em sua atmosfera; cada iniciativa é dirigida pelo Senhor; cada decisão é tomada no Senhor. No lar cristão Jesus é o

hóspede que sempre se tem presente ainda que esteja em forma invisível. No casamento cristão não participam dois, mas sim três e o terceiro é Cristo.

Efésios 6

Pais e filhos - 6:1-4

Pais e filhos - 6:1-4 (cont.)

Senhores e servos - 6:5-9

Senhores e servos - 6:5-9 (cont.)

A armadura de Deus - 6:10-20

A bênção final - 6:21-24

PAIS E FILHOS

Efésios 6:1-4

Se a fé cristã fez muito pela mulher fez muito mais pelos filhos. Sempre será verdade que em qualquer civilização ninguém pode menos que amar a seus filhos; mas também é verdade que nas civilizações pré-cristãs e pagãs podem existir uma dureza e uma crueldade impossíveis numa cultura em que os princípios cristãos alcançaram a supremacia. Na civilização romana da época de Paulo havia certas características que faziam perigosa a vida da criança.

(1) O *pátrio poder* romano constituía o poder do pai. Pelo *pátrio poder* o pai romano tinha um poder absoluto na família. Podia vender a seus filhos como escravos; fazê-los trabalhar em seus campos até em cadeias; podia dispor da Lei a seu desejo, porque esta estava em suas mãos; castigar como lhe agradasse até o extremo de infligir a pena de morte. Além disso o poder do pai romano era vitalício e durava durante toda a vida do filho. Um filho romano jamais chegava à maioridade mesmo quando tivesse crescido. Se viesse a ser um magistrado da cidade ou se fosse coroado pelo estado com honras bem merecidas, sempre estava submetido ao poder absoluto do pai.

"O grande engano" — escreve Becker — "consistia em que o pai romano considerava o poder conferido pela natureza aos pais velhos, de guiar e proteger a criança durante sua infância, como extensivo a sua liberdade, incluindo vida e morte, e continuando por toda sua existência". É verdade que raramente o poder do pai era levado a extremo porque a opinião pública não o permitia; mas se dão exemplos rigorosamente históricos de pais romanos que condenaram à morte a seus filhos e os executaram. A realidade é que nos dias de Paulo o menino estava total e absolutamente sob o poder de seu pai.

(2) Existia o costume de abandonar a criança. Quando nascia uma criança era colocada aos pés do pai; se este se inclinava e o levantava significava que o reconhecia e queria retê-lo. Se dava meia volta e saía significava que se negava a reconhecê-lo; a criança podia ser literalmente descartada.

Há uma carta que data do século I a.C. que um homem chamado Hilarion escreve à sua mulher Alis, de Alexandria, aonde tinha viajado. Escreve sobre questões domésticas:

"Hilarion a Alis seu mulher, as mais cordiais saudações e a meus queridos Bero e Apolinário. Tem que saber que ainda estamos em Alexandria; não se preocupe se outros retornam enquanto eu continue em Alexandria. Peço-lhe e suplico que tenha cuidado do filho pequeno; logo que receba o pagamento lhe enviarei isso. Se tiver um menino — sorte para você! — deixa-o viver enquanto seja varão; se for mulher, arrojê-a. Você recomendou a Afrodísia que me dissesse: 'Não me esqueça'. Como posso esquecer? Peço-lhe portanto que não se preocupe."

Estamos diante de uma carta estranha: tão cheia de afeto e, entretanto, tão dura para com um menino que vai nascer. Uma criança romana corria sempre o risco de ser rechaçada e exposta na via pública. Na época de Paulo este risco era maior. Vimos como o laço matrimonial estava em franca ruína e como homens e mulheres mudavam seus consortes com rapidez assombrosa. Em tais circunstâncias uma criança era uma desgraça. Nasciam tão poucos meninos que o governo romano

aprovou de fato uma legislação que limitava o montante da herança de um casal sem filhos. Os filhos não desejados eram ordinariamente abandonados no fórum romano, e se convertiam em propriedade de qualquer pessoa que os levantasse. Era costume serem recolhidos de noite por gente que os alimentava com a finalidade de vendê-los como escravos ou de abastecer os prostíbulos de Roma. Tudo isto é inconcebível em nossos dias, mas não porque haja uma civilização inteiramente cristã, mas sim porque os princípios cristãos impregnaram que tal maneira a civilização ocidental que já não se concebem tais práticas.

(3) A civilização antiga era desumana com respeito à criança doente ou disforme. Sêneca escreve, como se fosse o mais comum no mundo, como efetivamente o era: "Sacrificamos a um boi impetuoso, estrangulamos a um cão raivoso, afundamos a faca no gado doente para que não contage a outros, afogamos as crianças que nascem fracas e disformes". Uma criança doentia e disforme tinha pouca esperança de sobreviver.

Nestas circunstâncias Paulo escreve seus conselhos a filhos e pais. Se alguém perguntar qual é o bem que o cristianismo trouxe para o mundo a resposta inegável e absoluta é a mudança de situação da mulher e da criança.

PAIS E FILHOS

Efésios 6:1-4 (continuação)

Paulo manda que os filhos obedeçam as ordens de seus pais e os honrem. Diz que é o *primeiro* mandamento. Provavelmente queira dizer que era o primeiro mandamento que a criança cristão tinha que aprender de cor. A honra que Paulo exige não é uma mera honra de palavra; a única maneira de honrar aos pais é obedecendo-lhes, respeitando-os e não lhes causando dor.

Mas Paulo se dá conta de que o problema tem outra face. Diz aos pais que não provoquem a ira de seus filhos. Bengel responde à pergunta de por que este mandamento dirige-se definitivamente aos *pais*. As mães têm uma espécie de paciência divina, mas "os pais são mais propensos à ira". Chama a atenção que Paulo repita suas ordens em forma um pouco mais completa em Colossenses 3:21. "Pais", diz, "não exasperem a seus filhos *para que não se desalentem*".

Bengel diz que a praga da juventude é o "espírito quebrantado"; o desalento que pode proceder de uma crítica e censura contínuas ou de uma disciplina muito estrita.

Davi Smith pensa que Paulo escreveu isto a partir de uma amarga experiência pessoal. Diz: "Vibra aqui uma nota de emoção pessoal e pareceria como se o coração do ancião cativo retornasse ao passado e lembrasse os desafeiçoados anos de sua própria infância. Educado na atmosfera austera da ortodoxia tradicional, experimentou pouca ternura e muita severidade e conheceu 'essa praga da juventude: o espírito quebrantado'."

São três as maneiras como podemos ser injustos com nossos filhos.

(1) Podemos esquecer que as coisas têm que mudar; que os costumes de uma geração não são os da outra. Elinor Mordaunt nos narra como deteve sua filha pequena para que não fizesse algo, dizendo-lhe: "Quando eu tinha sua idade não me deixavam fazer isso". E a menina respondeu: "Mas mamãe, deve lembrar que você vivia *então* e eu vivo *agora*". Os pais podem causar um dano imenso esquecendo que os tempos mudam e os costumes se transformam.

(2) Podemos praticar um controle tão estrito que se torne num descrédito para a mesma educação dos filhos. Manter uma criança muito tempo em andarilhos é confessar que não se confia nela, e isto no fundo é simplesmente dizer que não confiam na forma em que o educaram. É melhor correr o risco de equivocar-se confiando muito, que controlando muito.

(3) Podemos esquecer o dever de estimular. O pai de Lutero era muito estrito, tão estrito que raiava no cruel. Lutero acostumava dizer: "Retém a vara e arruína o menino — isto é verdade; mas junto à vara tenha uma maçã para dá-la quando agir bem".

Benjamin West nos narra como chegou a ser pintor. Certo dia sua mãe saiu, encarregando-lhe o cuidado de sua irmãzinha Sally. Na ausência de sua mãe encontrou alguns frascos com tinta de cor e começou a fazer um retrato de Sally. Ao fazê-lo causou uma considerável desordem e o manchou todo de tinta. A mãe voltou, observou a desarrumação mas não disse nada. Tomou a parte de papel e contemplando o desenho disse: "Como? É Sally!" E se inclinou para beijar o menino. Depois Benjamin West costumava sempre dizer: "O beijo de minha mãe fez de mim um pintor". O estímulo obtém mais que a recriminação.

Anna Buchan nos conta como sua avó repetia uma frase favorita mesmo quando era de idade avançada: "Nunca se deve acovardar a juventude".

Segundo Paulo, os filhos devem honrar a seus pais, mas os pais nunca devem desanimar a seus filhos.

SENHORES E SERVOS

Efésios 6:5-9

Quando Paulo escrevia aos escravos deve haver-se dirigido a uma grande quantidade de membros da Igreja cristã. Calculou-se que no império romano havia sessenta milhões de escravos. Nos dias de Paulo os cidadãos romanos estavam carcomidos por uma ociosidade terrível e fatal. Roma era a proprietária do mundo e portanto era indigno que os cidadãos romanos trabalhassem. Virtualmente todo o trabalho estava em mãos de escravos; até os médicos e professores eram escravos. Até os membros do círculo mais estreito de amigos dos imperadores, os secretários que se ocupavam da correspondência, solitudes e finanças,

eram escravos. Com freqüência os senhores eram bons. Existiam os laços da mais profunda lealdade e afecção entre o senhor e o escravo. Plínio numa carta a um amigo conta que se encontra profundamente afetado pela morte de alguns de seus escravos queridos. Mas tem dois consolos ainda que não lhe bastam para aliviar sua tristeza: "Sempre estive muito disposto a libertar a meus escravos (a morte teria sido muito mais oportuna se tivessem vivido o suficiente para receber a liberdade); a outra razão, é que lhes permiti fazer uma espécie de testamento que observo com toda escrupulosidade como se tivesse valor legal". Desta maneira fala o senhor bondoso.

Mas a vida dos escravos era fundamental e essencialmente uma vida lúgubre e terrível. Legalmente o escravo não era uma pessoa, mas sim uma coisa. Aristóteles escreve que jamais pode existir amizade entre o senhor e o escravo porque nada têm em comum: "Porque o escravo é uma ferramenta viva assim como uma ferramenta é um escravo inanimado". O escravo não era melhor que um instrumento nem possuía maiores direitos.

Varro, escrevendo sobre agricultura, dividia os instrumentos agrícolas em três classes — os invertebrados, os inarticulados e os mudos. Os invertebrados compreendem os escravos; os inarticulados o gado; e os mudos os veículos. O escravo não é melhor que um animal ainda que saiba falar.

Catão dando conselhos sobre granja diz a um conhecido que revise sua propriedade e lance fora tudo o que esteja passado; que também os escravos velhos sejam jogados no montão de desperdícios para que morram de fome. Quando um escravo está doente é pura extravagância dar-lhe rações normais. O escravo ancião e doente é só uma ferramenta rota e ineficaz. Por isso a lei era absolutamente clara.

Gaio, o jurista romano, consigna-a em suas *Instituições*: "Podemos advertir que se aceita universalmente que o senhor possui poder de vida e morte sobre seu escravo". Se um escravo fugia o mínimo que lhe podia ocorrer era que o marcassem na frente com a letra F de *fugitivus*, que

significa fugitivo ou desertor. No pior dos casos era morto. O terror dos escravos era esse estar completamente à mercê do capricho do senhor. Augusto crucificou um escravo porque tinha matado uma codorna favorita.

Vedio Polio jogou vivo um escravo às piranhas selvagens de seu lago porque tinha deixado cair e romper uma taça de cristal.

Juvenal nos fala de uma matrona romana que ordenou a morte de um escravo pela única razão de que se zangou com ele. Perante o protesto de seu marido repôs: "Acaso chama homem a um escravo? Dirá que não fez nada mau? Ainda que assim seja esta é minha vontade e mandato; minha vontade justifica minha ação".

As escravas que faziam de donzelas com freqüência tinham os cabelos arrancados e arranhadas as bochechas pelas unhas de seus ama. Juvenal fala do amo "que se deleita com o estalo dos cruéis açoites mais que com o canto das sereias", ou "alegra-se no metálico chiar das cadeias", ou "chama um torturador para que marque a ferro a um escravo porque desapareceu um par de toalhas".

Um escritor romano escreve:

"Tudo o que um senhor faça a seu escravo, imerecidamente zangado voluntária ou involuntariamente, descuidadamente ou depois de pensá-lo bem, sabendo ou sem sabê-lo, é juízo, justiça e lei".

Dentro deste terrível contexto é que se deve ler os conselhos de Paulo aos escravos.

SENHORES E SERVOS

Efésios 6:5-9 (continuação)

Devemos notar qual é o conselho de Paulo aos escravos, pois aqui temos o evangelho dos operários cristãos.

(1) Não lhes diz que se rebelem, mas sim sejam cristãos onde estejam. Esta é a grande mensagem do cristianismo a todo homem —

que devemos viver a vida cristã onde Deus nos colocou. As circunstâncias podem ser inteiramente adversas, mas isto só faz com que o desafio seja maior. O cristianismo não nos oferece um escape das circunstâncias mas sim a conquista das mesmas.

(2) Os escravos não devem realizar bem seu trabalho só quando o olho supervisor do senhor esteja em cima; o trabalho não deve fazer-se só para agradar aos homens. Deve realizar-se lembrando que Deus nos observa e que devemos lhe agradecer. A convicção do trabalhador cristão é que cada trabalho que realiza deve ser suficientemente bom para apresentá-lo a Deus. O problema com que o mundo se deparou sempre e com aquele que hoje em dia se depara agudamente não é fundamentalmente um problema econômico: é um problema religioso. Jamais faremos dos homens bons operários incrementando os salários ou melhorando as condições de trabalho ou aumentando as recompensas. É muito certo que é um dever cristão atender a estas coisas; mas por si mesmas elas nunca produzirão um trabalho melhor; menos ainda se obterá com a intensificação das ameaças, e aumentando a supervisão e multiplicando tristezas e castigos. O único segredo para realizar um bom trabalho é fazê-lo para Deus. Só quando o homem toma todo seu trabalho e o mostra a Deus é quando chega a realizá-lo bem.

Mas Paulo tem também uma palavra para os senhores. O que lhes diz é muito simples. O senhor de outros homens deve lembrar que apesar de ser senhor, não deixa de ser servo de Deus. Também deve ter presente que tudo o que faz está perante a vista e na presença de Deus. E sobre todas as coisas deve lembrar que tanto ele como aqueles sobre quem foi posto comparecerão diante de Deus; então as categorias do mundo não terão mais importância. Uns e outros serão simplesmente homens na presença de Deus.

O problema do trabalho ficaria resolvido se tanto os operários como os patrões acatassem as ordens de Deus.

A ARMADURA DE DEUS**Efésios 6:10-20**

Quando Paulo se despede dos seus, pensa na enorme luta que os espera. Sem dúvida na antigüidade a vida era muito mais terrível que em nossos dias. As pessoas criam cegamente em demônios, diabos e maus espíritos. Pensavam que o ar estava infestado desses maus espíritos, todos empenhados em danificar ao homem. Os termos que Paulo usa — principados, potestades, governadores — são todos nomes de diferentes classes de espíritos e demônios. Para Paulo o universo inteiro era um campo de batalha. O cristão não só tinha que lutar nos ataques dos homens, mas também nos ataques de forças espirituais que lutavam contra Deus. Nós podemos não interpretar literalmente a linguagem de Paulo; mas sabemos por experiência que o mal é um poder ativo neste mundo.

Robert Louis Stevenson disse uma vez: "Conhecem a estação de ferrovia de Caledonia em Edimburgo? Numa manhã fria quando soprava o vento do Este, encontrei-me ali com Satanás". Não sabemos qual foi de fato a experiência de Stevenson, mas admitimos esta experiência; todos temos sentido a força deste mau influxo que tenta induzir-nos ao pecado. Isto é o que em substância pensa Paulo quando fala dos demônios.

Assim Paulo se prepara para a defesa; e de repente adverte que tem diante dos olhos uma ilustração acabada. Durante todo este tempo Paulo estava encadeado pelo punho a um soldado romano. O soldado estava ali noite e dia para evitar que escapasse; o apóstolo era literalmente um embaixador em cadeias. Agora, Paulo era a classe de homem que podia dar-se bem com qualquer pessoa; sem dúvida tinha falado com freqüência com os soldados forçados a estar tão perto dele. Quando está escrevendo levanta o olhar e a contemplação da armadura do soldado lhe sugere uma imagem. Também o cristão tem sua armadura. Paulo menciona parte por parte a armadura do soldado romano, traduzindo-a em termos cristãos.

Havia o cinto da verdade. Era o cinto que rodeava a túnica do soldado e do qual pendia a espada; o cinto lhe dava liberdade de movimento. Os outros podem conjecturar e andar tateando; o cristão se move livre e rapidamente porque em qualquer situação conhece a verdade.

Havia a couraça de justiça. Quando um homem está revestido da justiça é inexpugnável. Não são as palavras as que defendem contra a acusação, mas sim a vida boa. Uma vez alguém acusou a Platão de certos crimes e pecados. "Pois bem", disse Platão, "devemos viver de tal maneira que demonstremos a mentira destas acusações". A única maneira de enfrentar as acusações contra o cristianismo é demonstrar quão bom pode ser um cristão.

Havia as sandálias, que eram o sinal de que alguém estava equipado e preparado para a marcha. O sinal do cristão é seu afã de estar no caminho para pregar o evangelho e participá-lo a outros. Ele está sempre disposto a comunicar a boa notícia de Cristo aos que não a conhecem.

Havia o escudo. A palavra que Paulo usa para escudo não se aplica ao relativamente pequeno escudo redondo, mas sim ao grande e oblongo que levava o guerreiro pesadamente armado. Uma das armas mais perigosas nas guerras da antigüidade era o dardo aceso. Era um dardo que levava na ponta uma estopa empapada em breu. Esta estopa era acesa ao arrojá-lo. Mas o grande escudo oblongo era a arma própria para extingui-lo. O escudo era feito de duas placas de madeira grudadas. Quando um desses dardos chocava-se com o escudo cravava-se na madeira e a chama se extinguia sozinha. A fé pode enfrentar os dardos da tentação. Para Paulo a fé é sempre plena e perfeita confiança em Cristo. Isto significa que a fé é sempre uma estreita relação pessoal com Cristo; quando partimos estreitamente unidos a Cristo nos vemos livres da tentação.

A salvação é simbolizada pelo capacete. Lembremos sempre que a salvação não apenas olha para trás – não significa apenas o perdão dos pecados passados, mas também a fortaleza frente a todo futuro ataque do

pecado. A salvação que está em Cristo nos dá o perdão dos pecados passados e a fortaleza para vencer o pecado futuro.

Há uma espada, que é a palavra de Deus. A palavra de Deus é uma arma que se usa ao mesmo tempo para a defesa e para o ataque. A palavra de Deus é a arma para nos defender contra o pecado e para atacar e vencer o pecado do mundo. Os cavaleiros de Cromwell lutavam com a espada numa mão e a Bíblia na outra. Jamais poderemos derrotar os inimigos de Deus ou ganhar as batalhas divinas sem o Livro divino.

Finalmente Paulo chega à arma mais poderosa — a oração. São três as coisas que devemos notar aqui com respeito à oração.

(a) Deve ser constante. Deve-se orar em todos os momentos da vida. Talvez a maior falha da vida cristã seja que freqüentemente tendemos a orar só nas grandes crises da vida. Só pela oração diária o cristão torna-se forte cada dia.

(b) Tem que ser intensa. Não tem que ser sonolenta, mas sim perseverante. Exige concentração. Uma oração frouxa não leva a parte alguma; exige a concentração em Deus de todas as faculdades.

(c) Não deve ser egoísta; deve abranger a todo o povo consagrado de Deus. Os judeus diziam: "Que o homem se una em suas orações com a comunidade". Penso que freqüentemente oramos por nós mesmos e muito pouco por outros. Devemos aprender a orar tanto e tão intensamente pelos outros como por nós.

Finalmente Paulo se encomenda à oração de seus amigos. E não pede o bem-estar e a paz, mas sim a graça de poder transmitir o mistério do evangelho, que o amor de Deus é para todos os homens, para todo mundo. É preciso sempre lembrar que nenhum líder cristão ou pregador cristão podem levar a cabo sua obra se seu povo não sustentar suas mãos com a oração.

A BÊNÇÃO FINAL**Efésios 6:21-24**

Como vimos, a Carta aos Efésios é uma carta encíclica e aquele que a levou de Igreja em Igreja foi Tíquico. Diferente das outras Cartas, *Efésios* não nos dá nenhuma informação pessoal de Paulo, exceto que estava na prisão; mas Tíquico em seu percurso das Igrejas daria informações sobre o estado de Paulo e transmitiria uma mensagem pessoal de alento.

Assim, pois, Paulo termina com uma bênção em que aparecem de novo todos os termos importantes que conhecemos: a paz que é o bem mais excelente do homem; a fé que descansa total e confidencialmente em Cristo; a graça que é o dom gratuito do amor de Deus. Paulo pede que todos estes dons venham sobre seus amigos do alto, das mãos de Deus. E acima de tudo pede pelo amor: que conheçam o amor de Deus; que amem os homens como Deus os amou; que amem a Jesus Cristo com um amor imperecível.